

COLETÂNEA DE
**POEMAS
E CONTOS**

VOL. VI



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

*Palavras que ficam
Quando tudo se vai.
Versos que sussurram
O que a alma não cala.*

*Histórias que tocam
E mundos que nascem
Da vida, do sonho
E do que a imaginação
revela.*

ANTOLOGIA NACIONAL 2026

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-02-38187-8
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

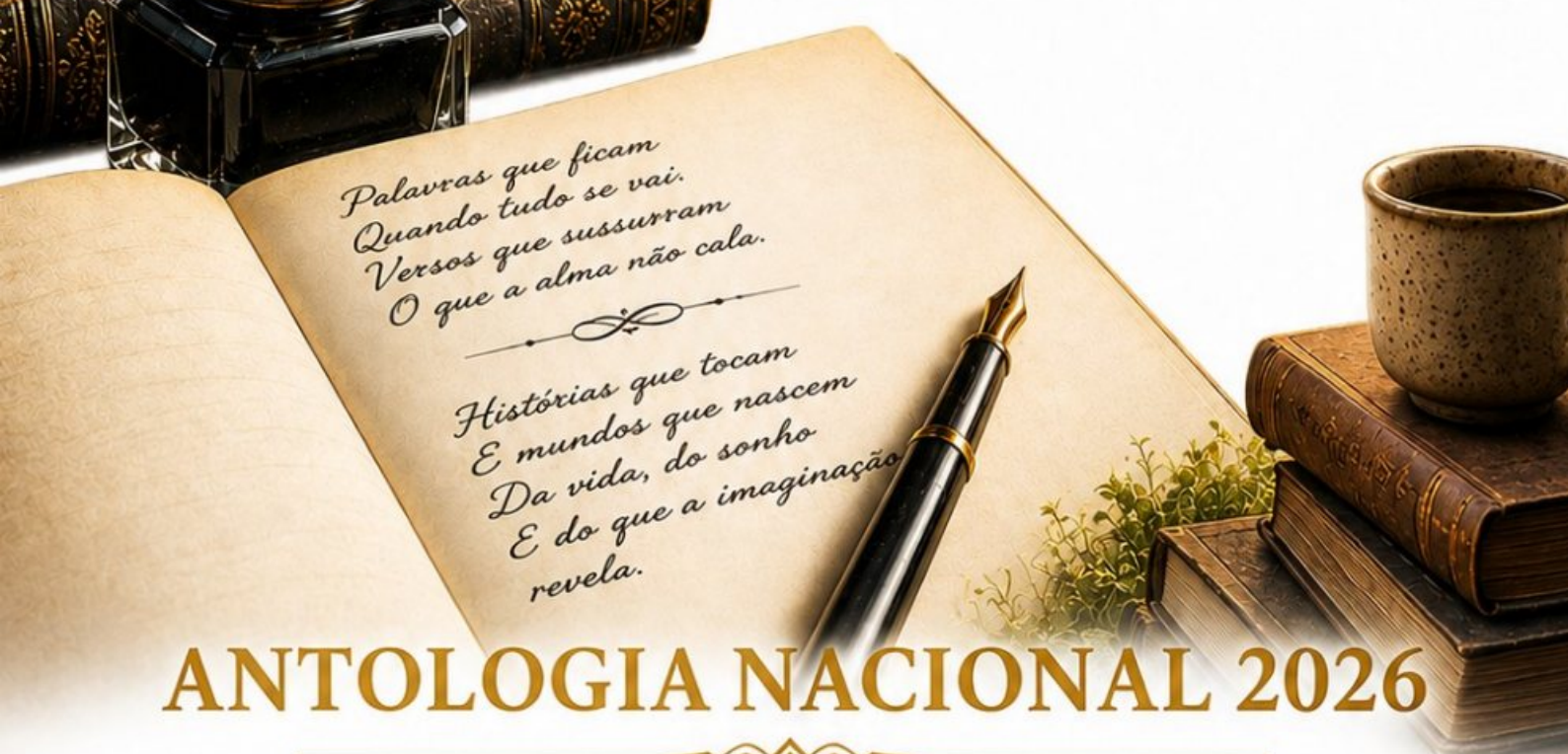
POEMA FRIO, POR ALEXANDRE MONTEIRO, PÁG. 05
O ARQUIVO DE SENTIMENTOS (A ANN CVETKOVICH), POR ALEXANDRE MONTEIRO, PÁG. 07
ELEGIA, POR ANA CAROLINA NUNES DO COUTO, PÁG. 09
RASCUNHO DE DOMINGO, POR ANGÉLICA FERREIRA SILVA, PÁG. 12
CHEIRO VAZIO, POR ANGÉLICA FERREIRA SILVA, PÁG. 17
REINO FUGAZ, POR ANGÉLICA FERREIRA SILVA, PÁG. 21
SABOR DAQUILO QUE SE DESFAZ, POR ANGÉLICA FERREIRA SILVA, PÁG. 25
DANÇA DAS CADEIRAS, POR ANGÉLICA FERREIRA SILVA, PÁG. 30
TSUNAMI, POR BRUNO ROBERTO PADOVANO, PÁG. 35
O BAILE DOS CORAÇÕES SOLITÁRIOS, POR CARLOS ROMERO, PÁG. 41
DEPOIS DA BANDA PASSAR, POR FERNANDO LORENZATO PEIXOTO, PÁG. 46
AMIGOS, POR FERNANDO LORENZATO PEIXOTO, PÁG. 48
O ACIDENTE, POR FERNANDO LORENZATO PEIXOTO, PÁG. 50
A LIGAÇÃO, POR FERNANDO LORENZATO PEIXOTO, PÁG. 53
A CRIANÇA, POR FERNANDO LORENZATO PEIXOTO, PÁG. 56
FIDELÍSSIMA, POR GEÓRGIA DAMATIS, PÁG. 59
ÁGUAS LÍMPIDAS, POR HELDER F. JÚNIOR, PÁG. 65
AS AVENTURAS DE BICÓ - UMA HISTÓRIA DE LIBERDADE, POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 73
SER SOCIAL, POR MARCO ANTONIO BRUNIALTI, PÁG. 81
O GATO, POR MARCO ANTONIO PALERMO MORETTO, PÁG. 83
A LUA DA QUARESMA, POR MARCO ANTONIO PALERMO MORETTO, PÁG. 85
CURUPIRA MARCOU O GOL, POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO, PÁG. 95
O ESPELHO, POR MARCOS VINICIUS DA EXALTAÇÃO, PÁG. 98
CURA, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 103
TRAIÇÃO, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 105
EXPRESSÃO, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 107
INTROSPECÇÃO, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 109
AS CINCO VOLTAS NO INFINITO, POR MARJORYE GOULART, PÁG. 111
SAUDADE DO QUE NÃO VIVI, POR RICARDO SILVA DE SANTANA, PÁG. 113
CARTÃO - CORAÇÃO, POR SANDRA GRIPPI, PÁG. 115
INSACIÁVEL SER, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 118
CORDA BAMBA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 120
À BEIRA DA MORTE, POR PATRICK COSTA, PÁG. 122
QUEM SOU EU?, POR PATRICK COSTA, PÁG. 124
CORONEL FRAGOSO: ANATOMIA DE UMA RUÍNA, POR PATRICK COSTA, PÁG. 126
RETORNO, POR PATRICK COSTA, PÁG. 131
CONFLITO RELIGIOSO, POR PATRICK COSTA, PÁG. 136
SER PASSAGEM, POR SORAYA GARCEZ UTSUMI, PÁG. 140
BAILARINA NO CERRADO, POR VINÍCIUS RIBAS MIRON, PÁG. 144
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 146

COLETÂNEA DE
**POEMAS
E CONTOS**

VOL. VI



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



*Palavras que ficam
Quando tudo se vai.
Versos que sussurram
O que a alma não cala.*

*Histórias que tocam
E mundos que nascem
Da vida, do sonho
E do que a imaginação
revela.*

ANTOLOGIA NACIONAL 2026

—•—  APRESENTAMOS  —•—

POEMA FRIO

POR ALEXANDRE MONTEIRO

A escrita poética de Alexandre Monteiro (Rio de Janeiro - 1970) denuncia seus múltiplos interesses e formações. É mestre em Sociologia Política (IUPERJ); arquiteto graduado pela UFRJ; artista visual; especialista em História da Arte pela UCAM (RJ) e professor do curso de graduação em Design da UCAM (RJ).



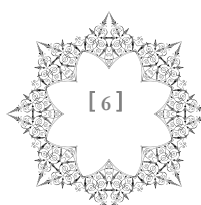
Chamei a emoção, no entanto não veio.
Traçou direção, perdeu-se no meio.
Estando à deriva, escrevo inda assim,
Sem alternativa, aspiro algum fim.

E sigo o poema, queria-o solar
(que importa a seu tema o meu desejar?)

Tão cinza e chuvoso, propõe-me ser frio,
Ser triste e moroso, de todo sombrio.
Não me quer alegre, feliz ou desperto,
Mas sim melancólico, nostálgico, incerto.

Que posso eu fazer, senão escrever?
Ceder às vontades do texto que vem,
Deixar ser levado, pro meu próprio bem,
Tornar-me instrumento e me submeter.

Ao frio poema que teima em surgir,
De escuros locais, que busco fugir.

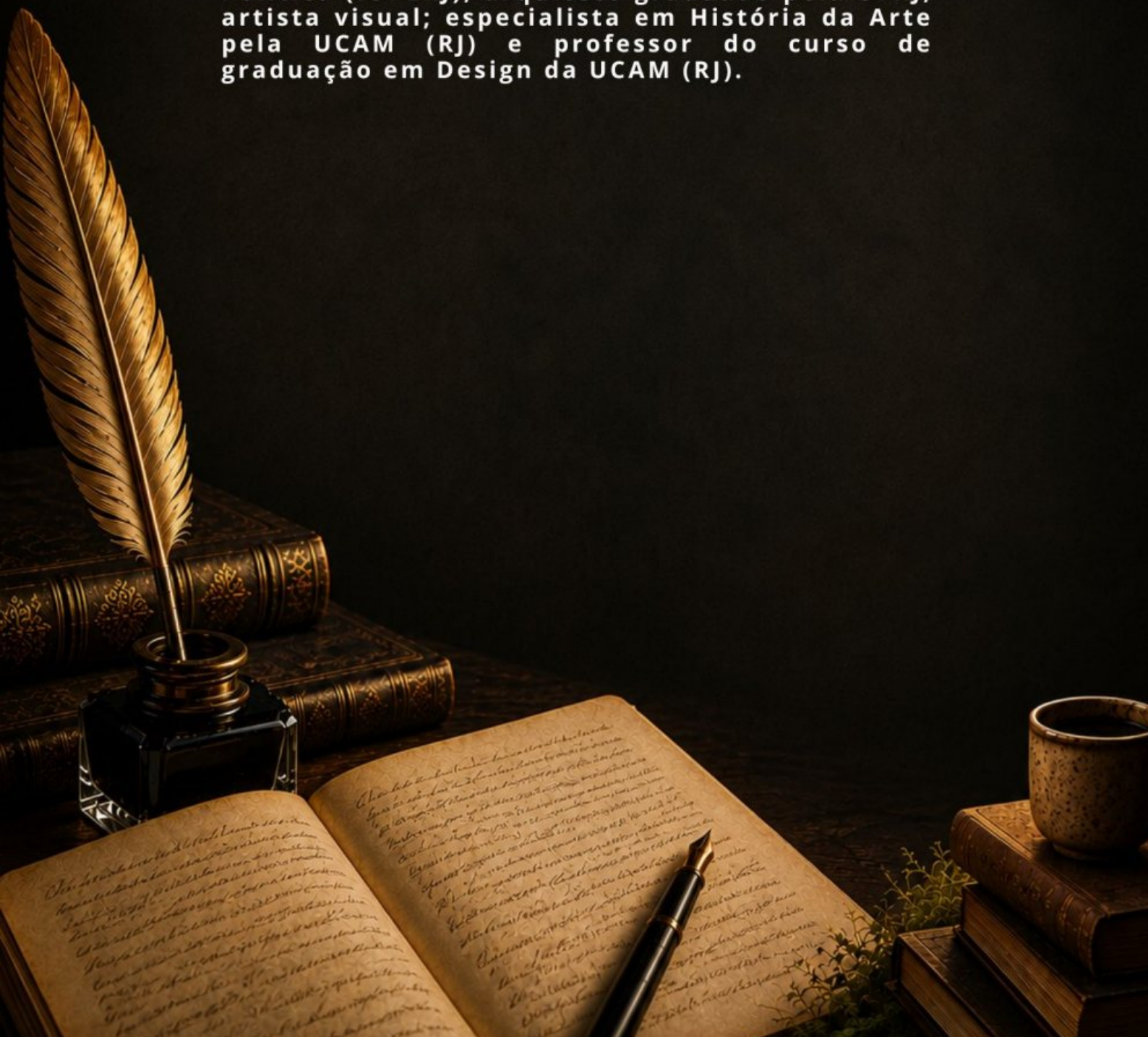


—•—  APRESENTAMOS  —•—

O ARQUIVO DE SENTIMENTOS (A ANN CVETKOVICH)

POR ALEXANDRE MONTEIRO

A escrita poética de Alexandre Monteiro (Rio de Janeiro - 1970) denuncia seus múltiplos interesses e formações. É mestre em Sociologia Política (IUPERJ); arquiteto graduado pela UFRJ; artista visual; especialista em História da Arte pela UCAM (RJ) e professor do curso de graduação em Design da UCAM (RJ).



De posse da chave, adentro ao arquivo.
Que é pleno de fotos, de cartas, poemas.
Local de memória de quem, inda vivo,
Reteve os registros de todos seus temas.

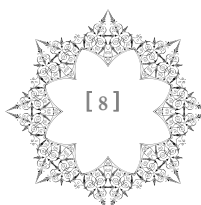
Vagando no arquivo, pareço sozinho.
Não mais que ilusão, miragem apenas.
As minhas histórias que entraram comigo,
Retornam à vida por novos esquemas.

Tropeço nas cartas no chão espalhadas,
Que trazem informes de tempos distantes,
Imagens que surgem tão embaralhadas,
Mas inda iluminam, assim como antes.

Recolho ao acaso a carta do chão.
(que diz esse acaso a quem lhe investiga?)
Na carta uma frase me chama atenção,
E a trago a meu texto, que a ela se liga.

O afeto à pessoa que hoje me ancora.
Já em nada estranho: amigo e irmão.
Suporte num mundo que as vezes devora,
Tornando mais leve tal conformação.

Não me vejo mais o que antes entrou,
No arquivo daquele de precoce fim.
E sendo algum tempo, quem nele habitou,
È hoje esse arquivo que mora – em mim.





APRESENTAMOS

ELEGIA

POR ANA CAROLINA NUNES DO COUTO

Ana Carolina Nunes do Couto nasceu em Pirassununga, SP, em 1979. Formou-se em Música pela Universidade Estadual de Londrina, tem mestrado em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Nesta última, trabalha como professora desde 2009. Reside em Recife, PE.



Sinto tanta saudade do meu pai.

Ele tinha 44 anos quando se encantou (é mais poético dizer assim, Roseanamente). Eu encontrava-me às vésperas de aniversariar os meus 20. Sou uma pessoa que recorre a fatos demarcatórios para conseguir memorizar datas: minha última menstruação foi um dia depois do feriado; a 1ª dose da vacina do meu gato aconteceu naquela sexta-feira da reunião de planejamento do trabalho; a última revisão do carro foi na semana do pós-carnaval do ano anterior; o aniversário da morte do meu pai é dois dias antes do meu aniversário. E assim eu consigo não esquecer daquilo que me dói de forma tão misteriosa e fascinante. Ou, assim eu consigo me lembrar de não esquecê-lo.

Hoje já sou mais velha do que ele conseguiu ser. Seríamos amigos? Sobre o quê conversaríamos? Eu teria raiva dele? Ou diante da continuidade da vida eu teria mantido a mesma adoração que me impedia de ver a sua humanidade?

Meu coração se enchia de sol nos dias em que eu sabia que ele estaria me esperando de moto, embaixo da sombra da árvore do outro lado da Rua 13 de Maio, ao final da minha aula de piano no conservatório. Ao cruzar a porta de saída, a imagem mais bonita, capaz de fazer minhas narinas se expandirem pelo calor do ar ofegante e apressado, era aquele homem tão bonito segurando o meu capacete e sorrindo para mim. Ninguém era mais belo ou inteligente. A viagem até nossa casa era uma das poucas oportunidades que eu tinha de abraçá-lo. 15 minutos de afeto roubado. Eu tinha raiva do nosso carro e dos dias chuvosos.

Ele lia. Lia muito. Ao chegar em casa, às 6:15 da manhã, após sair de seu expediente como guarda noturno, da mesa da cozinha - onde eu comia meu pão francês com manteiga esquentado na boca do fogão e tomava o meu leite antes de sair para a escola -, eu o via com seu livro da vez embaixo do braço, caminhando para o seu quarto, onde dormiria até por volta das 11 horas. Eram romances que eu nunca pude descobrir de quem os emprestava. Lia-os, muitas vezes, de um dia para o outro, durante a noite silenciosa. Acompanhava-o Josué de Castro, José Mauro de Vasconcelos, Erich von Däniken, Agatha Christie, e uma pistola carregada que certa vez achou-se empunhada em sua frente, diante de seus olhos tristes e carregados de uma velha culpa.

Antes de ser guarda noturno, meu pai era raspador de taco. Aplicava sinteco. As vilas militares da minha cidade eram trabalho certo, casas de oficiais, brigadeiros e coronéis da Força Aérea Brasileira. E trabalhos eventuais nas casas de civis também. A Kombi amarela de detalhes brancos carregava as máquinas de raspagem, os produtos do sinteco, e os dois irmãos, parceiros de profissão, de vida e de álcool. No dia em que o trabalho ficou escasso, e a inflação dos anos 1980 tornou insustentável a vida dos autônomos que tinham outras bocas para alimentar além das suas próprias, meu tio Nando dormiu para nunca mais acordar, abraçado à sua espingarda, após meu pai contar-lhe que tivera uma boa ideia de empregar-se com carteira assinada na fábrica da 51.

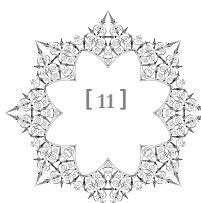
Depois disso, o quintal de casa deixou de ser verde. Não mais limoeiro, não mais cajueiro para o Lôro se dependurar e chamar pelo Curropaco-papaco, fim do milharal onde eu e meus irmãos brincávamos de esconder. Apenas flores mortas e um homem triste, cada dia mais calado.

Doía-lhe a vida. Doía-lhe a solidão de suas ideias hereges dentro de um lar de crentes. Doíam-lhe a juventude não vivida e um futuro sem sentido; doía-lhe o compromisso irreversível da paternidade e a irrespondível dúvida: "e se...?"

Morreu antes que eu conseguisse responder à pergunta que me fizera nos meus primeiros meses da faculdade: "mas o quê, exatamente, você estuda num curso de música?" Não soube dizer. Talvez por isso eu esteja lá até hoje, à procura da melhor resposta. Foi embora antes que eu pudesse lhe pedir conselhos; antes que eu pudesse me desencantar ou passear mais uma vez de moto, com meus braços enlaçados ao redor de sua cintura e sentindo o cheiro morno de sua pele através da camisa puída.

Antônio Carlos do Couto, meu pai.

06/09/2024



—•—  APRESENTAMOS  —•—

RASCUNHO DE DOMINGO

POR ANGÉLICA FERREIRA SILVA

Angélica Silva é graduanda em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP) e reside em Barueri (SP). Apaixonada por leitura desde cedo, encontrou na escrita uma forma de criar mundos e compartilhar histórias que refletem sua paixão pela literatura.



Era fim de tarde de terça-feira. Arthur chegou em casa cansado, como sempre chegava do serviço. O trajeto era um rastro de memória muscular: o mesmo assento no ônibus, o mesmo desvio da poça perto da calçada. Pegou as chaves do bolso e destrancou o portão. Decidiu destrancar também a caixa de correio. A conta de luz havia chegado, assim como um panfleto de pizzaria. Entre esses papéis, repousava um envelope de textura aveludada, pesado, com uma fita de cetim preta cruzando o papel creme.

Dentro, a caligrafia era impecável: *“A família de Arthur P. Ramos convida para a cerimônia de despedida e sepultamento. Domingo, às 15h. Cemitério das Oliveiras, Jazigo 42. Favor não enviar flores; Arthur preferia silêncio.”*

Arthur soltou uma risada seca. “Uma brincadeira de muito mal gosto”, pensou. Ele estava vivo, sentia o pulso firme e o peso do cansaço nos ombros. Deixou o convite sobre a mesa da cozinha, jogou a mochila no sofá e começou a pensar no que prepararia para a janta. Acabou fritando um ovo e comendo direto da frigideira, olhando para o convite, ele se sentiu observado por algo — mesmo que fosse apenas por um pedaço de papel.

No dia seguinte, ao tentar pagar o almoço, um prato feito que ele comia toda quarta-feira no mesmo restaurante da esquina, o cartão foi recusado três vezes. “Código 04”, disse o garçom com um olhar de estranha piedade. Arthur ligou para o banco.

— Sinto muito, senhor — disse a atendente. Sua voz parecia vir de muito longe. — Esta conta foi encerrada ontem às 17h por óbito do titular.

— Mas eu estou falando com você! Eu sou o titular!

— Entendo, senhor. Mas o sistema é claro. Meus pêsames. — Assim a ligação se encerrou. Arthur ficou parado, o celular ainda no ouvido por um tempo. Isso era inadmissível.

Quinta-feira, Arthur chegou ao escritório e não cumprimentou ninguém. Era um hábito ignorarem sua presença até que precisassem de uma planilha. Ao sentar-se, viu que seus colegas olhavam para as telas com olhos marejados. Um e-mail geral acabara de ser enviado: *“É com profundo pesar que comunicamos a partida precoce de nosso colega*

Arthur.” Ele gritou que estava ali, bateu na mesa, derrubando sem querer o porta-canetas de metal. Já estava muito irritado com essa história. Ninguém desviou o olhar.

Na sexta-feira, ele não foi trabalhar. Passou o dia fazendo uma boa faxina. Encontrou uma foto antiga entre os livros: ele aos dez anos, com um sorriso largo e um corte de cabelo que a mãe insistira. A imagem trouxe uma memória de verão, de um rio onde aprendera a nadar, e por um segundo ele sentiu a criança que fora — curioso, cheio de planos — olhando para o homem que se tornara. A faxina virou tentativa de ordenar não só a casa, mas também as lembranças que se acumulavam como pó. Terminou sentado no chão da sala, vendo a poeira dançar nos raios de sol. Ele ligou para a mãe sete vezes. Na oitava, ela atendeu.

— Alô? — a voz dela estava rouca, parecia ter chorado.

— Mãe! É o Arthur! Eu estou bem, houve um erro! — Houve um silêncio do outro lado.

— Alô? — ela repetiu, entre soluços. O clique do telefone desligando soou como o martelo de um juiz. Arthur chorou, mas não encontrou muitas lágrimas.

O sábado foi o dia mais longo. Ele saiu para caminhar logo de manhã sem um destino certo. Passou por lugares que guardavam fragmentos de sua vida: a banca onde comprara doces, a sorveteria onde tivera o primeiro beijo, a praça onde, anos atrás, lera um livro inteiro até o sol se pôr. Cada esquina parecia sussurrar uma versão de si mesmo.

Andando, as pessoas esbarravam nele, dado os últimos acontecimentos daquela semana, tudo era completamente assustador. Decidiu voltar para casa a passos rápidos, quase correndo, e se afundou no sofá, sem saber o que esperar do dia seguinte.

O domingo amanheceu com um sol cruelmente brilhante.

Arthur não vestiu seu melhor terno; vestiu o que usava todos os dias: camiseta e calça jeans. Caminhou até o Cemitério das Oliveiras. O Jazigo 42 estava cercado. Viu seu chefe, seus poucos amigos e a ex-namorada que não via há anos. Todos choravam por um Arthur que ele mal reconhecia nas histórias sussurradas — um Arthur que parecia ter

sido muito mais amado e interessante do que o homem que ele realmente fora. Era estranho: precisou morrer para que as pessoas notassem sua falta.

Ele se aproximou do caixão, o coração martelando contra as costelas como um animal enjaulado. Olhou para dentro.

O homem deitado ali era ele. Mesma cicatriz na sobrancelha, mesmo cabelo ralo. Mas havia uma serenidade naquele rosto que Arthur nunca sentira. O Arthur morto parecia ter se livrado de um peso invisível. Ele parecia, ironicamente, muito mais vivo do que o Arthur que observava do lado de fora. O defunto tinha um semblante de quem finalmente havia terminado um trabalho exaustivo.

— Ele chegou na hora certa, não acha?

Arthur deu um pulo. Um coveiro de meia-idade, com o rosto sulcado como a terra que cavava, estava ao seu lado, apoiado em uma pá. Era o primeiro par de olhos que realmente o enxergava em dias.

— Isso é um erro — balbuciou Arthur. — Eu estou aqui. Eu respiro.

— Respirar é um hábito, rapaz. Viver é outra coisa — o coveiro deu de ombros. — O Arthur que o mundo conhecia, aquele que só cumpria horários e esquecia de olhar o céu, esse morreu faz tempo. O convite foi só uma formalidade burocrática do destino. Sua alma pediu demissão antes do seu corpo, entende?

Arthur olhou para a multidão que começava a se dispersar. Ninguém notou o homem de pé ao lado da cova.

— E agora? O que eu faço? Não tenho conta no banco, não tenho emprego, minha mãe acha que virei lembrança... eu não sou ninguém.

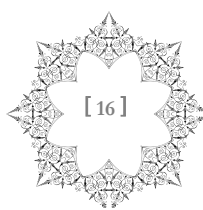
O coveiro sorriu, revelando um dente de ouro que brilhou ao sol.

— Exatamente. Ninguém. Você acaba de ganhar a coisa mais valiosa do mundo, Arthur: uma folha em branco. O morto está ali no caixão. E você? Você é só um rascunho.

Enquanto o coveiro falava, Arthur sentiu as palavras abrirem uma fresta dentro dele. Lembrou-se de promessas que fizera a si mesmo e que nunca cumprira: aprender a tocar

violão, visitar a irmã que morava em outra cidade, escrever cartas para pessoas que o ajudaram no passado.

Ele olhou a cena de novo. Sentiu um frio na espinha, seguido por uma leveza tão súbita que quase o fez flutuar. Ele deu as costas ao jazigo e começou a caminhar em direção à saída do cemitério. Não sentia mais o peso da mochila imaginária que carregava há anos. Cruzou o portão de ferro sem olhar para trás. Ele não tinha para onde ir, e pela primeira vez na vida, isso não parecia um problema.



— — — — — APRESENTAMOS — — — — —

CHEIRO VAZIO

POR ANGÉLICA FERREIRA SILVA

Angélica Silva é graduanda em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP) e reside em Barueri (SP). Apaixonada por leitura desde cedo, encontrou na escrita uma forma de criar mundos e compartilhar histórias que refletem sua paixão pela literatura.



A cidade não dorme, apenas murmura com o som de pneus no asfalto molhado. A garoa fina, embaça os vidros do Voyage branco de Jonas. Está estacionado em uma travessa, espremido entre uma caçamba de entulho e um Corolla blindado. O motor está desligado para economizar combustível, mas o celular, fixado no painel, pulsa com o mapa aberto, uma artéria azul cortando o cinza da cidade. Sentia que o tempo não corria mais em linha reta; ele se acumulava nas dobras do banco, sob os tapetes de borracha, como a poeira que ninguém vê.

Dentro do carro, o ar é denso. Jonas se lembra de quando comprou o veículo, há dois anos. Tinha aquele “cheirinho de carro novo” que ele e o filho, João Vitor, tanto comemoraram. João Vitor dizia que “tinha cheirinho de conquista”. Hoje, esse perfume dissipou-se. Foi substituído por um cheiro neutro de estofado cansado e desinfetante barato. Jonas inspira fundo, como se buscasse no ar algum vestígio daquele tempo.

Faz sete dias que João Vitor se foi. Sete dias que Jonas não consegue dormir mais do que três horas seguidas. Há quase três anos, ele já perdera Roberta, sua esposa, que parecia ter levado consigo um grande pedaço de sua vida. Agora, o silêncio não é mais uma ausência de barulho; é uma presença física. Ele precisa falar. Precisa que alguém o escute, nem que seja por alguns segundos, nem que seja um estranho.

O celular vibra. Destino: Itaim Bibi. Um homem de terno impecável e pasta de couro entra no carro, exalando um perfume extravagante.

— Boa noite, patrão. Faria Lima? — pergunta Jonas, tentando buscar o olhar dele pelo retrovisor.

— Isso — Responde o homem, sem desviar os olhos do notebook que já abria sobre o colo.

Jonas pigarreia. — Sabe, patrão... meu filho dizia que essa região era o coração do Brasil. Ele era formado em TI, um gênio o meu menino. Enterrei ele na Vila Formosa faz uma semana.

O homem de terno digitava algo freneticamente no notebook, completamente alheio — É... a Vila Formosa é longe, né? Tem um trânsito terrível mesmo.

Jonas engole em seco. Ele sente como se tivesse falado para o vidro, não para uma pessoa. A frase que ele preparou sobre como o João Vitor era bom em matemática morre na garganta.

Perto da meia-noite, Jonas pegou um grupo na Rua Augusta. Duas garotas e um rapaz, todos rindo alto, com o rosto iluminado pelo brilho dos celulares.

— Gente, essa foto ficou péssima, meu rímel tá todo borrado! — grita uma delas enquanto se ajeita no banco de trás.

A outra garota posiciona o celular no alto, iniciando uma gravação:

— Indo para o segundo rolê da noite! — ela grita para a câmera, ignorando completamente a presença de Jonas.

Ele tenta uma brecha no barulho.

— O meu filho... ele também não saía de casa sem se arrumar todo, sabe? Sempre tinha algum amigo gravando essas coisas... — sua voz vacila, perdendo o volume — Ele faleceu faz uma semana. Uma gripe que virou pneumonia em dois dias...

A garota olha para o lado, visivelmente desconfortável com a interrupção do clima. Ela não responde. Apenas vira-se para o amigo e sussurra: — O ar-condicionado tá ligado? Tá meio abafado aqui, né?

O rapaz sequer olha para Jonas; apenas estica o braço e manipula os botões do painel até que o vento comece a soprar. Entre si, eles retomam a conversa sobre suas conquistas da noite, a festa, a promoção de bebidas, enquanto Jonas sente-se apenas um incômodo para os passageiros.

Eles brilhavam, pensou, mas era um brilho sem calor, como a luz das estrelas mortas que a gente vê no céu. A morte não era um fim, era uma diluição: João Vitor estava agora em todo lugar onde não podia tocá-lo.

O turno acabou às 3h da manhã. Jonas manobra na garagem apertada do prédio, o lugar cheira a mofo e óleo de motor. Ele desliga o carro, mas suas mãos continuam coladas ao volante. Não quer encarar o silêncio do apartamento vazio que o espera, às

vezes quebrado por um estalo da geladeira, nem o prato de seu filho que ainda estava no escorredor, ou o resto do perfume de Roberta que teima em não sair do travesseiro.

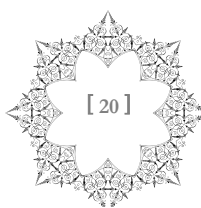
Ele olha para o banco do passageiro. Toca o painel, exatamente onde João Vitor costumava apoiar os pés — e recebia broncas por isso.

— Pois é... — Jonas murmura, e sua voz abafada no espaço pequeno do carro. — Você viu, né? Ninguém tem tempo. Todo mundo corre tanto que esquece que a gente também é gente. — Fez uma pausa e sorriu com o pensamento — Sua mãe ia ficar brava de me ver falando com o carro, né? Mas se eu não falar, se eu não contar a sua história, o que sobra de nós?

Ninguém respondeu. Jonas acaricia o painel, como quem toca uma cicatriz. O cheiro de carro novo morreu, mas ele jura sentir um resquício, escondido, como se João Vitor tivesse deixado ali uma marca invisível, um perfume que só ele consegue reconhecer.

Encosta a cabeça no banco e começa a contar para o estofado sobre o dia em que o João Vitor aprendeu a andar de bicicleta no parque. Ele fala sobre os planos que tinham, sobre a falta que o barulho da chave na porta faz. Cada palavra é um fio invisível que ele lança para o vazio, esperando que alguém, ou algo, o segure.

O Voyage branco não se mexe, não se incomoda, torna-se então testemunha muda de uma dor que a cidade inteira ignora. Jonas finalmente encontra alguém, ou algo, que à sua maneira silenciosa, o escuta. Contar ao carro era, no fundo, costurar a própria existência para que ela não se desmanchasse no ar úmido da madrugada.





REINO FUGAZ

POR ANGÉLICA FERREIRA SILVA

Angélica Silva é graduanda em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP) e reside em Barueri (SP). Apaixonada por leitura desde cedo, encontrou na escrita uma forma de criar mundos e compartilhar histórias que refletem sua paixão pela literatura.



Antes de tudo, Manu prendeu seu cabelo num coque desajeitado, amarrando os cabelos em uma fita azul, que já estava um pouco desbotada nas pontas, mas ela acreditava que objetos antigos guardavam poderes maiores, como se acumulassem desejos ao longo do tempo.

Saiu para o quintal. O sol da tarde batia em suas costas e era quentinho. Deitada de bruços, com o queixo quase encostando na terra úmida entre as roseiras, analisava como a guerra estava se desenvolvendo. Na altura do chão, as raízes das roseiras eram colossais árvores retorcidas de uma floresta sombria, e o pequeno caminho de pedriscos era um grande desfiladeiro perigoso.

Manu segurava um graveto com a ponta dos dedos, movendo-o com uma precisão engenhosa: estava ajudando as formigas amigas a construírem uma muralha de gravetos e folhas secas.

Do outro lado, as formigas vermelhas, as malvadas, avançavam em uma linha silenciosa. Essas devem ser más, porque nunca sorriem. Ao mesmo tempo, admirava a disciplina delas, embora nunca tivesse admitido isso em voz alta. Havia algo assustador e bonito na forma como marchavam sem pensar, como se todas já soubessem de tudo, mesmo sem conversarem umas com as outras.

Ela havia desenhado símbolos secretos que misturavam letras inventadas e círculos incompletos na terra com a ponta do graveto, acreditando que eram capazes de aumentar a força das formigas amigas.

Será que o General entende português ou só fala língua de formiga? Melhor falar baixinho, vai que ele é tímido.

— Não se preocupem — sussurrou Manu — O General está a caminho.

O General era uma formiga maior que as outras, que ela havia resgatado de uma poça e colocado cuidadosamente sobre uma folha de louro. Para Manu, ele não era um inseto; era um aliado que dependia da sua magia para sobreviver.

O grão de milho que foi parar misteriosamente no quintal, era um grão sobrevivente. Ele tinha escapado do saco que faz barulho no micro-ondas que Manu ouvia à distância. Era o tesouro real que precisava ser protegido a todo custo. Se as vermelhas chegassem ao grão, o reino cairia. Então para atrapalhar as inimigas, Manu espalhou pétalas secas como se fossem armadilhas.

A batalha estava no auge. Manu soprava para desviar as inimigas, criando tornados que limpavam a área. Se soprasse forte demais, talvez virasse um furacão e derrubaria até a roseira. Aí mamãe ia brigar, mas pelo menos o reino ficava salvo. Melhor não.

Inventou uma pequena canção, enquanto ela repetia, as formigas marchavam mais forte. Estava tão imersa no destino daquelas pequenas vidas que o som da porta dos fundos se abrindo pareceu vir de outro planeta.

— Manu! Sai daí, filha, senão vai se molhar toda!

A voz da mãe era um estrondo que vinha das nuvens. Manu nem teve tempo de protestar. Antes que pudesse avisar que o reino estava em formação de defesa, sua mãe desenrolou a mangueira verde, que parecia ter algo de perigoso.

O som foi o de um chiado metálico, seguido por um jato violento. A água não caiu como chuva; caiu como um dilúvio. Manu viu, em câmera lenta, a muralha de gravetos ser desintegrada e formarem-se rios de lama.

— Não! — ela gritou, esticando as mãos para tentar cobrir o formigueiro, mas as gotas pesadas batiam em seus dedos e respingavam com força.

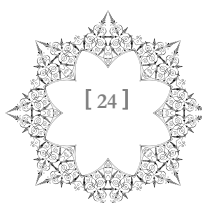
A água lavou tudo. O grão de milho foi arrastado para o ralo. O General, em sua montaria de folha de louro, rodopiou em um redemoinho até desaparecer em uma fenda no cimento. Em segundos, o império que Manu levava boa parte da tarde para construir, desfez-se, deixando apenas o cheiro de terra molhada e o barulho rítmico da mangueira batendo nas folhas das rosas. A menina tentou recolher alguns gravetos sobreviventes, mesmo que úmidos.

A mãe fechou a torneira e guardou a mangueira, satisfeita com o frescor do jardim.

— Pronto, agora as flores vão ficar bonitas — disse ela, voltando para dentro sem notar o desastre.

Era confuso como a mãe podia ser tão bondosa e tão terrível ao mesmo tempo. Ela sorria enquanto girava a torneira, achando que estava dando de beber às flores, mas não percebia que estava afogando uma civilização. Talvez o mundo fosse assim: um monte de gente tentando ajudar uns aos outros e acabando com os planos de alguém sem querer.

Manu continuou ali, sentada nos calcanhares, observando o chão liso. Um mundo tinha acabado sem que ninguém, além dela, tivesse percebido. Pegou uma pedrinha e a guardou no bolso, prometendo que seria o tesouro do próximo reino a ser construído. Reparou que estava com fome e decidiu entrar para lavar as mãos.



—•—  APRESENTAMOS  —•—

SABOR DAQUILO QUE SE DESFAZ

POR ANGÉLICA FERREIRA SILVA

Angélica Silva é graduanda em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP) e reside em Barueri (SP). Apaixonada por leitura desde cedo, encontrou na escrita uma forma de criar mundos e compartilhar histórias que refletem sua paixão pela literatura.



O shopping respirava em ciclos. Um sopro frio descia do teto, constante, indiferente ao clima lá fora, como se ali dentro o tempo tivesse sido domesticado. As luzes não piscavam; persistiam. Helena olhou para cima, mas não encontrou o céu que costumava desenhar nos cadernos de infância, quando as constelações pareciam um mapa de fugas possíveis. Ali, o infinito fora substituído por placas de gesso e dutos de alumínio. Era um universo sem expansão.

Helena caminhava ao lado do filho, segurando-lhe a mão com uma delicadeza automática. Sentia a palma da mão de Théo, temendo apertar demais ou deixar escapar. O chão polido devolvia reflexos limpos — rostos, pernas, vitrines — tudo duplicado, tudo mais nítido do que o real. No reflexo, ela parecia mais inteira do que na própria pele. Parecia mais fácil existir no reflexo do que existir de verdade.

Théo soltou sua mão por um instante, atraído por uma vitrine onde manequins sorriam sem boca.

— Mamãe, elas são de verdade?

Helena olhou. Os corpos imóveis vestiam roupas finas com uma naturalidade impossível. Observou o rosto da manequim: a pele de plástico não tinha poros, não tinha cicatrizes de acne ou marcas de expressão deixadas por preocupações. Eram perfeitas porque não sentiam.

— Não, meu amor. Elas só parecem.

O menino aproximou o rosto do vidro, examinando.

— Elas são felizes?

A pergunta ficou suspensa entre o vidro e o reflexo dos dois. Helena viu o próprio rosto — firme, composto, estranho. Não respondeu. Puxou levemente o filho pela mão.

— Vamos?

Seguiram. O som do shopping era um mar baixo e contínuo: passos, conversas dissolvidas, talheres tilintando em pratos ao longe. Nada se destacava. Era um barulho

sem centro, que não pertencia a ninguém, mas que ocupava todos. Era um pensamento que não se completa.

Passaram por vitrines que exibiam versões possíveis de uma vida: vestidos para ocasiões que talvez nunca acontecessem, sapatos para caminhos que já estavam traçados. Helena pensou, sem querer pensar, que ali se vendiam também formas de existir. Bastava escolher, pagar, levar para casa, mas nenhuma parecia se ajustar a ela.

— Mamãe — disse Théo, de repente — Eu quero um sorvete.

Helena parou. Não porque o pedido fosse inesperado, mas porque havia nele uma urgência tranquila, uma certeza que ela já não reconhecia.

— Agora?

— É porque eu tô com vontade de ficar feliz — explicou o menino, com simplicidade.
— E se eu tomar, eu fico.

Helena sorriu.

— Felicidade é assim?

Théo deu de ombros, impaciente com perguntas desnecessárias.

— É mamãe. A gente vai?

Agora o filho era quem a conduzia. A escada rolante surgia à frente, deslizando pessoas para cima e para baixo continuamente. Helena colocou o pé no primeiro degrau e sentiu o corpo ser levado. Não havia esforço. O movimento acontecia sem ela. Era idênticos a seus últimos dez anos: uma ascensão para lugar nenhum, onde bastava manter-se de pé para parecer que estava progredindo.

Olhou para os lados. Rostos neutros, ninguém parecia estar indo a algum lugar específico. Apenas subiam.

No segundo piso, a intensidade era ainda maior. A praça de alimentação se abria como um campo de luzes e vozes sobrepostas.

Helena parou por um instante, desorientada. Não era o barulho: era a ausência de silêncio dentro de si. Tudo parecia ocupar o mesmo plano: o pedido do filho, o cheiro doce, a memória súbita de um quarto antigo.

Lembrou-se de sua própria mãe, Eleonor, penteando o cabelo diante do espelho. O gesto preciso, repetido, como quem organiza o mundo em linhas retas. Nunca olhava diretamente para ela, apenas através. Helena sempre fora um reflexo secundário.

Mas não era a mãe que a feria agora. Era o que ficara suspenso no tempo: o desejo da infância de estudar astronomia, os cadernos de anotações sobre estrelas que se perderam em caixas, o desejo de sentir a terra sob as unhas, de rir alto sem medir o espaço. Pequenos futuros que se dissolveram sem drama, apenas por hábito.

Ela pensou no marido, na agenda cheia, nas conversas que nunca terminavam de verdade. Pensou na própria voz, tantas vezes reduzida a respostas mais fáceis.

— Vem mamãe — insistiu Théo, puxando-a.

A fila do sorvete era curta. Pessoas esperavam com uma paciência distraída, olhando para o painel de sabores como quem consulta possibilidades de futuro.

Chocolate, baunilha ou misto.

Simple demais, pensou Helena. Reduzido demais.

— Qual você quer? — perguntou.

— Os dois — disse o menino — Pra durar mais.

Helena sorriu. Havia ali uma estratégia contra o fim.

Enquanto esperavam, Théo olhou para cima, estudando o rosto da mãe com uma atenção diferente.

— Mamãe... você é feliz?

Helena sentiu que a pergunta não vinha apenas do filho, mas de um lugar mais antigo, como se fosse a própria voz, perdida no tempo, pedindo resposta. Observou as

próprias mãos. A pele bem cuidada, as unhas feitas, a aliança firme no dedo. Tudo no lugar. Tudo funcionando.

Mas havia um descompasso. Ela era o manequim sem boca da vitrine, vestindo uma vida de seda que não a aquecia.

— Eu... — começou, mas a palavra não encontrou continuação. Percebeu que não sabia mais distinguir entre o que desejava e o que já havia desistido de desejar.

— Eu gosto de estar com você — disse, por fim.

Era uma resposta incompleta. Mas era o que havia. Théo pareceu satisfeito. Nem toda pergunta exige precisão.

Receberam as casquinhas, que já começavam a ceder ao calor mínimo do ambiente. Sentaram-se. O menino mergulhou a colher com urgência, como quem segura algo que pode escapar.

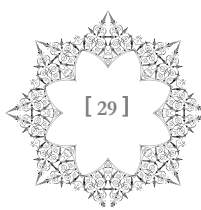
Helena observou que o sorvete derretia como os minutos: primeiro lento, depois rápido demais.

— Tá gelado — disse Théo, rindo. — Dá um frio aqui — e apontou para a barriga.

Por um instante, apenas um instante, havia só aquilo: o sabor, o gesto, a presença do filho ao lado. Sem passado. Sem resposta. Era apenas esse pequeno intervalo entre o que ela era e o que Théo ainda podia ser.

O shopping continuava pulsando ao redor, indiferente. Pessoas chegavam, pessoas saíam. As luzes não mudavam, se o sol desaparecesse lá fora, não faria a menor diferença.

Helena levou sua colher à boca. O gosto era doce, mas tinha o peso de uma despedida. Ela observou o sorvete derretendo, escorrendo pelos dedos de Théo, e sentiu uma vontade súbita de chorar por aquela alegria tão pequena e tão frágil. A felicidade, para ela, tinha se tornado isso: um intervalo curto e gelado entre duas longas esperas. Um doce que acabava antes mesmo de se conseguir nomear o que se sentia.



—•—  APRESENTAMOS  —•—

DANÇA DAS CADEIRAS

POR ÂNGÉLICA FERREIRA SILVA

Ângélica Silva é graduanda em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP) e reside em Barueri (SP). Apaixonada por leitura desde cedo, encontrou na escrita uma forma de criar mundos e compartilhar histórias que refletem sua paixão pela literatura.



No quintal de Dona Zulmira, as três cadeiras de plástico encardido formavam uma fileira que, de tempo em tempo, precisava ser reajustada. Zulmira, que tinha braços fortes de quem ainda comandava a casa com rigor, ajeitou o avental de chita sobre o vestido roxo.

— Arreda um tiquinho, Rosa. A sombra do muro já tá lambendo o seu pé — avisou com sua voz grave e rouca, curtida pelo tempo e por uma autoridade natural, empurrando a própria cadeira com um rangido seco que o plástico fazia no cimento.

Rosa acatou. Ela ainda insistia em pintar os cabelos de um castanho avermelhado que desafiava a raiz branca. Também usava pequenos brincos de pérola para não perder a pose. Elas caçavam o sol como se ele fosse um remédio passado em conta-gotas.

Do outro lado da rua, um caminhão de mudança manobrava com dificuldade, soltando uma lufada de fumaça preta que fez as três senhoras abanarem o ar. O novo vizinho, um rapaz de cabelos desgrenhados e fones de ouvido, carregava uma caixa. Estava sem camisa, revelando uma enorme fênix tatuada que lhe cobria as costas inteiras.

— Benza Deus... — suspirou Dona Nena, a mais silenciosa das três, ajeitando os óculos de lentes grossas que faziam seus olhos parecerem imensos. Nena era miúda, muito branca e de uma fragilidade que enganava; seus cabelos eram de um algodão puríssimo, presos num coque firme que não deixava um fio escapar. — O rapaz parece um caderno de desenho ambulante. Quem olha de longe pensa até que ele foi pintado de tinta mesmo. Se o falecido Juca visse isso... Caía duro na hora!

As três riram em cumplicidade.

— Pois eu acho é coragem — rebateu Zulmira, apertando os olhos contra a claridade. — No nosso tempo, a gente escondia o que não podia. Lembram da Rosa com o batom carmim?

Riram em coro, um chiado que parecia vir lá do fundo, que sempre terminava num 'ai, ai' que servia para colocar o coração de volta no lugar. Rosa fechou os olhos e, por um segundo, sentiu o cheiro do pó de arroz e o pânico de ter pintado os lábios de vermelho, escondida do pai atrás do pé de manga, antes do baile de Carnaval. Sentia de novo o

gosto do batom barato e o medo de um sermão que duraria até a quaresma. O pai nunca soube, mas o sol daquela tarde parecia denunciar o rastro vermelho no canto da boca, que ela limpava freneticamente nos punhos da camisa antes de entrar em casa.

O caminhão de mudança deu um solavanco e o sol, indiferente às memórias, recuou mais um palmo. Zulmira nem precisou falar. Num movimento ensaiado por décadas de amizade, as três arrastaram as cadeiras de novo. O plástico soltou um ruído de protesto.

— Meu pai me deixava de castigo por causa de dois dedos de saia acima do joelho que eu inventava de usar — Rosa comentou, voltando ao presente enquanto observava o vizinho receber um pacote de um entregador. Ela alisou o próprio joelho, onde a pele agora era fina como papel de seda. — E esse moço aí, recebe comida na porta, mostra o corpo pra vizinhança... parece que a vida ficou mais leve pra eles, não parece?

— A vida não ficou leve, Rosa. Ficou foi rápida! — ponderou Nena, com sua voz fininha, quase um sussurro de vento. — A gente esperava meses por uma carta de amor que vinha com um restinho de perfume e dobrava o papel com tanto cuidado que a marca da dobra virava cicatriz. Esse aí digita no aparelhinho e pronto. Mas será que o coração bate igual?

Nena lembrou-se do dia em que o marido partiu para trabalhar em Brasília nos anos 70, quando a capital ainda era uma promessa de terra vermelha e poeira. O sol daquela manhã de despedida era tão cruel que parecia queimar as lembranças antes mesmo delas virarem passado. Ela passou meses olhando para o portão, exatamente como olhava agora para o vizinho descarregando um amplificador de som.

O sol deu mais um passo para o lado. Zulmira deu o comando, e as três, em um balé sincronizado, arrastaram as cadeiras mais para a direita.

— Olha lá... vai ter barulho hoje — previu Zulmira cruzando os braços robustos — Esses meninos de hoje não aguentam silêncio.

— A gente é que pensa demais, Zulmira — Rosa tomou a palavra — A gente guarda tanta coisa... é casamento, é enterro, é os filhos da gente... E quase tudo vira visita de domingo.

— E mesmo nas visitas, parece que eles vêm com pressa — completou Rosa, com certo ressentimento.

O sol era um risco dourado no chão do quintal. As cadeiras foram arrastadas pela quarta vez, as três quase coladas no muro oposto agora, os pés esticados para aproveitar o calor que restava.

— E perceberam o tanto de tralha que esse menino traz? — sussurrou Zulmira, apontando discretamente com o queixo para uma televisão que devia ter umas boas polegadas.

O rapaz da fênix parou por um momento, sentiu que era observado e acenou para as três com um sorriso aberto. Elas retribuíram com acenos curtos, como se não quisessem dar intimidade, mas não pudessem negar a educação.

— Ele é galante até — admitiu Nena, com um brilho de travessura nos olhos por trás das lentes. — Se eu tivesse cinquenta anos a menos e um bocado de juízo a menos também, até que dava um bom papo.

— E quem sabe até uma dança, Nena? — provocou Zulmira, rindo.

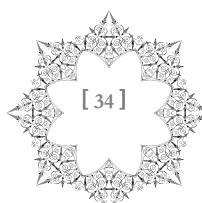
— Mas com essa sua coluna, o rapaz ia ter que te carregar no colo antes da primeira música acabar! — Troçou Rosa.

Todas riram com vontade. A sombra cobriu as pernas de Zulmira, trazendo aquele frescor súbito que anuncia o fim da tarde. O ouro estava acabando.

— Acabou a nossa folga — Zulmira sentenciou, levantando-se com a mão nas costas. — O sereno já está querendo baixar e não quero ver ninguém dizendo que pegou friagem não!

Elas se levantaram devagar, formando uma procissão pequena e lenta em direção à porta da cozinha. Zulmira ia na frente, firme; Rosa vinha logo atrás, ajeitando o cabelo; e Nena fechava a fila com seus passos miúdos.

As três cadeiras vazias ficaram para trás, testemunhas silenciosas de uma conversa que atravessou meio século uma hora de sol. O vizinho entrou em casa e acendeu a luz enquanto elas entraram para tomar um café.



TSUNAMI

POR BRUNO ROBERTO PADOVANO

BRUNO ROBERTO PADOVANO (Milão, Itália, 1951) é arquiteto e urbanista, professor titular aposentado (FAUUSP), músico, artista plástico e escritor. Reside numa casa/ateliê em Santana de Parnaíba, no Brasil, com sua esposa, a designer e poeta Suzana Mara Sacchi Padovano, um Shih Tzu e uma Pequinesa. Atualmente, participa com contos ficcionais em concursos literários, nos quais tem cinco contos escolhidos para antologias, além de dois e-books publicados e disponíveis no sistema Kindle/Amazon.



Na distante Tailândia, mais precisamente nas Ilhas Surin, vive o extraordinário povo dos Mokens. Adultos bonitos e crianças saudáveis e animadas, capazes de enxergar debaixo d'água como golfinhos, ajudam na pesca de peixes e lulas, especialmente. Os barcos de madeira dos Mokens, os renomados *kabang*, são utilizados para levar suas mercadorias para outras comunidades costeiras, notadamente da pesca de conchas com pérolas, pepinos-do-mar e até ninhos de pássaros. Gilbert O'Reilly, renomado cientista irlandês e pesquisador de relações culturais e sociais dos povos indígenas em regiões litorâneas tropicais, consegue uma bolsa de investigação científica do governo de seu país e aterrissa em Jacarta. De lá é levado por ônibus e por barco para as ilhas Surin, no sul do país, onde há uma comunidade Moken, com trezentos e poucos indivíduos. Ele é auxiliado por uma charmosa tradutora inglesa, moradora na Tailândia havia dez anos, Jane Silverstone. O pesquisador pretende entender o que faz um povo comumente chamado de “Ciganos do Mar” continuar a existir, uma vez que os Mokens vivem em um mundo que se tornou mais agressivo com relação às populações costeiras e aos ecossistemas locais, ameaçados inclusive pelo turismo.

“Gilbert, *look*, estão se aproximando para receber-nos.”

“Sim, estou vendo, peça por favor para o capitão reduzir a velocidade e descer o bote salva-vidas para irmos ao encontro deles.”

“Não precisa, ele fala inglês, algo não muito comum aqui. Está nos ouvindo, inclusive, está sentado ao seu lado he he he. *Right, Agung?*”

“*Yes, madam*, já reduzi a velocidade para pararmos. Em um instante poderão descer nos botes salva-vidas.”

Gilbert, loiro com uns quarenta e cinco anos de idade, inquire: “*Agung, thanks my friend*. Qual é o significado do seu nome?”

“Grande.”

“Grande? Mas você tem no máximo um metro e setenta centímetros, não muito grande.”

“Setenta e oito, *sir*. Na Tailândia é uma boa estatura, a média é que é um metro e setenta. Sou até grandinho por aqui. O senhor é que é alto demais!”

“Ainda bem. É bom quando o nome bate com a realidade. Eu, por exemplo, chamo-me O’Reilly, que é um *blended* famoso na minha terra. Para honrar esse meu nome de família, quando esse negócio de pesquisas cansar, costumo me embriagar até cair de trêbado, ha ha ha.”

“*Very funny sir*, muito engraçado mesmo. O senhor é muito boa pessoa, parece um Moken... branco! E Gilbert quer dizer o quê, senhor Gilbert?”

“Um famoso refém...” ri o irlandês e os outros dois acompanham. “*Oh, my God*, não vou deixar que ninguém lhe faça mal, entre os Mokens e os tubarões dessas águas quentes, hi hi hi.” Promete a aventureira Jane.

“Bem, estou de acordo, *I count on you, my sweet Lady Jane*! Vamos em frente, sem medo de sermos felizes. Daqui a pouco você me conta o que Jane significa, algo que Tarzan sabia muito bem.”

“Certo, chefe! Conto, sim.”

“Cuidado com a escada, *my dear*.”

“Ok, consegui...Aqui vai: Jane significa ‘agraciada por Deus.’ Tem raízes hebraicas e inglesas.”

“Que bom, divinamente agraciada, espero que isso nos ajude na nossa empreitada. O povo Moken não tem chefes e vive numa sociedade sem líderes. Só seguem os conselhos dos xamãs. Aparentemente são nômades e vivem entre Mianmar e a Tailândia. Nunca se adequaram aos projetos das instituições públicas, mantendo seu estilo de vida. *Good for them*. Andei pesquisando... é realmente um povo incrível, perfeito para meus estudos.”

O bote encosta na praia, cercado pelos barcos que os habitantes da aldeia dos Mokens navegam, com destreza. Diversas festividades, muitas crianças, a praia brilhando com pessoas de corpos esbeltos e sarados. Gilbert e Jane saúdam os Mokens, e a festa se estende noite adentro, quando o xamã pergunta o que estavam fazendo no povoado, e

Gilbert, com a ajuda de Jane, explica que havia, no mundo, uma série de iniciativas semelhantes, para extrair dos diversos povos do mundo ideias sustentáveis para a Terra.

“O que é interessante em sua cultura,” continua o pesquisador Gilbert, “é que é um perfeito exemplo de autogovernança, sem a mediação de políticos e instituições oficiais, ou públicas, para gerir as decisões e ações de interesse coletivo.” justifica o acadêmico. “Aqui, *dear Shaman*, não existem imperadores, reis, déspotas ou republicanos eleitos para definir quem manda.” Gilbert procura esclarecer melhor o conceito de autogovernança. Jane, atenta, tenta traduzir *ipsis litteris* o que ele fala aos Moken que estão presentes, mas o xamã sorri e retira-se, em silêncio. “Bem, meus caros, amanhã falaremos mais desse assunto.” Gilbert anuncia, e complementa: “Vamos acampar aqui, com as nossas tendas, viradas para o mar.” Despedem-se dos poucos, animados Mokens e escolhem um local na praia como local de permanência, próximo ao vilarejo.

Em pouco tempo, Jane, Angung e Gilbert montam suas barracas na paisagem idílica daquele mágico recanto da Indonésia. Os três pegam no sono num piscar de olhos, exaustos com aquela aventura da viagem no mar até a festa dos Mokens. No entanto, bem no meio do sono, Gilbert ouve vozes gritando, como se fossem fantasmas da madrugada, enlouquecidas. “O que poderia ser?” se pergunta. Sem demora, sai da barraca e lança um olhar preocupado em direção ao mar. Uma enorme onda para surfista nenhum botar defeito avoluma-se no horizonte, deslizando em direção à aldeia. Gilbert espanta-se, chama Jane e Angung na base de um angustiado grito de advertência e se retira em alta velocidade da praia em direção à aldeia. Os casebres dos Mokens, construídos sobre palafitas para absorver o movimento das marés, ventos fortes e as tempestades nas monções, não parecem ser uma alternativa adequada. A água de um mar endiabrado começa a varrer a praia, destruindo tudo no seu caminho. Uma criança corre à sua frente, desesperada e a água a atinge. Gilbert vira seu rosto para trás e a onda, imensa, o engole em cheio. Grita, grita, grita...e acorda! Transtornado com a vividez do pesadelo levanta-se, suado, e chama os companheiros. Jane responde ao chamado.

“*Dear Jane*, tive um pesadelo horrível. Estava num tsunami, varreu nossas barracas e a aldeia, atingindo todos, *how awful is that?*”

“Terrível, terrível mesmo. A última vez que houve um tsunami por essas bandas, em 2004 se não me engano, foi devastador. Atingiu a costa do Oceano Índico, em quatro

países, matando mais de duzentas e vinte mil pessoas. Pode acreditar nisso? Duzentas e vinte mil! Além daqueles morando em cidades e nos vilarejos litorâneo, muitos desses povos nômades da Indonésia sofreram com o abalo e as enormes ondas que se abateram sobre a faixa litorânea. Os Mokens se salvaram, milagrosamente, subindo a encosta.”

“Eu sabia, mas como você sabe de tudo isso? *I am truly impressed.*” inquire Gilbert.

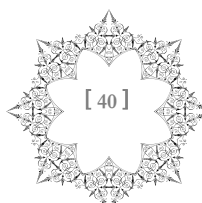
“*Well my friend*, estudei geografia em Londres. Adorei o curso e aprendi muita coisa sobre outros povos, os ambientes naturais, os territórios tão diferentes e as questões, inclusive, geopolíticas do mundo atual. Meu herói em meus estudos foi o renomado Milton Santos, um geógrafo brasileiro, absolutamente brilhante. Focou a questão da organização do espaço, no sentido mais amplo de termo. Meu sonho é visitar os lugares do Brasil que ele pesquisou.”

“Incrível, Jane, tive acesso a alguns dos trabalhos dele, realmente é genial. Na minha área de antropologia cultural, temos várias influências, como o francês Claude Lévi-Strauss, que inclusive esteve no Brasil e possivelmente cruzou com Santos. Na Irlanda temos a grande Anne Buttimer, que faleceu recentemente. Também lidava com a questão do espaço, como Milton Santos. Sabia?”

Os dois se olham como duas gaivotas asiáticas tomadas por um desejo de acasalar, após uma longa troca de sinais. Ela estica o braço e toca seus cabelos loiros. Seu coração bate mais forte, sua boca umedece. Sente o cheiro de mar que penetra o pequeno espaço da barraca. O sol da manhã varre a praia e abraça aquela miniatura de tenda, insignificante diante da imensidão do mar tropical, banhando com seu calor a vasta faixa da areia dourada ao redor das três barracas.

Para celebrar o novo dia, crianças bronzeadas chegam correndo e berrando, enquanto jogam algas do mar nas barracas. Risadas múltiplas. Angung desperta, dorminhoco. Ao fundo, tambores parecem tocar. Marcariam a volta dos homens que saíram na madrugada para pescar atuns e garoupas? Palmeiras, vento, as cabanas dançando sobre palafitas. Tudo perfeito, pensa Gilbert, bocejando e esticando seus enormes braços irlandeses. O céu azul feito brigadeiro e nuvens brancas flutuando sobre o mar. Gilbert pensa no trabalho que o espera e abre suas asas sobre o território das ilhas

Surin, paradisíacas. “Pesquisar é tão bom!” sussurra para si mesmo, rindo: “Nunca se sabe em que bode vai dar... ou qual o peixe que vai aparecer na rede!”



—•—  APRESENTAMOS  —•—

O BAILE DOS CORAÇÕES SOLITÁRIOS

POR CARLOS ROMERO

Uma mente irrequieta, que busca na escrita a
essência de sua alma, autoconhecimento e
lidar com suas inquietações.



Abelardo tinha 45 anos e vivia em Porto Alegre. Havia se divorciado recentemente de Heloísa, com quem mantivera um relacionamento que perdurara quinze anos. Sua vida era extremamente monótona. Durante a semana, sua rotina consistia em ir de sua residência — havia voltado a morar com os pais após o divórcio — para o trabalho e vice-versa. Não possuía muitos amigos, com os quais costumava frequentar bares. Muitos de seus companheiros eram descasados como ele ou solteirões convictos. Tinha o hábito de caminhar, ao final das tardes, pelo Calçadão de Ipanema — a porto-alegrense, não a famosa praia carioca — e fazia aulas de boxe, numa malograda tentativa de descarregar suas tensões e desferir golpes na vida, que tantos jabs e uppercuts lhe aplicara ao longo de sua patética existência.

Abelardo sentia-se vazio. A vida pós-Heloísa apresentara uma realidade que relutava em aceitar, posto que, antes de sua ex-esposa, sua experiência com mulheres fora escassa; suas relações haviam sido fugazes e de pouca consistência emocional. Tudo o que Abelardo sabia, essencialmente, sobre como lidar com o sexo oposto derivava do que vivera com Heloísa.

O melhor amigo de Abelardo era Felipe, que morava em uma cidade do litoral norte gaúcho. Felipe era solteiro e vivia com a mãe. Em uma conversa ao telefone, após Abelardo relatar o imenso tédio que sentia, Felipe sugeriu ao amigo que tirasse férias e fosse para a praia, sendo ele próprio seu cicerone.

Aceita a sugestão de Felipe, Abelardo rumou para o litoral e fez uma reserva em uma pousada. Os ares da praia fizeram-lhe bem. Sentia-se mais leve, passou a cuidar mais da aparência e nutria um sincero propósito de perder peso.

Durante um sábado à beira-mar, sob o calor escaldante típico do verão gaúcho, Felipe sugeriu a Abelardo que fossem a uma festa à noite, dessas em que tocavam músicas dos anos 70, 80 e 90. Felipe e Abelardo haviam frequentado juntos muitas festas em sua juventude, até o dia em que Abelardo começara a namorar Heloísa. Portanto, ambos enxergaram naquela noite a possibilidade de retomar aqueles tempos de outrora, mesmo sem o frescor da jovialidade, com a carência de cabelos, os quilogramas a mais e as marcas do tempo no rosto.

Antes do entardecer, já na pousada, Abelardo estava pensativo, ansioso, imaginando o que faria caso encontrasse alguém que despertasse seu interesse na festa, considerando sua excessiva timidez. Abelardo era capaz de proferir discursos para uma

plateia com habilidade e desenvoltura; no entanto, praticamente congelava quando tinha de confessar sentimentos a uma mulher, pois não sabia lidar bem com uma provável rejeição. À noite, Abelardo arrumou-se impecavelmente, trajando uma roupa que reservara para uma ocasião como aquela. Olhou-se dezenas de vezes no espelho para verificar cada detalhe.

Eram 23 horas quando Abelardo e Felipe chegaram ao ponto de encontro. O primeiro não se continha de nervosismo, tanto que sacou um maço de cigarros e passou a fumar compulsivamente, em nada se parecendo com Humphrey Bogart em Casablanca, que tragava seu cigarro elegantemente. Um detalhe importante: Abelardo havia deixado de fumar quando iniciara o namoro com Heloísa.

Diferentemente do amigo, Felipe estava imbuído de confiança, algo inerente à sua personalidade. Sempre fora assim, desde a mocidade. Abelardo era mais reservado, embora chamasse atenção quando adentrava as festas, devido aos seus olhos cor de ardósia, semelhantes aos de Chico Buarque, um de seus ídolos. Já Felipe, invariavelmente, era destemido. Seu repertório de cantadas era sortido, algumas de tom duvidoso; coragem, porém, não lhe faltava.

Após conversarem por cerca de meia hora do lado de fora da festa, atentos à movimentação, os parceiros daquela empreitada de embalos de sábado à noite finalmente resolveram adentrar o recinto. Foram revistados pelo segurança do local, pegaram suas cartelas de consumação e penetraram no salão, que ainda contava com poucas pessoas, todas sentadas às mesas.

Os amigos sentaram-se em uma delas. Abelardo foi ao bar e pediu uma piña colada. Perguntou a Felipe o que ele desejava e foi respondido pelo amigo que queria apenas uma garrafa de água. Nada havia chamado a atenção da dupla até que surgiram duas moças bonitas, morenas, aparentando ter pouco mais de trinta anos.

Uma delas perguntou a Abelardo se ele tinha “fogo”. Educadamente, ele pegou seu isqueiro e acendeu o cigarro da mulher. Interagiram por poucos minutos, e a dupla de morenas seguiu seu curso, indo sentar-se a uma mesa no lado oposto àquela onde estavam Abelardo e Felipe. Parecia que nada daria certo naquela noite.

Com o passar da madrugada, mais pessoas chegavam à festa. A esmagadora maioria aparentava estar na faixa dos 50 ou 60 anos, provavelmente com histórico de relacionamentos desfeitos, tal como Abelardo, um novato naquele meio. A pista de dança

começou a encher, ao som de músicas como “Dancing Queen”, do ABBA. Mulheres pululavam em grupos, lançando olhares fulminantes sobre eventuais alvos masculinos.

Felipe saiu para dançar com uma mulher com quem puxara conversa na mesa ao lado. Tudo indicava que ele ficaria com alguém, ao passo que Abelardo, não. Afinal, Felipe sempre tivera iniciativa quando se tratava de relacionamentos com mulheres, enquanto seu amigo de longa data sempre fora um “travadão”, que contara com a benevolência de mulheres apaixonadas dispostas a conquistá-lo, principalmente Heloísa, que movera céus e terra para conseguir namorar com ele.

Abelardo seguia inerte em sua mesa, observando tudo o que acontecia na pista, inclusive o “fora” que Felipe havia levado de sua parceira, depois de algumas músicas e conversas ao pé do ouvido. Felipe retornou à mesa, bufando de raiva devido à recusa à sua investida amorosa. Disse que iria embora, reclamando da festa.

Abelardo disse que ficaria, pois havia avistado algo que despertara sua atenção. Despediu-se do amigo, foi ao bar e pediu outro drinque.

Abelardo estava decidido a lutar contra a incomensurável timidez que o acompanhava desde sempre. Lentamente, adentrou a pista e seguiu em direção ao objeto de sua admiração. Estatura mediana, loira artificial, olhos amendoados castanho-claros, pernas torneadas e bronzeadas. Trajava um vestido preto e aparentava ter pouco mais de quarenta anos, mesma faixa etária de Abelardo, que se quedou embevecido diante daquela Vênus.

Abelardo entregou-se à dança de forma sincera, mesmo enferrujado e um tanto desengonçado, lançando olhares comedidos para seu alvo amoroso. Para sua surpresa, havia correspondência no olhar. Ela saiu do grupo em que estava e passou a dançar diante de Abelardo, que começou a suar frio e a sentir o coração palpitar. Sua mente encontrava-se em estado flânante.

Ele sabia que a iniciativa teria de ser dele e que não poderia haver hesitação, a fim de não contabilizar mais um insucesso em sua estatística por pura vacilação. Eis que, de repente, meio que improvisadamente, saíram de sua boca as seguintes palavras:

- Oi, tu vens sempre aqui?
- Às vezes — respondeu ela.
- Me chamo Abelardo. E tu?
- Fernanda.

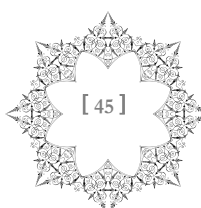
Feitas as devidas apresentações e estabelecido o contato inicial, Abelardo convidou Fernanda para sentar-se à mesa com ele, prometendo pagar-lhe alguns drinques. Em meio à conversa, Abelardo soube que Fernanda havia sido casada duas vezes e que enfrentava mais um divórcio. Ela tinha três filhos e estava na praia para distrair-se um pouco.

Abelardo não deu muitos detalhes sobre sua vida. Limitou-se a dizer que era recém-divorciado e que tivera dois filhos no casamento. Refletiu, naquele momento, se deveria dar um passo adiante e constatou que ainda sentia algo por Heloísa.

Abelardo e Fernanda trocaram contatos. Ele prometeu que ligaria para ela assim que retornasse a Porto Alegre. Abelardo saiu da festa e dirigiu-se à pousada, com a cabeça recheada de dúvidas.

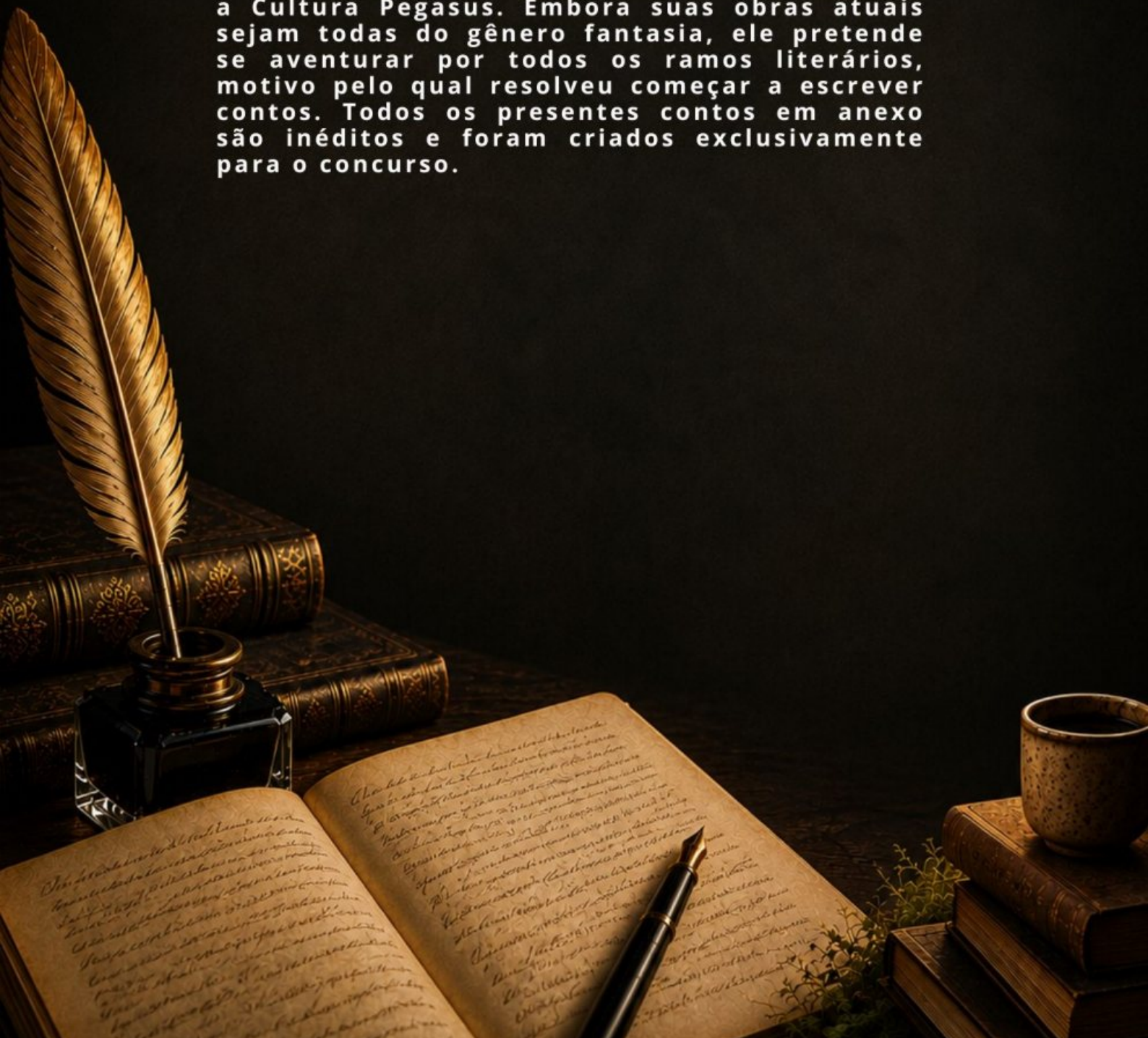
Ao chegar ao quarto, Abelardo fez sua ceia, vestiu um pijama e pôs a cabeça no travesseiro, questionando-se se deveria ligar para Fernanda ou tentar reconciliar-se com Heloísa, mesmo tendo assinado o divórcio havia poucos dias.

Enquanto meditava, ouvia “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band”, dos Beatles, uma de suas canções favoritas dos Fab Four, logo após retornar de um baile em que existiam inúmeros corações solitários — especialmente o dele.



DEPOIS DA BANDA PASSAR **POR FERNANDO LORENZATO PEIXOTO**

Fernando Lorenzato Peixoto, tem 24 anos e mora em Belo Horizonte. Formou-se em Direito pela PUC Minas em 2025 e pretende atuar na advocacia. Apesar disso, também planeja seguir no ramo literário: sempre foi um leitor voraz, o que o ajuda bastante na escrita. Atualmente, Fernando tem quatro livros escritos, e logo o primeiro deles será publicado por sua editora, a Cultura Pegasus. Embora suas obras atuais sejam todas do gênero fantasia, ele pretende se aventurar por todos os ramos literários, motivo pelo qual resolveu começar a escrever contos. Todos os presentes contos em anexo são inéditos e foram criados exclusivamente para o concurso.



Era o dia da grande final. Depois de um mês inteiro vendo todos os jogos, finalmente estava terminando o maior torneio de futebol masculino do mundo.

Para Júlio, isso não passava de uma idiotice. “Uma Copa do Mundo” enquanto o mundo se destrói em guerras.

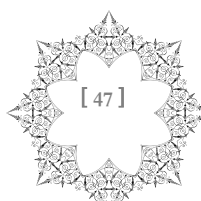
— Inclusive, um dos anfitriões do evento invadiu outro Estado e sequestrou seu presidente eleito, bombardeou uma escola em outro Estado, matando dezenas de crianças.... — Ele argumentava para quem quisesse ouvir.

Mas ninguém ouvia. Estavam todos hipnotizados

— Silêncio, Júlio. — Dizia seu amigo do sofá. — Acabou de começar Congo vs Uzbequistão.

Mas agora era hora de acordar. Como dizia a música de Chico Buarque: “Mas para meu desencanto/ O que era doce acabou / Tudo tomou seu lugar / Depois que a banda passou / E cada qual no seu canto / Em cada canto uma dor/Depois da banda passar/Cantando coisas de amor”

Dentro de 90 minutos, a banda futebolística iria passar e deixar o mundo todo novamente com suas dores. Pelo menos, pelos próximos 4 anos.





APRESENTAMOS

AMIGOS

POR FERNANDO LORENZATO PEIXOTO

Fernando Lorenzato Peixoto, tem 24 anos e mora em Belo Horizonte. Formou-se em Direito pela PUC Minas em 2025 e pretende atuar na advocacia. Apesar disso, também planeja seguir no ramo literário: sempre foi um leitor voraz, o que o ajuda bastante na escrita. Atualmente, Fernando tem quatro livros escritos, e logo o primeiro deles será publicado por sua editora, a Cultura Pegasus. Embora suas obras atuais sejam todas do gênero fantasia, ele pretende se aventurar por todos os ramos literários, motivo pelo qual resolveu começar a escrever contos. Todos os presentes contos em anexo são inéditos e foram criados exclusivamente para o concurso.



— Por que é tão difícil fazer amigos? — Pergunta Felipe de 14 anos a si mesmo.

O menino via seus colegas de classe sempre em grupos, sempre saindo. Ele nunca era chamado. Quando era ele não sabia como reagir e fazia coisas que os demais não faziam. Ele só era afastado mais e mais.

Uma importante informação sobre Felipe. Informação essa que seus pais não sabiam, seus médicos não sabiam e Felipe apenas desconfiava: Ele tinha 14 anos, mas a mentalidade era apenas de 12, principalmente por não ter vivido grande parte que seus colegas viveram..

Quando ele fez 16 anos, muitos colegas já tinham feito atos sexuais e já namoravam há muito tempo. Felipe apenas tinha aquela velha paixãoite aguda por uma ou outra menina, sem coragem nem vontade de dar o próximo passo.

— Por que você só fica andando com a gente? — Pergunta uma “amiga” 2 anos mais nova.

“Amiga” entre aspas porque, na realidade, a menina não gostava de Felipe, muito menos da presença dele. Felipe vivia perto dela e do seu grupo de amigas, tentando se enturmar. Essa atitude era muito mal vista: um garoto de 16 anos andando do lado de garotinhas. Muitos já chamavam Felipe dos piores nomes possíveis.

Mas em defesa de Felipe, ele podia ter 16 anos fisicamente, mas, mentalmente ele tinha 14. Além disso, ele não gostava muito da presença de meninos, preferia a companhia de meninas e tentar sempre fazer amizade com meninas. Além disso, as meninas em questão trocaram ideia com ele antes dele começar a andar com elas . Antes sequer de conhecer elas. E ele ousou ver nesse primeiro contato, um bom preságio.

E ele fazia de tudo para agradar as tais garotas. Sempre fez. Em vez de amizade, o que recebeu foi incontáveis conversas com as diretoras e com as garotas. Os pais já exigiam expulsar- lo da escola. Felipe não queria ser expulso. Ele gostava de lá.

Acabou ficando na escola e tudo não passou de um incidente para muito dos envolvidos. Para Felipe não. Para Felipe ficou o trauma.

Anos depois, quando Felipe já era maior de idade, pelo menos fisicamente, em uma conversa casual com o pai, aparece a informação que faltava.

— Felipe, sua psiquiatra nos deu o diagnóstico que você é autista.

— O que? Como assim?

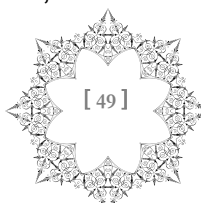
— É . Faz uns três anos que ela nos deu esse diagnóstico. Você tem o que chamam de **Síndrome de asperger**.

— E por que não me disseram antes?

— E importa?

— Claro que importa, pai!

Pela primeira vez, em muitos anos, sua vida começava a fazer sentido.





APRESENTAMOS

O ACIDENTE

POR FERNANDO LORENZATO PEIXOTO

Fernando Lorenzato Peixoto, tem 24 anos e mora em Belo Horizonte. Formou-se em Direito pela PUC Minas em 2025 e pretende atuar na advocacia. Apesar disso, também planeja seguir no ramo literário: sempre foi um leitor voraz, o que o ajuda bastante na escrita. Atualmente, Fernando tem quatro livros escritos, e logo o primeiro deles será publicado por sua editora, a Cultura Pegasus. Embora suas obras atuais sejam todas do gênero fantasia, ele pretende se aventurar por todos os ramos literários, motivo pelo qual resolveu começar a escrever contos. Todos os presentes contos em anexo são inéditos e foram criados exclusivamente para o concurso.



O chiado do alto-falante interrompe a explicação da professora de geografia. A voz do diretor soa solene, cortando o barulho dos lápis no papel: "Yasmin Silva, do 6º ano B, favor comparecer à diretoria imediatamente." Os olhares dos colegas se voltam para ela. Yasmin sente aquele frio na barriga clássico de quem acha que fez algo errado, junta suas coisas e caminha pelos corredores ecoantes da escola.

Ao entrar na sala, o clima é pesado. O diretor está em pé, com uma expressão de profundo pesar. Antes que Yasmin possa perguntar o que aconteceu, ele começa a falar de forma mecânica, quase ensaiada:

— Yasmin, sente-se por favor. Tenho uma notícia muito difícil. Acabei de desligar o telefone com o seu pai. Houve um acidente automobilístico grave com a sua mãe na avenida principal.

Yasmin abre a boca, os olhos arregalados: — Mas, diretor, eu...

— Eu sei, minha querida, é um choque — o diretor a interrompe, a voz atropelando as tentativas da menina. — Seu pai foi muito firme, ele já está vindo te buscar. Ele pediu expressamente para você esperar no portão de desembarque, do lado de fora, para não perderem tempo indo para o hospital.

O diretor dá a volta na mesa, pega a mochila de Yasmin e coloca no ombro dela. Ele começa a guiá-la suavemente, mas com firmeza, em direção à porta.

— Diretor, por favor, me escuta! — Yasmin tenta fincar os pés no chão, as lágrimas de puro pânico começando a descer. — O senhor não está entendendo!

— Não precisa falar nada agora, Yasmin. Guarde suas forças. Seu pai me garantiu que chega em cinco minutos. Vamos, não podemos fazê-lo esperar.

O homem abre a porta da recepção e a conduz para o pátio externo. A mente de Yasmin está em estilhaços. Ela tenta gritar a verdade, mas o choro entala na garganta, e a autoridade do diretor a empurra implacavelmente para fora dos limites seguros da escola.

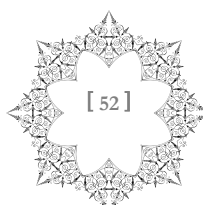
Eles chegam ao portão que dá para a rua. O diretor põe a mão no ombro dela, dá um tapinha de consolo e diz: — Fique bem, o seu pai já deve estar virando a esquina.

A pesada grade de ferro se fecha atrás de Yasmin com um estrondo definitivo.

Sozinha na calçada, o pranto de Yasmin finalmente explode, mas não pelo acidente da mãe. Ela olha para o final da rua, onde um carro preto de vidros escuros começa a encostar lentamente no meio-fio.

Os pelos dos seus braços se arrepiam com um frio mortal enquanto a lógica se reconstrói na sua cabeça: o diretor disse que falou com o pai dela. Ele disse que o pai estava vindo. Mas o pai de Yasmin havia morrido em uma cama de hospital há cinco anos.

A porta do carro preto se abre, e Yasmin percebe, tarde demais, que quem quer que estivesse ao telefone fingindo ser seu pai, agora veio buscá-la.



A LIGAÇÃO

POR FERNANDO LORENZATO PEIXOTO

Fernando Lorenzato Peixoto, tem 24 anos e mora em Belo Horizonte. Formou-se em Direito pela PUC Minas em 2025 e pretende atuar na advocacia. Apesar disso, também planeja seguir no ramo literário: sempre foi um leitor voraz, o que o ajuda bastante na escrita. Atualmente, Fernando tem quatro livros escritos, e logo o primeiro deles será publicado por sua editora, a Cultura Pegasus. Embora suas obras atuais sejam todas do gênero fantasia, ele pretende se aventurar por todos os ramos literários, motivo pelo qual resolveu começar a escrever contos. Todos os presentes contos em anexo são inéditos e foram criados exclusivamente para o concurso.



Rafael chega em casa com o corpo pesado pela rotina de oito horas — ou mais — de escritório. O silêncio do apartamento é seu único companheiro. Para calar o cansaço e a solidão, ele abre a primeira garrafa. Uma vira duas, que viram um engradado vazio. O álcool começa a turvar as bordas da realidade, transformando o tédio em uma dormência perigosa.

Deitado na cama, com a porta escancarada para o corredor escuro, Rafael vê o impossível. Figuras grotescas, com carnes pendentes e passos arrastados, surgem na outra extremidade. A horda de zumbis avança.

Ele esfrega os olhos, reza, tenta focar a visão, mas eles continuam vindo — reais demais, barulhentos demais. O pânico de um homem embriagado é absoluto: a lógica diz que é o álcool, mas o instinto diz que é a morte.

Em um ato de desespero infantil, ele tateia o celular e disca o número que sempre foi seu porto seguro.

— Pai? Tem gente na minha casa. Me ajuda, por favor...

A voz do outro lado é calma, quente. Passa segurança. Durante duas horas, o pai o mantém na linha. Ele não questiona os zumbis; apenas conversa, relembra histórias, pede que Rafael respire fundo e feche os olhos.

Sob o feitiço daquela voz, Rafael finalmente adormece, sentindo-se protegido.

A luz da manhã é cruel.

Rafael acorda com a boca seca e a cabeça latejando. Olha para o corredor vazio. Nada de zumbis, nada de sangue.

“Que vergonha”, pensa. “Ligar para o meu pai naquele estado.”

Ele pega o celular para apagar o registro da ligação e pedir desculpas.

Mas logo o choque de realidade volta por completo. O suor frio escorre por suas costas. A descarga de adrenalina limpa qualquer resquício de álcool de sua mente.

O registro de chamadas está lá:

****Pai — 03:14 da manhã — Duração: 02:04:15.****

Rafael encara a foto do pai no porta-retrato sobre a mesa de cabeceira.

O pai que ele mesmo ajudou a carregar no caixão dois anos atrás.

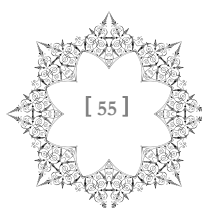
O pai cujo número fora desativado há meses.

Ele olha para o celular e depois para o corredor vazio.

Os zumbis eram uma ilusão provocada pela bebida. Ele sabe disso agora.

Mas a voz ao telefone...?

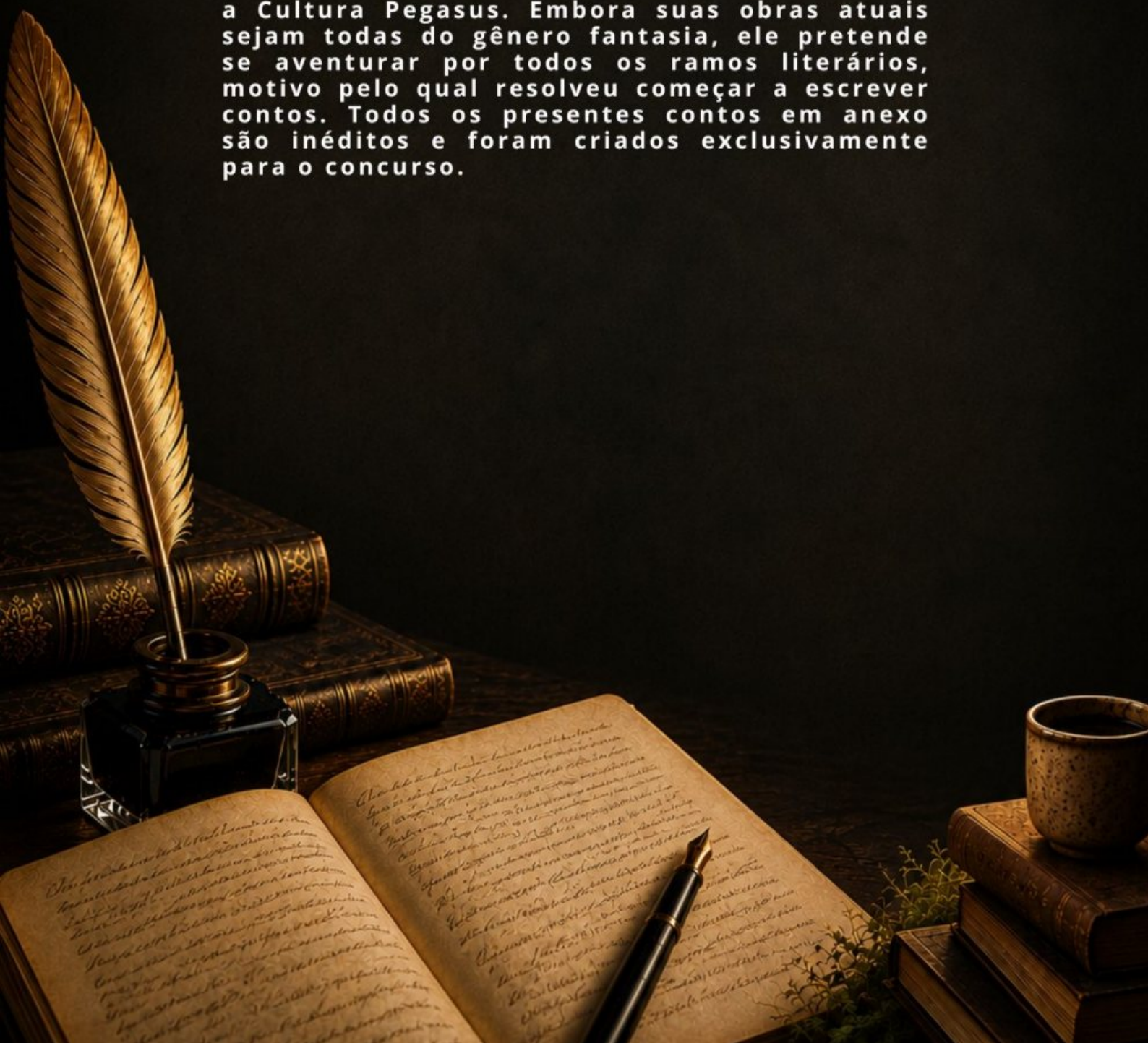
****A voz era real. ****



A CRIANÇA

POR FERNANDO LORENZATO PEIXOTO

Fernando Lorenzato Peixoto, tem 24 anos e mora em Belo Horizonte. Formou-se em Direito pela PUC Minas em 2025 e pretende atuar na advocacia. Apesar disso, também planeja seguir no ramo literário: sempre foi um leitor voraz, o que o ajuda bastante na escrita. Atualmente, Fernando tem quatro livros escritos, e logo o primeiro deles será publicado por sua editora, a Cultura Pegasus. Embora suas obras atuais sejam todas do gênero fantasia, ele pretende se aventurar por todos os ramos literários, motivo pelo qual resolveu começar a escrever contos. Todos os presentes contos em anexo são inéditos e foram criados exclusivamente para o concurso.



Luiza tem 22 anos, mas já é “adulta premium”, como diria a nova trend do Instagram. Ela trabalha como interna em um renomado hospital da cidade, sempre no período da tarde. De manhã, vai para a faculdade.

Mora em uma casa alugada, onde vivem ela e seu irmão, de quatro anos.

Em uma noite específica, resolveu colocar suas séries em dia. Seu quarto estava mergulhado na penumbra, iluminado apenas pela luz azulada da tela.

Luiza estava com os olhos ardendo, mas o último episódio da temporada a mantinha presa. O relógio no canto superior do tablet marcava 3 horas da manhã. O choque de realidade veio junto com o cansaço: ela tinha prazos na faculdade logo cedo, na manhã seguinte, e o sono era agora uma necessidade urgente.

Desligou o aparelho, e o mundo mergulhou no preto absoluto.

Enquanto se ajeitava sob o cobertor, o som da porta do quarto rangendo interrompeu o silêncio. Um feixe de luz fraca do corredor revelou uma pequena silhueta parada no vão da porta.

— Posso dormir com você hoje? — perguntou seu irmão. A voz era mansa, típica de uma criança que tivera um pesadelo.

Luiza, com a mente já nublada pelo sono e pensando nos projetos que precisava entregar, mal abriu os olhos.

— Hoje não, pequeno. A Lu tem que acordar muito cedo, e você se mexe demais. Vai para a sua cama, tá?

A silhueta permaneceu imóvel por alguns segundos. Depois, com um murmúrio quase inaudível, a criança se retirou.

Luiza ouviu os passos leves se afastando e a porta se fechando suavemente.

Ela adormeceu em segundos.

No dia seguinte, o alarme tocou. O sol de Belo Horizonte entrou pelas frestas da cortina. Luiza se espreguiçou, lembrando-se da “visita” da madrugada e sentindo uma pontada de culpa por ter sido tão firme.

Decidiu ir até o quarto ao lado para dar um abraço no irmão e compensar a rejeição antes de começar a estudar.

Abriu a porta do quarto do irmão.

A cama estava feita. Os brinquedos estavam organizados.

Não havia ninguém ali.

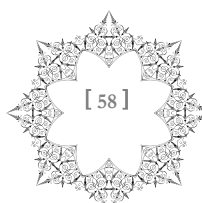
O coração de Luiza disparou, mas não de susto, e sim por causa de uma confusão súbita. Pegou o celular e viu uma mensagem da mãe, enviada na tarde anterior, avisando que seu irmão já estava na casa de um amiguinho para uma noite do pijama.

Ele só voltaria “hoje, depois do almoço!”.

O sangue de Luiza gelou.

O silêncio da casa tornou-se ensurdecedor enquanto uma pergunta ecoava em sua mente, destruindo qualquer resquício de segurança:

****Se o irmão não passou a noite em casa, quem foi a criança que pediu para dormir com ela às três da manhã?****



—•—  APRESENTAMOS  —•—

FIDELÍSSIMA

POR GEÓRGIA DAMATIS

Geórgia Damatis é psicóloga, graduada pela UFF e especialista em Psicologia Clínica pelo IFEN/RJ. Sua trajetória é marcada também pela filosofia, literatura e teatro.



Inspirado nos contos de Nelson Rodrigues...

(Amadeu está no bar e desabafa com Nelsinho)

— Essa é séria mesmo. Como essa nunca vi!

Nelsinho, que era experiente e entendia de mistérios como ninguém, profetizava ao amigo:

— Mulher séria até existe, mas nessa aí eu não acredito.

— Por quê? Como assim? Você não a conhece... ou conhece?

(Pausa. Nelsinho acende o cigarro, joga fora o palito de fósforo e diz):

— Conheço o marido. É o seguinte: Num casal, há fatalmente um infiel, compreendeste? Ou a mulher ou o marido. A existência de uma vítima é inevitável¹. E aquele sujeito tem vocação para marido enganado.

Amadeu, convicto do comportamento da amada e, no fundo, maravilhado por essa virtude, rebate:

— Estou te dizendo! Com ela ninguém consegue nada. E com aquela carinha rapaz, de que sabe tudo. Ah... Com aquela carinha de anjo e aquele olhar de fêmea! Quem diria... Não trai em hipótese alguma. E eu fiquei que nem bobo. Pasma!

(Nelsinho bate no ombro de Amadeu e ri. Amadeu insiste):

— Você não acredita! *(balança a cabeça, pensativo)* Mas quem acreditaria... parece que nasceu pro pecado e quando chega a hora, nada acontece. Firme como o pão de açúcar ela disse “não”.

— Tá jogando contigo, meu caro, não percebe?

— Você está dizendo isso porque não viu. Não te culpo, eu mesmo não acreditaria. Nunca podia imaginar que alguém se transformasse tanto, de um minuto a outro. Quando tentei beijá-la, ela quase deu um pulo. Toda aquela sensualidade, aquela mistura deliciosa de ingenuidade e pecado, acabou numa frieza de levar qualquer um pro fundo do poço.

— Guarde minhas palavras, meu amigo: Só confie na fria, só na fria. E a tua pequena não é fria. Nem aqui, nem na Cochinchina. É doce e triste.

— E linda! Mais ainda: é interessante! Sabe cativar qualquer um. Poderia ter quem ela quisesse. É a Glória, literalmente, mas jura que é fiel e que não abre mão de ser assim. Fazer o quê? Me afirmou isso numa frieza aterrorizante. Daí veio minha convicção. A transformação dela não me deu outra escolha, senão acreditar. Paciência! Cheguei a pensar: Não é possível... Será que me enganei? Será que ela é fria? Vai ver que foi fria até mesmo na lua de mel...

— Vai por mim. Tem coisa aí...

— “Não... Ela é fiel sim. O marido é que tem sorte. Desgraçado sortudo! Já me imaginei dizendo a ele: Você, seu desgraçado, é um cara de sorte!”

À noite, em casa, Nelsinho estava pensativo. Dizia de si para si, diante do espelho: “Aí tem dente de coelho”. Era inevitável a curiosidade que o dominava. Decidiu: “Eu vou matar essa charada!”.

A Glória

— Já te disse, Amadeu. Se você quer apenas uma amizade despretensiosa, tudo bem. Mais que isso não. Nunca!

— Mas o que é isso, Glorinha? Sou tão terrível assim? Você me tira do caminho, sem mais nem menos. Me acha feio, é isso? Tá certo, não sou nenhum príncipe, mas não sou tão asqueroso assim. Ou me acha velho? Sou mais velho que você. Claro, tem rapazes da sua idade, mais bonitos e mais interessantes do que eu...

— Pára com isso, Amadeu. Sou fiel, é só isso. Não importa se é bonito, feio, velho ou novo. (*irritada*) Apenas sou rigorosamente fiel. Dá pra entender isso? Você me olha como se eu fosse de outro mundo. Um ET. No outro dia chegou a me chamar de fria. Ora bolas! Só há dois extremos? Ou você é fria ou uma... (*baixa a voz*) puta? Não sou fria se é isso que você quer saber. Eu gosto! E muito até!

— Não gosta comigo. É isso.

— (*Convicta*) Não adianta vir com esse papo. NADA me fará mudar de opinião. Sou fiel e está acabado. Se insistir, a nossa amizade acaba aqui. (*Pausa. Amável*) Poxa, Amadeu, será que não pode haver amizade entre um homem e uma mulher? Só te peço isso, uma amizade despretensiosa. Acredite que cultivei ao longo de todo esse tempo um

carinho enorme por você... Rimos juntos, tivemos uma afinidade... ou não? Para mim, é fato, somos amigos. *(Pausa)* E só.

— Tá bom, não precisa ficar jogando eternamente isso na minha cara. Eu já sei que não sou bom o suficiente pra você e páreo pras suas conquistas.

— Olha aqui Amadeu, não admito...

— Tá certo. Você me desculpe. Me excedi. Acho que teu negócio é seu marido mesmo.

(Glorinha silenciou. Amadeu finaliza):

— Esse assunto morre aqui.

(Glorinha sai e deixa Amadeu pensativo).

De fato, nunca mais tentara uma aproximação carnal de Glorinha. Manteve a amizade à custa da insistência da amada e embebedava-se cada vez mais.

A notícia

Certo dia, Amadeu estava no bar de costume e chega o amigo.

— Amadeu, se prepara meu caro, tenho uma bomba pra ti.

— Mas o que é?

— Eu te disse que havia alguma coisa de errada nessa história. Eu nunca erro. Eu senti. *(Ri)* Farejei. Eu disse que a fidelidade de sua Glória não me convencia. *(Vaidoso)* Disse ou não disse?

— Ô Nelsinho, qual é, se tem alguma coisa pra dizer diz logo que esse mistério é pior que qualquer coisa...

(Amadeu voltou pra sua cerveja).

Nelsinho olha Amadeu em silêncio, como se, em vão, tentasse escolher as palavras. Enche, para si, um copo de cerveja e diz, de uma só vez:

— Sua Glorinha tem um amante.

(Amadeu levanta-se da cadeira, em câmera lenta, quase sem ar).

Faz a pergunta patética:

— O quê?

— Sua pequena tem um amante.

(Amadeu senta-se de novo, ainda com falta de ar.).

Nelsinho vaidoso com a sua habilidade no assunto, não percebe que o amigo passa mal. Continua:

— Nunca acreditei nessa fidelidade. É ou não é? A mim ninguém passa pra trás.

(Pausa. Com convicção) A mulher pode ser infiel ao marido, mas ao amante, nunca! *(Ri ignobilmente)*.

Amadeu, já refeito do choque e mais furioso do que nunca, levanta e exige:

— O endereço! Quero o endereço, horário, dia do encontro, tudo.

(Nelsinho anota tudo no papel, dá ao Amadeu, que lê e exige):

— O nome, o nome do desgraçado!

— Armando. *(Com ironia)* Ou Armandão, pros íntimos.

— *(Com ódio)* Armandão!

Amadeu deixa o amigo na mesa e sai, numa pressa e impulsividade que só os traídos conhecem.

(Amadeu está em casa, no seu escritório. Pega o revólver na gaveta. O contempla por um instante e sai.).

O flagrante

(Amadeu invade a casa, em silêncio. Pela fresta da porta, observa o casal se amando no quarto. Já sabia que às 16h40 o amante sairia para ir trabalhar e que Glorinha, para disfarçar, pegaria o loteação um pouco depois. Aguarda. Como esperado, o outro sai da casa. Em seguida, Amadeu invade o quarto, chutando a porta).

— *(Amadeu entra, aos berros)* Cínica! Cínica! Não é fiel a teu marido coisíssima nenhuma!

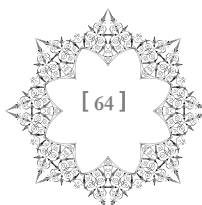
— *(Glorinha, que estava nua, na cama, se levanta, em pânico, se cobrindo com o lençol)* Que isso, Amadeu?! Para que essa arma?!

— *(Amadeu aponta o revólver para Glorinha)* Ou você trepa comigo também ou eu te mato!

(Glorinha passa, repentinamente, do estado de pânico para uma calma assustadora, o que surpreende Amadeu. Ela, então, lentamente, dá uns passos à frente e encosta a cabeça na boca do revólver. Amadeu, dessa vez, recua, atordado. Glorinha diz:)

— Então, você vai ter que me matar porque, viva, eu não vou transar com você!
Amadeu mete um tiro na própria cabeça.

¹ Este conto é uma homenagem ao universo literário de Nelson Rodrigues. O personagem Nelsinho constitui uma representação ficcional do autor. Uma das falas do personagem incorpora a passagem “Num casal, há fatalmente um infiel. Ou a mulher ou o marido. A existência de uma vítima é inevitável”, extraída do conto “A futura sogra”, de *A vida como ela é...*



—•—  APRESENTAMOS  —•—

ÁGUAS LÍMPIDAS

POR HELDER F. JÚNIOR

O autor nasceu em Fortaleza em 1985. Publicou o livro de poesia *Batons, Eucaliptos e Aspirinas* (2017) - Drago Editorial, *Insultos Poéticos e Outros Cactos* (2020) - Autografia Editora, *Vermelho, Sangue Escarlate* (2022) - Viseu Editoria, *Silêncio Poético* (2025) - editora Minimalismos e *Travessia Poética e Outros Cantos do Nós* (2025) - Editora Minimalismos.



Acabara de sair do banheiro.

Os cabelos ainda molhados denunciavam a ducha de há pouco. Com a sempre presente toalha de seda, presente da madrinha, escrivã de Justiça, esfregava as loiras madeixas, respingando as últimas gotículas sobre o chão branco do quarto.

Jogou a toalha úmida sobre a cama. De súbito, entregou-se à intimidade daquele instante. O impulso de gravar-se no celular veio quase naturalmente, como se quisesse guardar para si uma lembrança que julgava pertencer somente a ela.

O aparelho permaneceu próximo. Seus movimentos tornaram-se mais intensos. Um gélido calafrio subia-lhe da coluna cervical à nuca. Uma suave pontada no baixo-ventre impulsionava-a a intensificar as sensações.

Os gemidos de prazer saíam sufocados diante da proximidade do quarto da irmã caçula. Vez por outra, interrompia os movimentos e permanecia imóvel por alguns segundos, atenta a qualquer ruído.

Gemia.

Cada vez mais.

De repente, um som de maior intensidade. Uma breve pausa. Um olhar sorrateiro.

A porta nada denunciou.

Susto contido.

Mais rapidez nos movimentos. A respiração acelerava. Os olhos permaneciam fechados.

Gemia, gemia...

A sensação que antecede.

Enfim, o gozo.

Respirou profundamente e permaneceu imóvel por alguns instantes.

Antes, porém, levou o aparelho celular, testemunha silenciosa daquele momento, à altura da linda face angelical. Os olhos fixaram-se na câmera do smartphone, a fim de registrar sua sensualidade.

Às vezes, fechava-os por instantes, abrindo-os grandes em seguida.

Olhar provocador.

Contava com seus 19 anos, embora aparentasse bem menos.

Passava a língua levemente nos lábios, da esquerda para a direita, mordiscando-os. Umedecia-os delicadamente.

O beijo final para a câmera.

Mais provocação.

Desligou o aparelho.

Dali, vestiu-se. As calças jeans apertavam-lhe as nádegas.

À faculdade.

De súbito, o homem que a importunava tocou-lhe a barriga magra, em um instante de distração, enquanto ela digitava uma mensagem para o Uber que a levaria para casa.

Não falou nada.

Passou.

Constatou que não fora dessa vez.

Da agonia vivida quando percebeu o que ocorrera, atônita, o corpo trêmulo não reagia.

Pensamentos.

Lembrou-se do aparelho, que havia ido com o tilintar da voz infantil. Na casa da madrinha, entre choros e berros indecifráveis, ela reavia sua privacidade expandida. Já projetava sua vida exposta a todos.

Ideia oca tivera.

Vulgarização de si?

Mas por quê?

Se nada fizera de mal.

A agonia encobria-lhe os sentidos. Atormentava-se em precipícios.

Por quê?

Se não cometera nenhum crime.

A madrinha, entre uns goles de Cointreau, rabiscava possibilidades, a fim de munirem-se contra o porvir. Contou detalhadamente à madrinha as agruras que havia experimentado.

Até então, nunca havia pensado na problemática social com agudeza reflexiva, embora fossem seus vídeos os que mais visualizações recebiam.

Ao ir à faculdade, percebeu os olhares sugestivos, os sorrisos de canto de boca.

Dedos tal lanças.

De repente, palavras desaforadas dirigidas a ela, referentes ao dedo indicador.

Piadinhas.

Desesperadamente, aos prantos, correu pelos corredores até o estacionamento.

Chegava em casa e logo se refugiava, tal bicho.

Sonhou com aves naquela noite.

Acordava com o acariciar da mãe.

Um susto incomunicável.

Outros presságios se seguiram.

Também outros dias de tormento comprido.

O medo lhe consumia.

Começou a cabular as aulas da faculdade de Publicidade e Fotografia, na qual cursava o 4º período. Ausência que se repetiria por muitos dias.

Impulsionada pela madrinha, voltou, com bastante custo, à regularidade da academia.

Terror.

Os olhares.

Observava os gestos, os risos.

A cada sorriso, uma angústia; a cada olhar, uma interminável aflição.

Suava.

A vontade iminente de ativar o aparelho lacrimal.

Constava-lhe que todos haviam visto sua nudez imprudente.

Mas por que imprudência, se apenas se satisfazia?

Não.

Era vítima.

O cenário dela — somente dela — roubado de si.

Maldita ideia, pensava.

Tudo mudou.

O isolamento social necessário.

Não era a mesma.

Sentia-se violada.

Violação autorizada por mim?

Pensamentos que lhe vieram enquanto folheava, sem nenhum interesse, uma desatualizada revista que jazia no centro da sala da clínica da doutora Fabíola.

Todo dia.

Violada... violada... violada.

Violada.

Virtualmente violada.

E assim os pensamentos confusos iam e vinham em bolhas angustiadas.

Agora vivia no invólucro de si.

Protegida.

Agredia a todos antes mesmo que se aproximassem. Raras eram as ocasiões nas quais alguém rompia aquele prepúcio de exílio voluntário.

Certa vez, ao ver uma belíssima jovem se aproximar, enquanto tomava sol na área da piscina do edifício onde morava, teve o impulso de levantar-se e ir embora antes que a importuna chegasse.

Importuna.

Antes que pudesse pôr seu plano em curso, foi interpelada com um sorriso límpido, seguido de um bom-dia entusiasmado.

Respondeu-lhe com dissabores antes que a moça completasse a enunciação.

Cabeça em frangalhos a cada ida à terapia.

Sem nervos.

Um dia, ao voltar de mais uma sessão, no banho, ao se refrescar do suor pregado ao corpo, precipitou-se em choro.

Conteve-se por instantes, vindo logo a espraiair as lágrimas que dançavam pelo corpo, no qual as gotículas quentes misturavam-se às gélidas que caíam do chuveiro.

O terceiro tom da Aurora?

Inspirou fundo.

Inspirar.

Expirar.

Inspirar.

Expirar.

Cessou o choro.

Com as mãos enrugadas, notou que estava ali havia tempo demais.

Águas límpidas.

Há tempos.

Há tempo?

Quanto tempo?

As mãos agora suavemente deslizavam pelo corpo nu.

Ou eram as mãos que o corpo nu tocava?

Não sabia.

Não importou.

Às águas, sim. Estas, aos lábios que bebiam.

Os lábios molhados.

Os dedinhos.

Sim, saudade.

Excitação de outros dias.

Pontudos, os mamilos rosados.

De frio.

Calafrios.

Os dedos iam e vinham freneticamente.

Sabonete íntimo.

Mais frio.

Um gemido tímido.

Frio. Frio. Frio.

Gemidos.

De olhos fechados, enquanto a lânguida boca entreaberta gemia.

A perna direita entrecruzada sobre a esquerda, e os dedos dos pés comprimiam-se contra o chão úmido do banheiro.

— Gozar.

Pensamentos céleres.

Sentiu gostos.

— Ai, ai, ai, ai, ai, ai...

Abriu os olhos e, pelo espelho, viu a menina que sorria em segredo.

Ela.

Apenas ela.

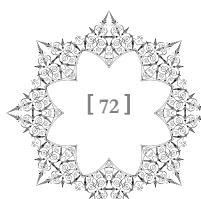
Sem testemunha.

Sem telefone.

Sem culpa.

Somente ela.

Águas límpidas e ela.



— — — — —
APRESENTAMOS

AS AVENTURAS DE BICÓ – UMA HISTÓRIA DE LIBERDADE

POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES

Engenheiro civil e administrador, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.



O socó observava aquela algazarra de meninos em torno de uma parte do remanso do lago. Eles jogavam pedaços de pão na água e, logo, um cardume de pequenos peixes, talvez tilápias, parecia fervilhar em torno dos nacos de pão, fragmentando-os, transformando tudo em minúsculos farelos. Naquele frenesi alimentar, tudo era devorado.

Os pedaços de pão acabaram e, então, os garotos perderam o interesse na brincadeira. Logo se afastaram dali, interessando-se por outras atividades.

O socó ficou.

Atento, tinha aprendido muito com tudo aquilo. Na grama do barranco do lago, sobraram alguns pedaços perfeitos para ele — melhor ainda, para obter o que de fato lhe interessava, ou seja, os pequenos peixinhos.

Com o bico, pegou um pedaço de pão, jogou-o na água e esperou.

Ávidos, desatentos, cada peixinho tentava abocanhar um pedaço. A ave, num golpe só, com seu bico, físgou um deles. Com movimentos rápidos, lançou o peixe para cima, que fez um giro no ar, caindo direto dentro do bico da ave, no sentido da cabeça do peixe para a garganta, evitando, assim, os espinhos perigosos da pequena tilápia.

Um pouco acima, dois garotos, amigos, que ainda não haviam ido embora, observavam a cena. Tinham, talvez, entre 8 e 10 anos.

No decorrer do tempo, ainda muitas coisas iriam aprender, tais como a cigarra que, diziam, explodia de tanto cantar, mas que, na realidade, apenas trocava seu exoesqueleto para poder crescer.

Aprenderiam que os pés de ipê, por volta do mês de agosto, começariam a perder suas folhas, dando lugar a flores amarelas, rosas ou roxas, conforme a espécie, expondo-as como num jardim do Éden aos beija-flores, cambacicas, abelhas e outros insetos polinizadores.

Num sistema de economia de água — pois não daria para manter flores e folhas ao mesmo tempo naquela região do Cerrado — e, ainda, procurando escancarar o visual chamativo delas aos espalhadores de pólen, a magia acontecia.

Depois, viriam as favas verdes, que amadureceriam e, logo, esses cartuchos já secos se abririam e espalhariam as sementes, que seriam levadas ao solo pelo vento.

Logo, novamente, os ipês voltariam a se encher de folhas.

Esse festival se repetiria somente a partir de agosto do novo ano.

Era o ciclo daquela árvore, embutido nos infinitos ciclos da vida.

Muita coisa ainda a aprender...

Ah, mas o tempo...

“O Tempo Não Para”, de Cazuzza.

Algumas décadas haviam se passado, e aquele garoto não existia mais, mas sua curiosidade e seu encanto pela natureza continuavam, como uma chama que nunca se apaga.

O senhor sentia no corpo o fluir dos anos, mas a alma não.

Agora, já com filhos e netos, morava em um apartamento de um prédio, numa cidade de médio porte, lá pelas Minas Gerais.

Então, um dia, naquele ano de 2025, uma moradora do nono andar trouxera um filhote de bem-te-vi que achara caído na garagem.

Outro filhote, ou mesmo o pai ou a mãe dele, segundo ela, estava na pista da agitada avenida, morto, talvez atropelado por algum veículo.

O senhor acolheu a pequena ave, um tanto trêmula, talvez pelo medo daquele contato com os humanos ou, ainda, pela fome e pela sede.

Estava infestada de minúsculos piolhos.

— Talvez ele possa cuidar dela, salvá-la — disse a vizinha do prédio.

Não havia outra saída: era tentar recuperá-la com papinhas, como a um bebê, visto a fragilidade e a tenra idade da ave.

Um desafio.

Uma mistura de fubá e ração para pássaros era misturada com água até formar uma papa, quase bem líquida mesmo, semelhante à que os pais dela ofereceriam aos filhotes.

Essa pasta, sugada com um conta-gotas, era inserida com cuidado dentro do bico da ave, imitando o pai e/ou a mãe.

Também se fazia o mesmo, abastecendo-se o conta-gotas com água fresca e filtrada.

Três a quatro vezes por dia, esse ritual se repetia.

Bicó, à medida que se restabelecia, ficava impaciente e, sempre que via o cuidador, desatava a piar sem parar.

No princípio, como ainda não conseguia voar, foi colocado numa pequena bacia plástica vazia.

Quando o sol batia nele, muitos piolhos saíam e iam para a bacia.

Era hora de lavar a vasilha, eliminando aqueles sugadores de sangue.

Passada uma semana, ele já estava bem mais forte, mais esperto.

Foi colocado na área de serviço, onde havia um bom viveiro com umas seis calopsitas.

Mas ele, de certa forma, ficava livre, em sua bacia, descobrindo os limites dela.

Descia, então, pela parte superior da gaiola, andando para lá e para cá, interagindo com as aves.

Dessas calopsitas, quatro eram descendentes da prole de um casal inicial: Billy e Mandy.

Sua alimentação era um misto de sementes: painço, alpiste, aveia, vitaminas etc., além de folhas como almeirão ou couve e, ainda, um jiló cortado longitudinalmente ao meio.

Muito ingênuas e completamente indefesas e dependentes, não havia mais como soltá-las, reintroduzindo-as na natureza.

O casal inicial tinha sido comprado num pet shop havia mais de dez anos. As aves também haviam nascido em gaiolas, oriundas igualmente de diversos outros criatórios similares.

No entanto, ninguém daquela residência queria o mesmo destino para Bicó.

Ah, sim. Este foi o nome escolhido para ele pela esposa e pelos netos daquele cuidador da ave.

Depois de certo tempo, todos estavam cuidando dele também.

Aos poucos, as papinhas foram sendo substituídas por pequenos pedaços de mamão, banana e migalhas de pão.

Depois, ele começou a gostar da ração de um cãozinho Pug — há registros de que essa raça é fruto do cruzamento entre o Pequinês e outras raças de focinho curto, como o Bulldog —, de nome Johnny, mascote da família.

No início, ela era molhada, amassada e dada com uma pequena colher.

Com o tempo, Bicó já a aceitava apenas úmida, sem amassar.

Os ponteiros do relógio pareciam não parar e, com o passar do tempo, graças ao bom trato e agora livre dos piolhos, Bicó crescia e se fortalecia.

Começava a arriscar alguns pequenos voos pela área de serviço, assentando-se nas cordas de um varal que havia no teto.

No entanto, quando alguém passava por lá, em voo curto, descia até o teto da gaiola, aceitava pousar no dedo do cuidador, da esposa, dos filhos e dos netos e, com o bico escancarado, gritava por comida e água.

Tinha um apetite, assim como diríamos, insistente, parecendo sempre querer mais.

Também sujava com suas fezes a gaiola e as calopsitas.

O chão da área de serviço também não escapava.

Paciente, a esposa do cuidador sempre limpava aquela área todas as manhãs e, depois, tratava das aves.

Ao cabo de um mês, Bicó já ensaiava alguns piados e pequenos assovios típicos dos bem-te-vis em liberdade.

Como numa metamorfose, com a boa alimentação que tinha, foi transformando-se num bem-te-vi portentoso, colorido e bonito.

No entanto, o instinto de liberdade começou a falar mais alto.

Inquieto, já cantava como um bem-te-vi, digamos assim, adolescente.

Isso começou a atrair alguns de sua espécie, que começaram a aparecer na janela da área, curiosos para conhecer o autor dos cantos.

O cuidador confabulou com sua esposa que não demoraria para que ele saísse pela janela, acompanhando essas aves visitantes.

Este senhor, o cuidador daquela ave, aquele mesmo que anos atrás aprendera com o socó, na beira do lago, e havia aprendido muitas outras coisas no decorrer dos anos, angustiava-se com tudo aquilo.

Como explicar ao Bicó tanta coisa, pois, para ele e para a família, era como mais um filho em crescimento?

Perguntou-se, então:

— Como ensinarei a ele as maravilhas desse mundo que ele está prestes a enfrentar, se a única coisa que parece entusiasamá-lo é a comida, a água; voar para o varal, dali para cima da gaiola, defecar em cima das calopsitas e emitir um canto forte e assobiado, como um bem-te-vi da sua espécie? E, ainda mais, ele está muito irrequieto e, mais dia, menos dia, estará voando com alguns dos seus?

Ainda, novamente, confabulou consigo:

— Como explicar a ele sobre o ciclo dos ipês? Das cigarras? Que, na natureza, tudo se interliga, e que uma espécie depende da outra para sua sobrevivência? O bicho-da-seda, da folha da amoreira? O urso-panda, dos pés de bambu? O coala, das folhas dos eucaliptos? A grande baleia-azul, de minúsculos organismos, como fitoplânctons e zooplânctons? Esses seres se interligam através de suas cadeias alimentares. Desaparece

uma espécie... desaparece a outra. Mas Bicó, indiferente a tudo isso, só queria comer, agitar suas asas e cantar.

O cuidador sabia que estava chegando a hora.

Era questão de dias.

Quantas vezes, naquele espaço de mais de um mês, ele não havia levado o pássaro, pousado em seus dedos, até a sala onde havia uma varanda que se projetava para a agitada avenida?

Em frente, num grande terreno com plantas, pombas, papagaios, tucanos, gaviões e outros bem-te-vis voavam livremente.

E, nessa mesma varanda, sobre uma mesa, uma pequena bacia com água limpa atraía diversos pássaros: sanhaços, inhapins, cambacicas, saís-azuis, dentre outros, que ali se empolgavam em banhos agitados, espalhando água por todos os lados.

Estes, junto com diversos beija-flores, revezavam-se em um bebedouro de aves, com água e açúcar, pendurado numa parede, onde buscavam a energia da glicose para seus voos.

Como proteína, para a manutenção de seus corpos, caçavam ali algumas aranhas, percevejos e baratas.

Diferentemente das calopsitas, ali eram todas livres, indo e voltando na hora que quisessem.

Bicó, com certeza, era grato à casa e à família que o acolhera, mas seu instinto estava gravado no pergaminho da vida, das gerações dos seus, de sua espécie.

Como reprimir, asfixiar uma semente, uma bolota de carvalho, em seu ímpeto de virar uma árvore enorme?

Deixaram, propositalmente, a janela aberta.

Certamente, naquele dia, alguns bem-te-vis chegaram perto.

Bicó não cantou, não fez alarido.

Apenas voou, acompanhando as aves.

Ninguém presenciou aquele momento.

Tempos depois, próximo ao prédio, num pé de ipê, ele já estava junto a uma parceira, fazendo um ninho, como se a planta desse ninho estivesse gravada em sua memória, com a mesma facilidade de quando a gente respira.

De quando em quando, ele aparece num muro em frente ao apartamento daquele senhor.

Emite seu canto alegre, estridente.

Então, olha para ele como a dizer:

— Obrigado, estou aqui!

Talvez se lembre daquele ente querido morto na avenida... poderia também ter sido ele.

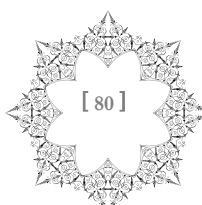
Como diríamos, novamente parafraseando Cazuza:

“Eu vi a cara da morte e ela estava viva, viva.”

Mas, momentos depois, não está mais lá.

E seu voo parece dizer:

— Estou vivo e sou livre!



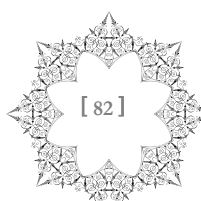
SER SOCIAL

POR MARCO ANTONIO BRUNIALTI

Marco Antonio Brunialti é servidor público federal aposentado e sempre manteve uma paixão pela arte de escrever. Já participou de diversos concursos de poesia, entre os quais foi classificado na Antologia de 1993, com o tema "Lar, Lares e não só Moradias", na categoria Poesia, e na Antologia de 1998, com o tema "Nas coisas que vejo, o humano que desejo", na categoria Conto, promovida pela USF - Universidade de São Francisco, em Bragança Paulista.



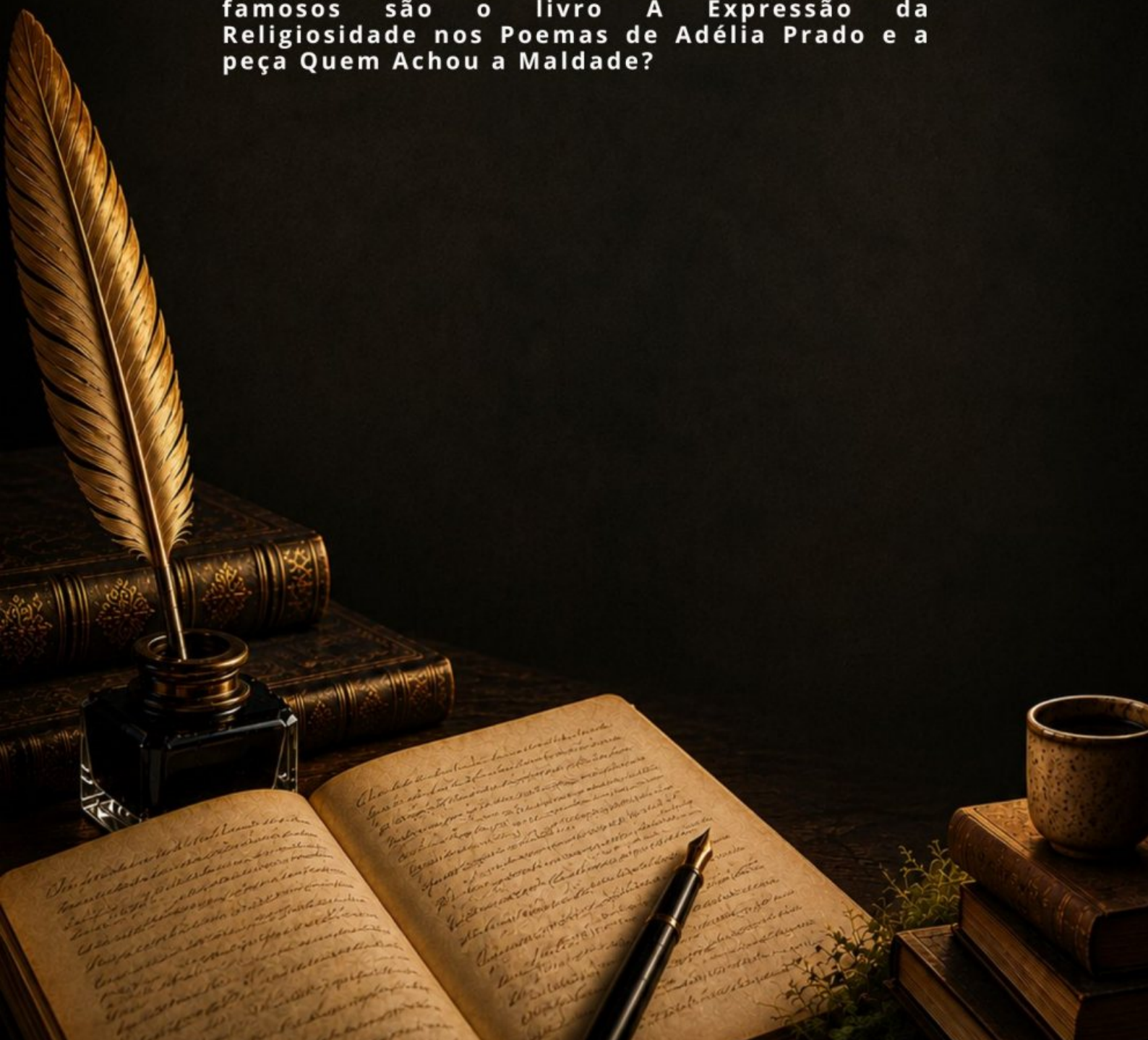
Meu caminho de sonhos e fantasias sorri um corpo calado
As vozes são soturnas e perdidas em mundos desconhecidos
Trilhei viagens e cordilheiras em busca de um rumo incerto
Eu navego no virtual lá me rendo aos diálogos solitários
Tenho muitos e não tenho ninguém nesse andar urbano
Eu risco seu nome numa tela e post pensando te encontrar
Mas os rostos e imagens se perdem nas nuvens
Desenho minha namorada inteligentemente artificial
Morena de corpo esguio e atraente são coisas líquidas
São vapores ilusórios nas brumas do desejo
Eu me despeço nesse aplicativo de encontros marcados
Nesse devaneio tudo rápido e efêmero
Você é tão deslizante em meu coração como água entre os dedos
Sou mais um objeto descartável nessa monetização ridícula
E absurda entre Lives e Reels as redes sociais são vazias
Não trazem a mensagem das ruas sujas e marginais
Em cada beco e esquina um medo escondido
O cheiro podre do esgoto social
Uma condição insalubre de existir
Sou mais um número uma estatística
Face anônima na multidão
Não tenho espaço e nem validação



O GATO

POR MARCO ANTONIO PALERMO MORETTO

Marco Antonio Palermo Moretto nasceu em São Paulo, capital, em 1º de setembro de 1960. É formado em Comunicação Social, Letras, Pedagogia, Filosofia e Teologia. Mestre em Educação, doutor em Linguística e pós-doutor em Ciências da Religião. É professor universitário e escritor, celebrando 40 anos de carreira como escritor. Seus trabalhos mais famosos são o livro *A Expressão da Religiosidade nos Poemas de Adélia Prado* e a peça *Quem Achou a Maldade?*

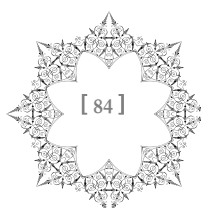


Ainda chorando muito, Camilo entrou em seu apartamento e foi até seu quarto um pouco tonto, um pouco desorientado. Estava voltando de seu último encontro com Josué, seu namorado de tantos anos. Estava demorando para entender como um relacionamento de tantos anos chegara ao fim e não por decisão sua, como sempre Josué é que tinha a última palavra. Em outras situações sua opinião não era levada em conta, aliás sempre as decisões mais importantes eram tomadas pelo ex-namorado que estabeleceu um domínio e um controle sobre ele. Comportava-se assim para não perder seu companheiro, uma estratégia nem sempre justa. No entanto tinha aceitado essa condição, aliás como sempre.

Para tentar diminuir um pouco sua dor, Camilo deitou-se em sua cama, deixou apenas um abajur aceso e olhava para o teto. Foi então que ele entrou, manso, calmo e ficou parado perto da cama, um gato. Pequeno, cinza e delicado. Olhava Camilo fixamente, como se não entendesse o motivo de tanta tristeza. Camilo percebeu a presença do pequeno animal e fez um gesto chamando-o para subir até a cama e assim o gato pulou e ficou aninhado em seus braços. O animal trazia paz para ele, um simples gato lhe dava mais amor e companhia que seu ex- namorado.

Camilo adormeceu com o gato ao seu lado, companheiro, amigo e cúmplice. Durante a madrugada, um barulho acordou Camilo que logo procurou o animal que não estava mais lá, levantou-se e procurou o felino por todo o apartamento e voltou sonolento para a cama, adormeceu novamente. E no sono profundo sonhou com o gato que corria pelo apartamento como se quisesse devolver a alegria tão despedaçada.

Acordou tarde no dia seguinte, queria ficar na cama, não queria enfrentar a solidão que começava a envolver sua alma. Abriu a porta da varanda e viu um céu cinza que prometia chuva. Lembrou então do gato em sua cama, do abraço consolador, lembrou também do sonho e foi até a sala. Sentou-se na poltrona, uma lágrima escorreu por seu rosto. Não havia nenhum sinal do gato, mas ele não tinha gato ! Não gostava dos gatos! Nesse momento ouviu o estrondo do trovão e o barulho da chuva caindo. O mundo também chorava.

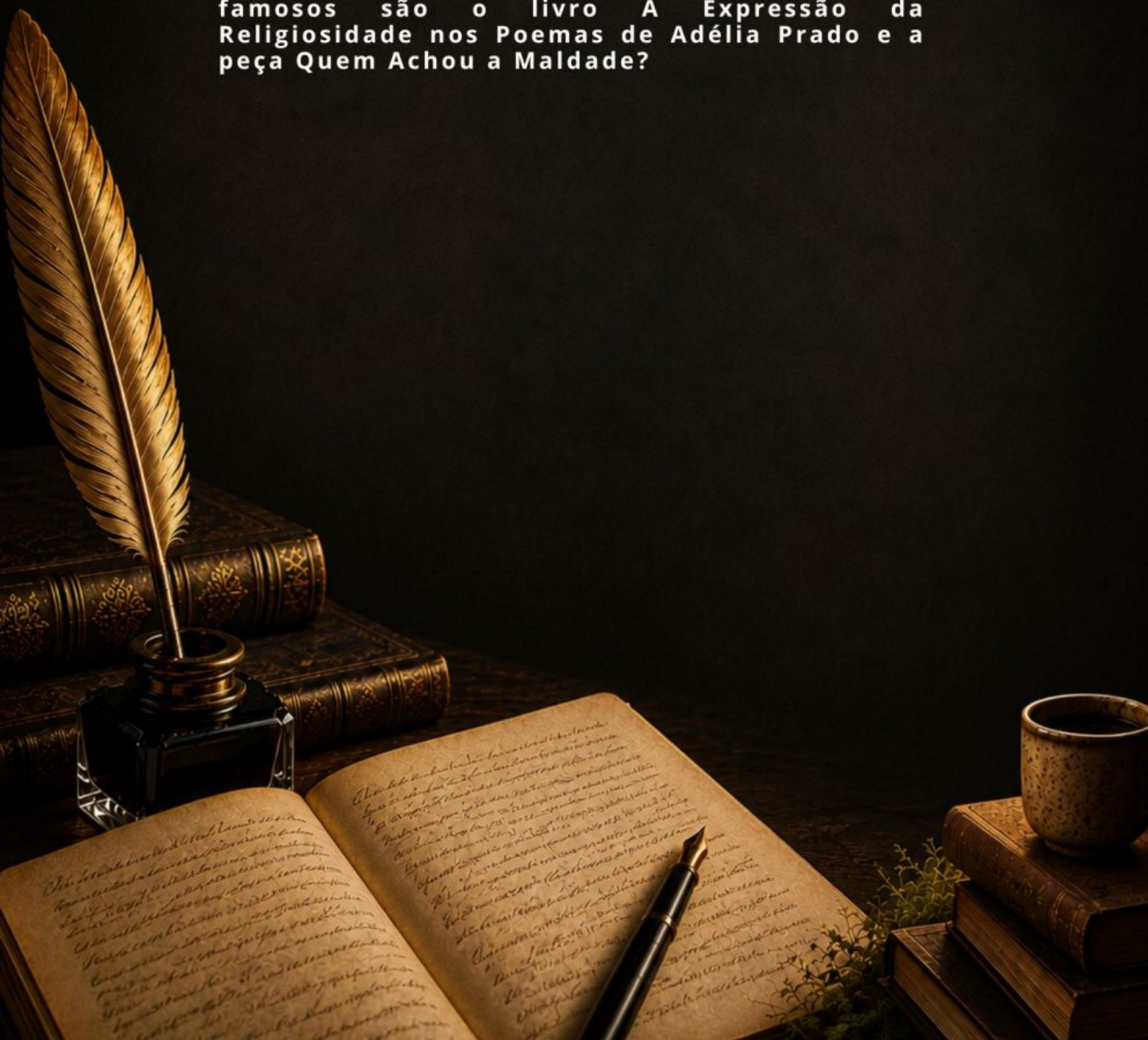


— ◆ — APRESENTAMOS — ◆ —

A LUA DA QUARESMA

POR MARCO ANTONIO PALERMO MORETTO

Marco Antonio Palermo Moretto nasceu em São Paulo, capital, em 1º de setembro de 1960. É formado em Comunicação Social, Letras, Pedagogia, Filosofia e Teologia. Mestre em Educação, doutor em Linguística e pós-doutor em Ciências da Religião. É professor universitário e escritor, celebrando 40 anos de carreira como escritor. Seus trabalhos mais famosos são o livro *A Expressão da Religiosidade nos Poemas de Adélia Prado* e a peça *Quem Achou a Maldade?*



Quando Henrique entrou em seu apartamento já passava da meia noite. Entrou quieto, silencioso e foi até seu quarto. Chegou perto da janela e a abriu delicadamente, à medida em que a folha da janela deslizava para a esquerda o negro céu daquela sexta-feira da quaresma ia surgindo. Ele olhou fixamente para o espaço negro e foi então que ele a viu. Pálida, nem tão grande e parada. Como era linda! A deslumbrante e ancestral lua. Não conseguia tirar os olhos dela e começou a chorar. As lágrimas vinham como pequenos rios quentes que escorriam pelo rosto e caíam no chão, no assoalho de madeira. A lua ficava embaçada pela visão sem transparência do rapaz. Aos poucos o choro foi passado e sem tirar os olhos dela lembrou de um quadro no qual Jesus estava em oração em um monte e ao fundo aparecia a lua, e seus sentimentos eram confusos, era Henrique que estava chorando no lugar de Jesus? Em um momento ele se viu ajoelhado olhando para o céu, mas estava sozinho, só ele e a lua, em que momento havia se ferido com tanta profundidade? Seria também crucificado como Jesus? Por que sentia tanta dor? Perguntas, perguntas. Fechou os olhos e quando os abriu estava novamente em seu quarto, seu refúgio, sua proteção.

Henrique foi até o banheiro e demoradamente tomou um banho bem quente, queria sentir proteção, seu mundo estava todo quebrado, podia ver os cacos ao seu redor. Precisava dormir, mas estava sem sono, foi até a cozinha e preparou um chá, geralmente os chás o acalmavam. Observou a água fervendo, a mistura lenta da erva com a água, o despejar na xícara e por fim o prazer de sentir o gosto da bebida em sua boca. Voltou para o quarto e percebeu que havia deixado a janela aberta. Correu até ela com esperança de ver a lua novamente e para seu espanto ela havia desaparecido! Sua amada lua sumira, apenas uma nuvem longa cobria-a totalmente, e agora para quem poderia lamentar-se? Apagou a luz, deitou-se em sua cama, colocou um cobertor sobre ele e ficou olhando para o teto, escuridão total, a angústia tomava conta dele. Adormeceu com a janela aberta e de repente a luz da lua debruçou-se em seu corpo, parecia que vinha fazer-lhe um carinho.

Não dormiu bem naquela noite, sonhos confusos dançavam em sua mente. Pingos de água, aves voando, quarto escuro e lugares trancados com correntes e cadeados. Acordou de repente, sentia frio e medo, levantou-se acendeu a luz. A janela aberta, o vento da madrugada entrando em seu quarto, foi novamente até a janela, olhou para o céu, a lua não estava mais lá. Fechou a janela e deitou-se novamente. Precisava dormir.

Henrique acordou um pouco confuso no sábado. Abriu os olhos, passou a mão pelos cabelos e um pouco tonto sentou-se na beirada da cama. O silêncio reinava pelo apartamento. Estava acostumado, há muitos anos morava só e isso lhe dava uma sensação de liberdade. Olhou pra o celular que estava caído no chão. Pegou-o e viu as mesmas mensagens de sempre, mas de quem esperava pelo menos um bom dia, não havia nada. Foi até a cozinha e fez um café. Bebeu demoradamente. Precisava arrumar alguma coisa para fazer ou enlouqueceria. Decidiu ir ao *shopping*, lugar onde tivera seu último encontro com Osvaldo.

Como sempre, o *shopping* estava muito cheio, afinal era sábado e as pessoas tinham uma verdadeira obsessão por esse lugar. Tudo acontecia ali e essa ilusão protetora fazia todos felizes. Relutou um pouco em ir ao lugar onde a difícil conversa acontecera, um café no segundo andar. Foi até lá, viu a mesa onde sentou-se com Osvaldo, sentiu uma dor aguda no peito e continuou. Viu que a mesa do dia anterior estava vazia e sentou-se na cadeira macia.

— O senhor deseja alguma coisa? — perguntou a educada atendente.

Não tinha fome, mas não podia ficar ali sem consumir nada e então pediu um suco de laranja e um sanduíche. Olhou para a cadeira vazia a sua frente. Osvaldo não estava lá e isso aumentava sua mágoa. Foi então que a lembrança tomou conta dele violentamente. Osvaldo chegou um pouco atrasado, estava nervoso, apertou a mão de Henrique muito formalmente e sentou-se.

— Não vou demorar muito, tenho compromisso — disse Osvaldo.

— Mas você sempre fica mais tempo comigo. — falou Henrique.

— Eu sei, mas hoje é diferente. Você já deve ter percebido que as coisas não andam bem entre a gente, acho que chegou a hora de terminarmos — murmurou Osvaldo.

Henrique ouviu isso como se uma bomba tivesse caído em cima dele. Não acreditava que o homem que ele tanto amava estava ali na sua frente dizendo palavras horríveis que pareciam punhais sendo cravados lentamente em seu coração.

— Você está falando sério? — perguntou Henrique muito surpreso.

— Não consigo mais e a data do casamento está se aproximando. Acho que Marta está desconfiada. Tente entender, ia ficar difícil eu casado manter um relacionamento com você, não posso ficar nessa vida dupla, você não merece, precisa de um cara inteiro, não dividido. — explicou Osvaldo.

Henrique olhou bem sério para Osvaldo, estavam juntos há alguns meses mas em sua percepção ficariam junto mesmo Osvaldo se casando, o que poderia ser muito ruim para ele, viver de migalhas, das sobras, sempre em segundo em segundo plano, não seria a prioridade e para a sociedade, seria bem melhor que Osvaldo se casasse com uma mulher, a aceitação seria bem maior, mas Henrique estava apaixonado e só o que importava era o amor do namorado.

— Mas você disse que ia dar um jeito! — argumentou Henrique.

— Pense bem, eu não ia ter tempo para você. Sempre te esconderia e se ela descobre? Também quero ter uma família, filhos e isso você não pretende. — exclamou Osvaldo.

— Mas você sempre diz que me ama. Não me ama mais? — perguntou Henrique.

— Eu te amo, e sempre vou te amar. Não posso te dar só metade de mim — disse Osvaldo com lágrimas nos olhos.

Enquanto ouvia isso Henrique foi se apagando, foi murchando como uma planta que está ao sol. Não conseguia falar mais nada. Quando conheceu Osvaldo sabia que ele não estava totalmente disponível, mas ele insistira, pedira, dissera muitas palavras de amor, até juras de amor mas não contava que iriam se apaixonar, uma fatalidade, amar alguém que já tem outra pessoa, mas mesmo assim concordara e agora estava ouvindo o que nunca quisera ouvir. Seu amor estava partindo e deixando-o completamente sozinho. Devia ter se blindado e considerado aquele romance apenas algo passageiro, mas não tinha conseguido e se entregara completamente. O resto da conversa foi uma sequência de desculpas, de justificativas, de argumentos que não convenceram Henrique e uma estranha sensação tomou conta dele, um misto de decepção, desilusão e a eterna sensação de rejeição e abandono que tivera desde a infância pela falta de atenção de seu pai e agora tudo isso volta novamente como um trator a passar por cima de seus

sentimentos mais verdadeiros e honestos. Era preciso ter uma forte estrutura para enfrentar o abandono e a solidão.

Depois dessas lembranças sentiu algo beliscando sua perna direita, era um cachorrinho que se divertia com suas calças.

Henrique começou a incomodar-se com o ambiente do *shopping*, tudo começou a incomodá-lo, as pessoas, as crianças que corriam sem parar, e os cachorros, de onde saíam tantos cachorros que as vezes faziam sujeira nos corredores, muitos casais preferiam ter cães do que filhos. Tantas lojas, tantos objetos à venda, a ilusão de ter. Ficou tonto e saiu, precisava procurar um lugar mais calmo, com mais serenidade. Lembrou de um parque não muito longe dali e foi até ele.

Depois de quase meia hora, Henrique entrou no parque e logo começou a sentir-se melhor, gostava das árvores, do céu azul, das aves que pareciam saber de sua dor e voavam perto dele. Avistou um lago, calmo, com as águas paradas. E percebeu um banco próximo. Sentou-se e não conseguia tirar os olhos da água, alguns patos nadaram e pareciam solidários ao seu sofrimento.

Como tudo mudara em sua vida depois que Osvaldo havia ido embora, milhões de sentimentos se misturavam em sua mente. A dor da separação, o sentimento de ter sido abandonado e rejeitado. A crença em que finalmente tinha encontrado o amor de sua vida, pois os outros também tinham partido mas cada um por um motivo diferente. A sensação de amparo, de conforto e até de cumplicidade foram destruídos. Osvaldo não tinha apenas ido embora, tinha levado uma parte de sua vida, dos seus sonhos, de suas esperanças e de certezas que estavam cristalizadas em seu coração. Que estrago Osvaldo tinha feito. Olhou para o céu azul e pensou: “Por que precisei passar por isso? Que mal tinha feito ou mesmo prejudicado alguém.” Não entendia os movimentos da vida. Dedicou-se aos estudos, ao trabalho na esperança de que encontraria um amor para completar sua vida. Seu erro fora acreditar em todas as palavras de Osvaldo mesmo sabendo que ele era comprometido, que tinha uma noiva e ia se casar em algum momento da vida, mas sua paixão foi mais forte e não conseguia ver nele um homem que veio impedido. O amor coloca uma venda nos olhos, não se consegue ver mais nada a não ser a pessoa amada. Se alguém tivesse dito que esse romance não daria certo por certo não acreditaria. Cansou-se de ficar sentado, levantou-se, pegou uma pedra que estava perto e atirou na

água, viu as ondas se formarem e chegarem perto dele, uma lágrima escorreu-lhe pela face direita.

Quando estava anoitecendo chegou ao seu apartamento, abriu a porta e tudo estava escuro inclusive sua alma. Acendeu a luz da sala e caiu na poltrona branca sentindo-se muito cansado. Não tinha nada para fazer. De repente olhou o porta-retrato com a foto. Nela estava ele com Osvaldo, os dois sorriam e para quem a visse logo imaginaria o quão estavam felizes. Um sorriso doce e sincero e a foto dizia: “Ei, somos felizes, nós nos amamos!” Agora estava ali, sozinho, sem Osvaldo ao seu lado e um silêncio ensurdecedor. É preciso ter um pouco de resguardo quando se ama alguém com muita intensidade, fundir-se ao outro é um erro, como voltar a si mesmo? Pensou Henrique com essa mágoa tão grande que até lhe dava falta de ar. Interrompendo seus devaneios o telefone celular tocou, Henrique pegou o aparelho pensando que era Osvaldo, era sua mãe.

— Oi filho, estou preocupada com você, desde ontem não consigo falar com você, está tudo bem? — perguntou ela.

— Estava ocupado, estou escrevendo outro livro, fico meio desligado do mundo. — respondeu Henrique.

Conversaram mais um pouco e Henrique desligou. Percebia a preocupação da mãe, era natural, as mães se preocupam mesmo. Tentou se distrair, ligou a televisão mas o som e a luz perturbavam e depois de segundos a desligou. Novamente o silêncio que parecia estrangular-lhe lentamente, foi até um pequeno escritório que fizera para escrever seus livros, viu o computador, os livros na grande estante que também mandara fazer, seus livros, seus melhores amigos. Não tinha ânimo para nada. Apagou a luz, foi até a cozinha e bebeu um pouco de suco de laranja com biscoitos. Foi até seu quarto, algo parecia chamar-lhe, abriu a janela e a viu novamente, a lua, a lua da Quaresma, iluminada, elegante, parecia que ela o convidava a não sofrer mais, ela estava ali, sua companheira. Caiu na cama, eram dez horas da noite e adormeceu, um dia que o torturara impiedosamente.

Para Henrique o domingo era um dia muito sem propósito, nada para fazer além de descansar, o que para muitos era um dia especial, para ele um tormento. Abriu a janela, o

tempo estava nublado. Decidiu sair, andar por uma avenida importante que ficava fechada aos domingos. Muito agitada, mas diferente do *shopping* ficava ao ar livre. Havia música, pessoas se apresentavam em pequenos números musicais. Caminhou por entre toda aquela gente, crianças com os pais olhavam atônitas tudo o que acontecia, cachorros participavam da multidão. De repente avistou uma pequena cafeteria que ficava perto da calçada, foi até lá, escolheu uma mesa e sentou-se, perto dele casais enamorados sorriam, pareciam felizes. Que bom, ao menos muitas pessoas eram felizes. Sentiu-se muito só entre todas aquelas pessoas, e foi nesse momento que passou na rua um rapaz que parecia ser Osvaldo. Henrique levantou-se e foi até ele, a mesma roupa, o mesmo jeito, o mesmo cabelo, quis falar com ele, mas não era ele, apenas alguém muito parecido. Voltou para a mesa decepcionado, a xícara de café já estava lá. Sentou-se e bebeu calmamente a bebida quente.

A solidão é um estado que apresenta várias formas, parado ali no meio de tanta gente, Henrique sofria pois parecia que era a única pessoa que habitava o planeta, mas por outro lado o sentimento de liberdade era muito grande, podia fazer o que queria, não dependia de ninguém, muito menos de Osvaldo, havia muito amor nele, mas a vida de Henrique será que não valia nada? Ele fez tudo tão direitinho, em todas as etapas da vida, os estudos, seu trabalho, o respeito que dava a todas as pessoas, sua alegria, seu modo de ver o mundo. Osvaldo tinha perdido um grande homem, um verdadeiro tesouro. E o sentimento de abandono, de ser excluído e rejeitado assim pelo homem que Henrique tanto amava poderia ser uma desgraça tão grande a ponto de sua vida ser invalidada? Por que dera tanto valor e poder a Osvaldo? Não era junto para consigo mesmo. Sentiu vontade chorar, a felicidade dos casais ao lado começavam a incomodá-lo, mas eles não tinham culpa. O celular fez um barulho, Henrique pegou o aparelho, era uma mensagem de um amigo. Olhou a mensagem e percebeu que estava anoitecendo, as luzes começavam a aparecer, não tinha vontade de voltar para casa, aquela sensação de solidão o abraçava lentamente, mas não podia ficar a vida toda sentado naquela mesa, decidiu caminhar mais um pouco, sentiu-se vazio e lembrou de uma conversa com Osvaldo:

— E se um dia você se sentir vazio me procure, estarei sempre aqui, é só me ligar.- disse Osvaldo.

Assim caminhava Henrique, sozinho, calado com um buraco no peito e o coração sangrando, as gotas pareciam cair lentamente pela calçada. Difícil entender que dias antes estava declarando todo seu amor por Osvaldo e agora um silêncio que esmagava, uma ausência que o esfaqueava por dentro. A pior parte ficara com ele, a desilusão, a decepção e o sentimento de culpa que fizera algo errado, muito errado. Por mais que se queira entender, não se consegue. Como era triste depender de alguém para viver.

Depois de algumas semanas, Henrique decidiu procurar ajuda profissional, estava sofrendo muito e seu estado emocional piorava. Chegou na portaria do prédio imponente. Subiu até o andar onde ficava o consultório e tocou a campainha. Um senhor muito educado abriu a porta e pediu que Henrique entrasse. Estava nervoso. Sentou-se na poltrona confortável. Não sabia como começar, mas depois de alguns minutos disse a frase que resumia seu sofrimento:

— Acho que fui abandonado, descartado como um trapo velho!

Assim deu-se início um longo tratamento com muito choro, muita tristeza e o desejo imperativo de entender o porquê de tudo. Como era possível que as pessoas que se amassem pudessem ficar separadas e não por seu querer e sim pelos desejos do outro. Não é possível controlar a vida dos outros. As situações são difíceis, tudo muda, tudo é impermanente mas o sentimento não poderia ser tão instável e tão modificável. Henrique sempre acreditara que encontraria um companheiro, alguém que ficasse com ele mas a instabilidade das pessoas não permitia isso. E principalmente agora que sua vida estava estabilizada, com muitos sonhos realizados. Não, não podíamos imaginar o que aconteceria na vida, tudo imprevisível, um grande mistério que desafiava a tranquilidade e a paz de espírito.

E assim o tempo foi passando, Henrique esperava a cada dia uma mensagem de Osvaldo que nunca veio, a esperança de que Osvaldo voltasse para ele também foi desaparecendo e o desejo de voltar-se para si e continuar sua vida foi tomando forma e numa dessas tardes em que caminhava pela rua avistou uma igreja e decidiu entrar. Estava escura, silenciosa, percorreu o longo corredor e parou em frente a uma bonita imagem de Nossa Senhora. Sentou-se num banco e uma sensação de paz tomou conta dele. O olhar da imagem era sereno e Henrique sentiu vontade de chorar. O que estava fazendo com sua vida? Começou a lembrar-se de toda sua vida, desde a infância, uma

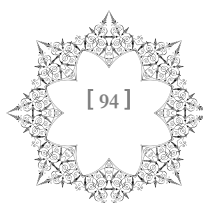
sucessão de acontecimentos que foram bons, sempre com bênçãos e conquistas. Não podia entregar sua vida nas mãos de Osvaldo, recebera muitas graças e estava jogando tudo fora, por que dava tanto poder a ele? Seria possível que ele controlaria assim a sua vida? Cadê sua auto-estima? Seu amor próprio e respeito por si mesmo? Cada pessoa é única e seu valor muito alto. Sentiu-se mais seguro. Era essa a mensagem da santa para ele. Continuar vivo, pleno, inteiro. Talvez não fosse fácil, mas era a cruz que carregaria embora um homem já tinha se sacrificado pela humanidade!

De repente passou por um Henrique um rapaz alto, magro, moreno e dirigiu-se para perto do altar. Henrique não se importou com ele e continuou olhando para a imagem e em alguns instantes começou a ouvir uma música linda dirigida a Nossa Senhora. Seria um anjo? Não, era o rapaz ajoelhado em frente a imagem e atrás de Henrique. Então Henrique começou a chorar muito emocionado. Alguém cantava para a santa. Henrique entrou em um profundo estado de adoração e êxtase. Estava recebendo um milagre! Estava de volta a si mesmo.

Quando Henrique saiu da igreja estava muito escuro e chovia, olhou para o céu e só via nuvens escuras que despejavam água sobre a cidade, não estava muito longe de seu apartamento e foi correndo até o prédio. Abriu a porta suavemente e foi até seu quarto, estava muito molhado, tomou um banho quente e vestiu um pijama. Sentou-se na cama e colocou a cabeça entre as mãos. Teve vontade de chorar, porém escutou um barulho, a água batia na janela, parecia que o chamava. Levantou-se, foi até ela e delicadamente a abriu bem lentamente, então teve a surpresa, uma parte do céu estava aberta e a lua brilhava entre as nuvens, era ela, a lua da quaresma!

O porteiro do prédio onde Henrique morava estranhou o silêncio do morador pois há três dias não via o rapaz. Interfonou várias vezes para o apartamento e não obteve resposta. Foi até o apartamento, tocou a campainha e não foi atendido, voltou à portaria e telefonou para a polícia, estava preocupado. Dois policiais e o porteiro foram até o apartamento e arrombaram a porta. Foram até o quarto e lá estava Henrique deitado e sua cama, os olhos abertos olhando para o teto, imóvel, pálido como a lua e um suave sorriso no rosto. O porteiro fez um sinal da cruz e começou a chorar: “Era um bom homem”, pensou ele.

Alguns dias depois, Osvaldo foi até o cemitério e com um cravo vermelho na mão, a flor preferida de Henrique ficou parado perto do túmulo e o pranto escorria de seu rosto. Queria entender tudo aquilo, não teve tempo de dizer que tinha desmanchado o relacionamento com sua noiva e ia tentar ficar com Henrique. Imaginou o sofrimento de Henrique, mas estava com essa dúvida há tanto tempo. É possível morrer por amor ? Como queria voltar no tempo e ter Henrique novamente em seus braços, mas a vida é assim, nem sempre é possível entender os acontecimentos. Só sabia que amava Henrique, foi então que olhou para o céu e viu uma lua tão linda que ficou deslumbrado, ela parecia que compreendia seu sofrimento e que o consolaria por toda a sua vida e cada vez que ele olhasse para o céu e a visse lembraria de Henrique, seu grande amor.



— — — — — APRESENTAMOS — — — — —

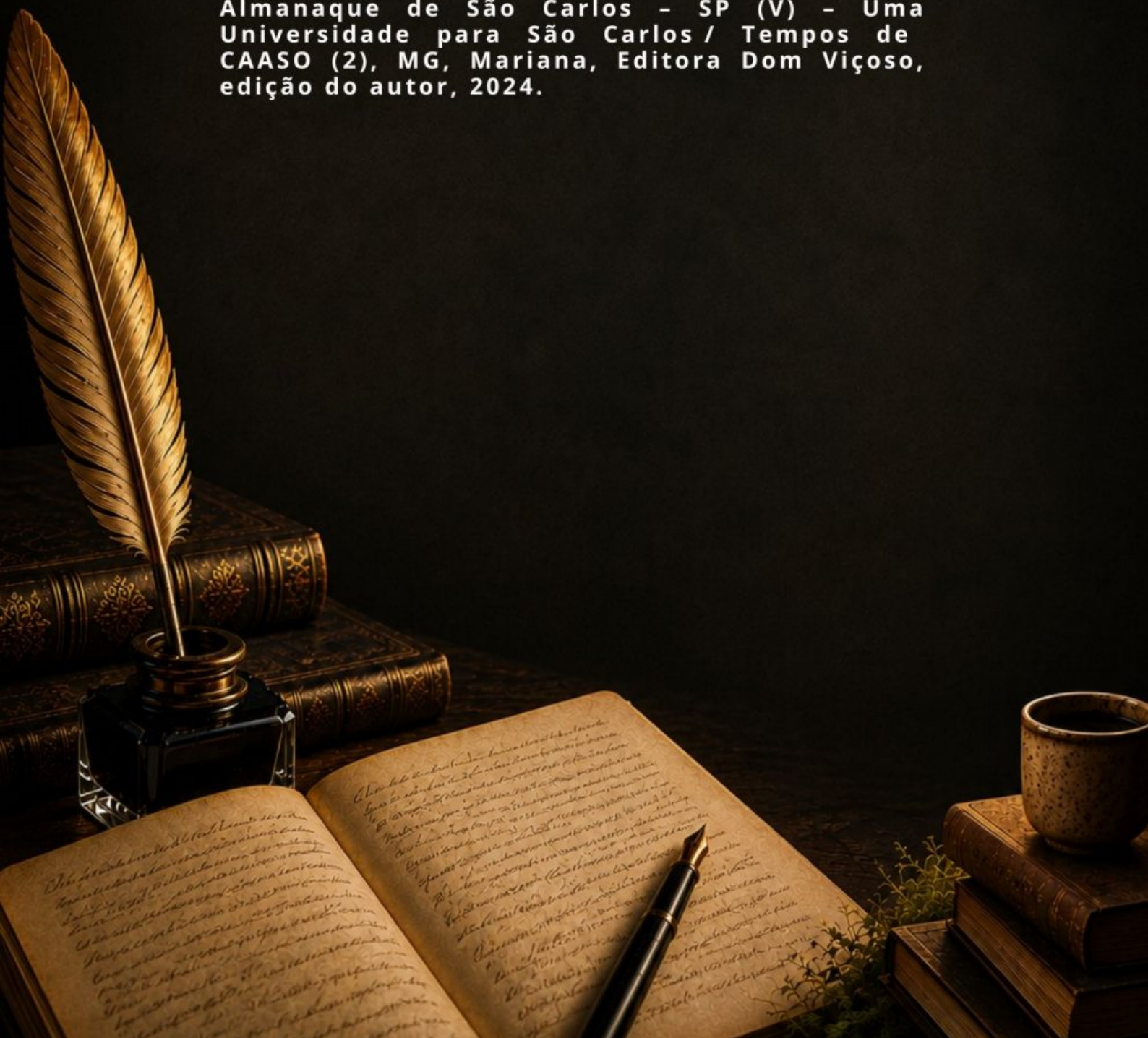
CURUPIRA MARCOU O GOL

POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO

Formado em Engenharia Elétrica pela Escola de Engenharia de São Carlos - USP e em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto. Membro da Academia Literária de São Carlos - SP.

Últimas publicações: Ufopianas (ou Ouro Preto dos meus uais e das repúblicas estudantis), MG, Ouro Preto, EduFOP, 2023;

Almanaque de São Carlos - SP (V) - Uma Universidade para São Carlos / Tempos de CAASO (2), MG, Mariana, Editora Dom Viçoso, edição do autor, 2024.



Você pode não acreditar
Nessa história que vou contar
Mas é verdade, tão verdadeira
Nem São Tomé vai duvidar

Nas veredas do Tijuco Preto
Lá bem perto do campo santo
Foi que teve lugar tal porfia
Era jogo final do campeonato

Entre o time da Onça-Parda
Das barrancas de Água Vermelha
E a equipe do Tamanduá-Bandeira
Que do Vale do Quilombo era

De um lado, na torcida organizada:
Jagatirica... Cascavel... Biguá
Quem-quem... Dourado... Boipeba
Até a abelhudinha Jataí estava lá

Lotavam a outra arquibancada:
Sucuri... Perdiz... Seriema
Codorna e a Capivara toda... toda
Lontra... Paca... Caititu... Preá

Então, aos 45 do segundo tempo,
Lobo-Guará aponta a marca de cal,
Apitando lance capital do Urutau:
Penalidade na arrancada do Sagui.

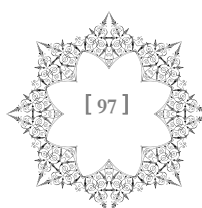
Depois de tamanha confusão
E da expulsão do Jacaré-Guaçu,

Inconformado com a decisão,
Curupira foi convocado então.

Momento de grande comoção,
Estádio da APASC em tensão.
Corre o “mascote” com decisão
E goool... para o time contrário!

Treinadora Ema havia esquecido
Que o craque de cabelo de fogo
Tinha pés pra trás... daí que o jogo
Terminou 1 a 0 para o adversário.

E até hoje o ocorrido é comentado
Pelo mestre Garrincha, cantado,
E que nem Pelé havia marcado:
O gol do Curupira em São Carlos...



— ◆ —  APRESENTAMOS  — ◆ —

O ESPELHO

POR MARCOS VINICIUS DA EXALTAÇÃO

Tenho 42 anos e sou professor.



O mais feroz dos animais domésticos

é o relógio de parede:

conheço um que já devorou

três gerações da minha família.

— Mário Quintana, "Relógio"

Luíza limpou o espelho com a palma da mão. “Não sou eu quem está aí”. Esse pensamento vai embora tão rápido quanto veio. Luíza o afasta como uma ideia descabida. Sente-se tola ao olhar o espelho, após sair de um banho quente, o que, naturalmente, o faz embaçar. A estranheza de agora, no entanto, foi ao vislumbrar a própria imagem depois de limpá-lo do vapor. Algumas características pareciam não estar conforme o que ela via até o dia anterior, véspera do seu aniversário de 40 anos.

Alguns convidados já começam a chegar: os amigos mais próximos, poucos, já estavam no apartamento da anfitriã. Luíza não é uma mulher afeita a socializações nem fazia questão de participar ativamente do jogo social. Não que não tivesse traquejo para isso, mas simplesmente lhe exauria o teatro de que se valem as pessoas para estarem harmoniosamente umas com as outras, seja pela oportunidade de redes de contato profissionais ou simplesmente pela possibilidade de conhecer alguém interessante para um flerte, um namoro ou, pelo menos, sexo casual.

Aquele dia, diferente dos outros, era desafiador para ela. Desde sempre escutou a mãe e a avó dizerem que aos 40 a mulher “perde o prazo de validade”, especialmente se não tem filhos. Sua avó era mais cruel: dizia que o útero ficava seco. Declaração que nunca soou como ameaça, pois Luíza nunca quis ser mãe. Publicitária, trabalhava justamente com campanhas de cosméticos que prometiam rejuvenescimento e suavização das marcas da idade. Sabia que aqueles milagres não existiam e, ainda assim, ajudava a vendê-los. Como mulher, via-se engolida pela mesma lógica que alimentava.

Luíza se apressa no banheiro ao ouvir as vozes aumentando na sala. Sabia que poucas pessoas estavam ali por afeto; a maioria cumpria um protocolo social. Olhou para o relógio: 17h59. Júlia, uma das poucas pessoas que não trabalham com Luíza, e sua amiga pessoal, vê a aniversariante em uma roda cuja principal discussão era se uma das candidatas teria “nariz adequado” à campanha. Discretamente, puxou Luíza a um canto. “Como você aguenta isso todo dia? Essa gente não se manca que tá no seu aniversário e para de falar essas merdas pelo menos por hoje?” Luíza sorri de um jeito que Júlia entende na hora e as duas fogem para a varanda, onde acendem um baseado. “O pessoal da agência é meio careta... são publicitários fora da curva”, e ri. Júlia solta um “Foda-se” com uma baforada e as duas caem na gargalhada.

“Mas e aí: como é chegar aos 40?” Aquela pergunta incomoda Luíza de um jeito que ela simplesmente balança o ombro e responde “É foda”. Júlia é mais nova, tem 35, e ambas sabem que essa diferença de 5 anos, nessa faixa etária, é muito significativa. Conhecendo Luíza o bastante, sabe que ela temia chegar a esse marco. “Amiga, você sabe que vai continuar sendo a mesma pessoa, né? Tipo, nada vai mudar da noite pro dia, não é assim que as coisas funcionam.” “É, eu sei”, responde sem convicção.

O dia seguinte chega e Luíza acorda esbarrando em uma garrafa de cerveja deixada no batente da porta. “Quem terá sido o filho da puta que deixou isso aqui?” Joga a garrafa no lixo, passa um café e toma um banho, dessa vez frio pra ajudar o corpo a reagir à brutalidade daquela hora tão precoce. Faz sua rotina de autocuidado: shampoo, condicionador, óleo corporal... olha no espelho, está embaçado, mas como? A água não estava quente. Desembaça o vidro com a mão e precisa olhar com mais cuidado dessa vez: uma marca na altura do olho direito, sutil, desponta, feito um erro de impressão numa fotografia revelada com pressa. Podia jurar que aquele vinco não estava ali no dia anterior.

Sai para a caminhada de domingo, passa na cafeteria e entra no mercado à procura de adoçante, o que tem já está no fim. Compra verduras no hortifruti para a salada e leva petiscos para Gilda, a gata. Encontra o esquisito do andar de baixo saindo do prédio. Não sabe muito dele, apenas se cumprimentam quando é preciso e tchau. Dessa vez, ele para na porta do edifício, segurando pra que ela passe. “A senhora quer ajuda para subir com as compras?” “Não, obrigada” e entra. O que aconteceu ali? Aquele homem nunca tinha

ultrapassado um bom dia com aceno de cabeça, meio se desculpando, e Luíza gostava de achar que era um sinal de que ela o intimidava, gostava da sensação.

Aquela situação foi diferente das breves interações anteriores. Ficou tentando lembrar se ele alguma vez teve uma atitude parecida: parar para dar passagem a ela e... “senhora”?! Buscou na memória as poucas vezes em que se encontraram no elevador ou no saguão, se ele já a havia tratado daquela forma. Era gentileza? Cavalheirismo? Aquele homem deveria ter a mesma idade que ela, que tratamento inusitado. Voltou ao espelho. A marca continuava lá.

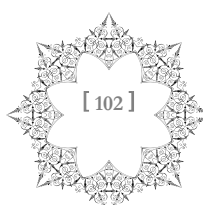
No dia seguinte, evitou olhar-se. Se penteava o cabelo ou escovava os dentes, o fazia por instinto, de costas para a própria imagem. Atrasada, pediu um Uber para o trabalho, o retrovisor rogava seu olhar, mas ela não cedeu. Entrou no prédio da empresa e André, abriu a porta: “Bom dia, dona Luíza”. “Bom dia, André.” Ela ouviu mesmo aquele “dona”? Ele nunca a tinha tratado assim. Luíza pensou estar escutando mais do que o necessário. Será que estava ficando surda ao contrário? Quando desceu no andar onde trabalhava, se deu conta do corredor de espelhos que teria de atravessar para chegar à sala de reuniões. Aquilo não era surpresa pra ela, pelo contrário, diversas vezes se pegava desfilando por aquele corredor observando se tudo estava no lugar: roupa passada, cabelo impecável, a silhueta torneada pelo salto do sapato. Mas hoje não. Seguiu por aquela galeria de reflexos sem olhar para os lados, mas a visão periférica denunciava a ameaça. Era só virar um pouco a cabeça e lá estava: ela mesma, mas de que forma?

Mas seria ela mesma que veria? A impressão era a de estar sendo seguida por si própria, queria atravessar o mais rápido possível aquela tortura, apressou o passo, o andar era vacilante, mas como? Tinha costume com o salto fino, mas não era o salto, a perna pesava, a bolsa parecia de chumbo, aterrissou em cheio, os joelhos como pó. Sentiu que a levantavam pelos braços e a colocaram em uma cadeira, a reunião transcorria normalmente. “Desculpem o atraso”. “Imagina, a senhora quer uma água? Um tombo desses é perigoso”. Luíza olhou para Maíra, a estagiária que lhe oferecia um copo d’água e se preocupava que seus ossos se quebrassem com um simples tombo. O olhar que ela lançou para a moça deve ter sido aterrador, pois ela imediatamente saiu de perto.

Luíza notou que todos a olhavam. “Gente, tá tudo bem, foi só um escorregão, caí porque tava atrasada, só isso.” “Eu já falei que a gente precisa colocar um piso

antiderrapante por aqui”, alguém falou. “Eu não preciso de um piso antiderrapante, eu só quero participar da reunião, podemos?” “Claro, querida, inclusive, estávamos esperando você chegar para fazer a surpresa: não precisamos de modelos de fora, essas meninas que, de tão perfeitas, parecem de plástico. Queremos alguém real, independente da idade. Por isso, escolhemos você pra ser o rosto da nossa nova linha de cosméticos”. Quando Carlos terminou de falar, clicou no controle remoto e, na imensa tela da sala de reuniões apareceu uma imagem que fez Luíza gelar: segurando um frasco com algum creme antissinais e rodeada por outros produtos da marca, era ela. Sorrindo. Definitivamente era ela, mas não poderia ser. “Que porra vocês fizeram nessa foto? Que tipo de brincadeira é essa? Eu não gosto que façam montagem comigo!” “Isso não é uma montagem, querida.” “Isso claramente é uma montagem! E para de me chamar de querida, seu escroto!” Todos olhavam aturdidos, mas aos poucos, os olhares assustados foram dando lugar a sorrisos disfarçados e cochichos. Ela chegou a ouvir um “Coitada”. Sufocada, se levantou para sair, mas não conseguiu desviar a tempo de mirar o próprio reflexo no vidro da sala. Não era um espelho, mas refletia com bastante nitidez o cabelo quase completamente grisalho, os vincos em volta dos olhos e da boca, o pescoço como linhas de um carretel que se desenrolou ao cair no chão. Olhou novamente a imagem na tela, não era montagem. Não queria acreditar em reflexos, precisava ver em si própria: suspendeu as mãos e lá estava: amarfanhadas feito um tecido antigo. “Dona Luíza, tá tudo bem?” Com o susto inesperado, a mão que estava no ar, por instinto, se moveu na direção do rosto de Maíra com tanta força que a lançou no chão.

Em casa, Júlia a colocou na cama e lhe entregou uma xícara de chá, negou. “Você precisa se acalmar, amiga. Você surtou hoje, precisa descansar, esse chá vai te relaxar.” “Eu quero ficar sozinha.” Antes de Júlia sair, pediu: “Cobre todos os espelhos da casa”. Com sede, pegou a xícara, mas antes que pudesse encostar os lábios na porcelana, a figura refletida no líquido a paralisou. Não só porque tinha o rosto em decomposição, quase um esqueleto. O que a fez congelar foi o sorriso na boca descarnada.



—•—  APRESENTAMOS  —•—

CURA

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

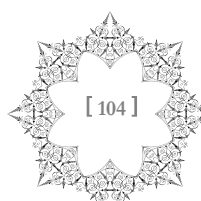
Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Tênue linha figura
entre realidade e ilusão.
Na combustão da mistura,
explode uma invasão:

Pensamentos descontrolados,
razões em evidente confusão.
O impossível lança seus dardos
e acerta os alvos na imensidão.
Gatilhos são disparados
e agitam a recordação
de tempos passados,
que trazem a lição
dos traumas incorporados,
para tirar da cegueira a compreensão,
abrir espaço para caminhos ilimitados,
e quebrar a insanidade de sempre ter razão.

Inquieta mente em expansão.
Loucura que salva a mente da prisão.



—•—  APRESENTAMOS  —•—

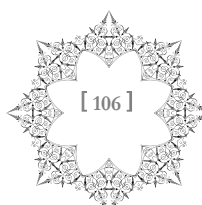
TRAIÇÃO

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Coração usado
bate maltratado.
No corpo, já não cabe.
Sangue que não estanca.
Porta que se tranca.
Na alma, já se sabe:
Traição vem a galope
de onde não se espera.
Inescrupuloso golpe
que quebra a confiança
e que deixa como lembrança
o sofrimento de quem
foi rasgado pelo punhal
daquele que fingiu fazer o bem
para, pelas costas, fazer o mal.



— ◆ —  APRESENTAMOS  — ◆ —

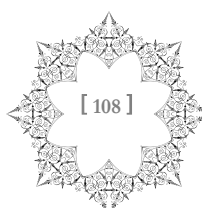
EXPRESSÃO

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Pensamentos não contidos
lançam-se ao mundo.
Vêm de um vasto profundo,
de sentimentos sortidos,
de experiências interiorizadas,
de momentos esquecidos,
e mesmo dos não vividos,
de ideias enraizadas.
Ganha forma o intangível –
palavras, gestos, sons, arte...
o possível e o impossível
estão por toda parte.
Palavras que ora podem ferir,
ora podem ajudar.
Ora podem destruir,
ora podem criar.
Não há barreiras
que bloqueiem o pensar
mas há muitas maneiras
para se expressar.



—•—  APRESENTAMOS  —•—

INTROSPECÇÃO

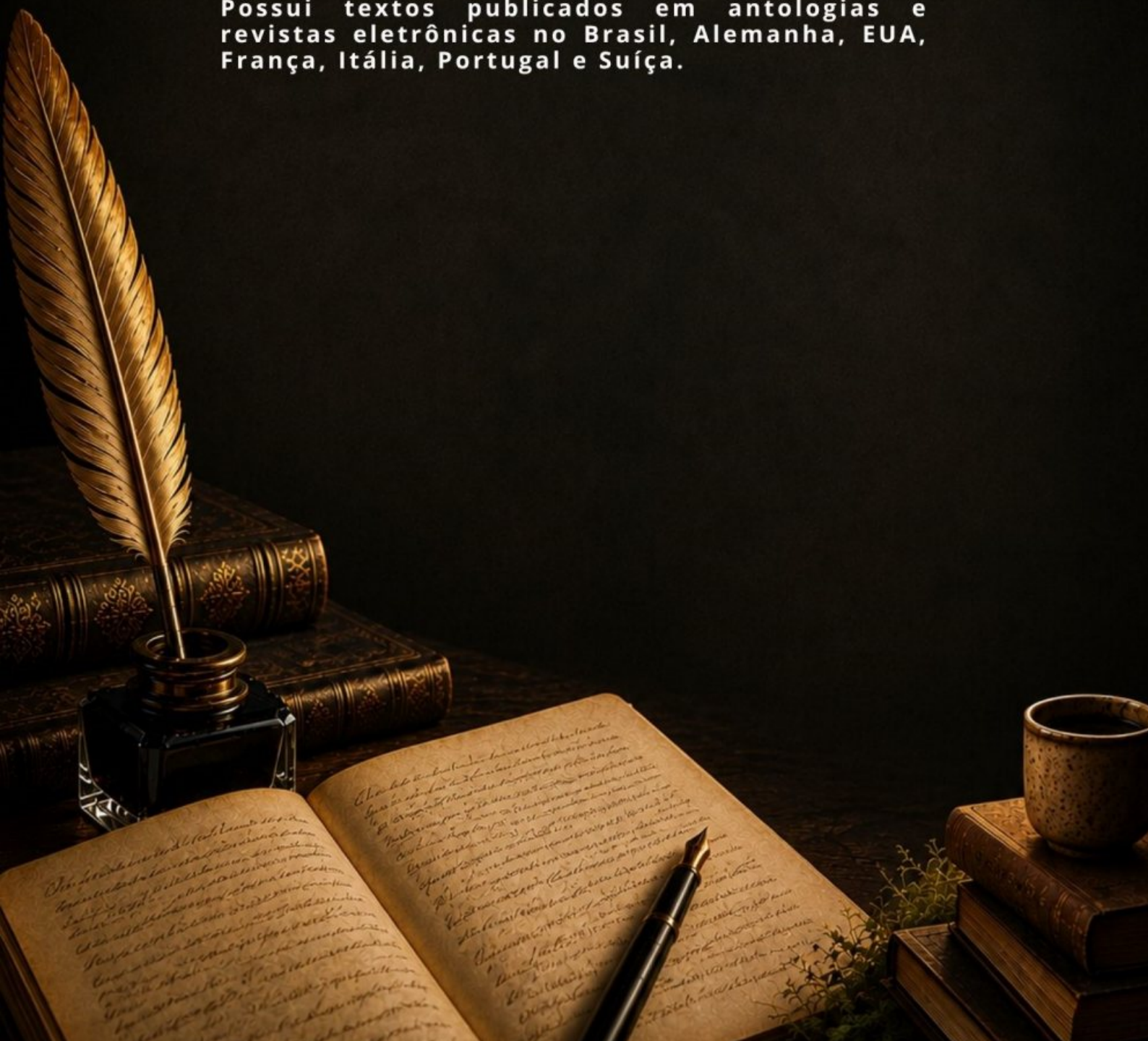
POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, escritora e aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Associada à REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras e à ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala, Itália.

Autora de livro de contos, obra didática e dissertação sobre arte.

Possui textos publicados em antologias e revistas eletrônicas no Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

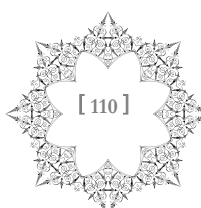


Cada vez que me disponho
a sonhar, criar ilusões...
Revivo o hoje e o ontem,
redimensiono atitudes
e só faço inibir o amanhã.

Cada vez que me proponho
a refletir acerca de mim...
Possibilito decidir o hoje,
questionar o meu ontem
e sonhar só o amanhã!

Cada vez que me disponho
a decidir, tomar atitudes...
Me inclino a seguir em frente,
pois a questão da existência
é viver a vida como ela é.

O que importa é o presente...
Simples... Simplesmente!
O passado é o aprendizado,
o futuro, uma esperança,
e o agora, a nossa crença!



— ◆ —  APRESENTAMOS  — ◆ —

AS CINCO VOLTAS NO INFINITO

POR MARJORYE GOULART

Natural de Joinville, SC, Marjorye se formou em Técnico em Artes Plásticas pela Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior. Após isso, concluiu a graduação em Psicologia, na UFPR, e publicou seu primeiro livro, "A boneca de Porcelana" pela editora Minimalismos em 2022. Atualmente, escreve e participa de exposições de arte em sua cidade e fora.

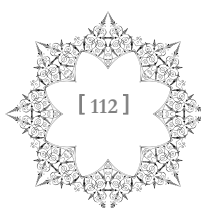


Hoje caminhei muito em minha mente
Tanto, que até estou cansada
Dei voltas e mais voltas
Fui para o futuro, voltei ao passado
E perdi o presente

Quanto andei?
Ninguém sabe...
Nem eu mesma saberia dizer
Não há medidas que meçam o que cabe dentro de mim

Por isso, sempre que saio para andar em minha mente
Deixo uma âncora
Um pensamento, uma sensação
Algo do presente

Porque assim, mesmo que eu ande cinco voltas no infinito
Saberei quando voltar
Saberei para onde voltar
E assim, te encontrarei de novo





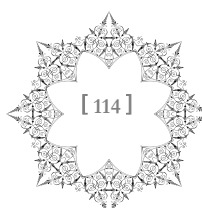
SAUDADE DO QUE NÃO VIVI

POR RICARDO SILVA DE SANTANA

Ricardo Silva de Santana é escritor brasileiro e autor de contos, poemas e reflexões. Apaixonado pela literatura, utiliza a escrita para abordar temas como esperança, fé, superação e os desafios da vida. Também é autor de obras publicadas pela Amazon Kindle Direct Publishing (KDP). Busca, por meio de seus textos, inspirar os leitores a refletirem sobre a condição humana e sobre a importância de nunca desistir dos próprios sonhos.



Hoje eu senti saudades de um tempo que não vivi.
Hoje eu tive saudades de um amigo que não conheci.
Hoje eu tive saudade do sabor que nunca provei.
Hoje eu tive saudades de um amor que nunca senti.
Hoje eu tive saudades...
Hoje eu tive saudades da saudade.
Porque talvez nem toda saudade venha do passado.
Algumas nascem daquilo que a alma reconhece,
mesmo sem nunca ter vivido.





CARTÃO – CORAÇÃO

POR SANDRA GRIPPI

Sandra Grippi é uma escritora apaixonada por contar histórias que exploram emoções humanas e o cotidiano. Socióloga de formação e professora universitária, também envolvida com educação infantil, dedica-se a escrever contos e poemas, buscando inspiração em experiências pessoais e na observação do mundo ao seu redor. Procura manter o olhar curioso sobre a vida e os relacionamentos interpessoais, desenvolvendo narrativas leves, baseadas na empatia, sensibilidade, ética e comunicação clara.



Talvez esse entendimento tenha vindo das leituras da adolescência... Júlia... Sabrina... Bianca... Disponíveis bem próximas, na esquina de casa, em todos os bairros, em todas as cidades, acessíveis nas quase extintas Bancas de jornais. Com seus temas açucarados, como num conto de fadas, povoando o imaginário e alimentando os sonhos juvenis... Afinal, o amor sempre chega, não é mesmo?

Contudo, o formato não é fixo e nem se apresenta como um cartão em mãos. Isso não seria incrível? Em um único e condensado papel todas as informações relevantes: nome, sobrenome, formação, contatos e expectativas. Todos os dados entregues de livre vontade, carregando o desejo do retorno.

Os orientais entregam seus Cartões de Visita (conhecidos como MEISHI KOUKAN no Japão) de uma forma muito solene e respeitosa, pois o cartão é considerado uma extensão da própria pessoa. Existe, portanto, um protocolo específico para este momento. O tal formato que molda a ação e garante o resultado esperado. Entre os agentes envolvidos nesta troca há expectativas que tendem a ser minimizadas, uma vez que o ritual foi seguido à risca, guiado pelas regras conhecidas por todos.

Como seria o “Cartão de Visita” do amor? O Cartão-Coração? Como segurar nas mãos um coração entregue, disposto e disponível?

O MEISHI deve ser entregue segurando-o pelas pontas superiores com ambas as mãos, voltado para a pessoa que o recebe, seguido por uma reverência suave de ambas as partes.

O coração entregue é precioso, é único e quando ofertado de forma voluntária representa a essência do ser. Carrega consigo as expectativas do amor romântico que suspira por cuidado, atenção, segurança, proteção e afeto.

Aquele que recebe o MEISHI o faz, igualmente ao que o entrega, imbuído de um espírito de responsabilidade. O cartão representa a pessoa, portanto deve estar limpo, não ter rasuras ou estar amassado. Não deve ser dobrado e nem guardado no bolso de trás da calça e sim em um porta-cartões (considerado o local mais adequado).

O coração que se entrega também deve estar completo, sem manchas, máculas ou rugas. Não deve estar faltando nada nele uma vez que já possui, tal qual o MEISHI, as credenciais completas e as informações necessárias. Essa troca não requer que sejam preenchidas lacunas. Requer tão somente o simbolismo do cuidado e do zelo. A perfeição do encaixe virá da completude entre o coração que se entrega e o coração que acolhe.

A reverência que se faz ao entregar e receber o MEISHI denuncia a honra que envolve esse momento. É uma troca, um encontro fortuito carregado de simbolismo e fé, tanto na informação transmitida, quanto no aguardo da contrapartida.

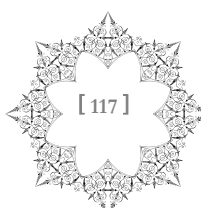
O coração em formato de cartão quer contato, aceitação e verdade. Quer respeito e honra. Não quer ser esquecido no “bolso de trás”, em um lugar que não dê a ele a proeminência e relevância tão caras ao sentimento que o envolve. Por estar completo, exige, tão somente, o acolhimento, abrindo assim um canal de comunicação cheio de esperanças.

Seria possível, então, a partir dos sonhos adolescentes advindos da literatura de bancas de jornais, transpor os anseios juvenis primários para algo mais real e melhor elaborado?

Do coração saem as fontes da vida. Talvez a grande sacada seja conseguir transmitir com clareza e objetividade, tal qual no MEISHI, o que o sentimento, muitas vezes, camufla. E, a partir do primeiro contato, gerar perspectivas de relacionamentos férteis, reais, profícuos e verdadeiros.

Para aqueles que estão desacomodados, mas que ainda têm fé e estão em busca do amor, o MEISHI do coração abre uma possibilidade grandiosa de comunicação, interação e contato. A chave talvez esteja em continuar buscando, trocando cartões, fazendo conexões, interagindo, comunicando, crendo, tendo altas expectativas com a vida e o futuro.

A propósito, o melhor lugar para guardar o coração que se entrega é em um outro coração, o “porta-cartão” mais seguro e especial que já existiu.



— ◆ —  APRESENTAMOS  — ◆ —

INSACIÁVEL SER

POR SELMA LUANNY

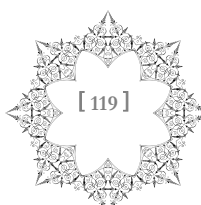
A autora publicou três livros de poesia e participou de duas antologias - em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



Só o suficiente... não!
Mais... maior... mais bonito,
dispendioso e desafiador
- será?

Tantos e tantos "mais".
A fome de tudo... imparável,
inexplicável, concentrada...
a se satisfazer até com a própria cauda.

O evoluir-involuir do corpo...
A desprezar o vital...
e a prezar o reflexo do seu Narciso...
Insaciável mente.



— ◆ —  APRESENTAMOS  — ◆ —

CORDA BAMBA

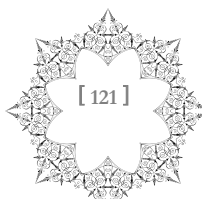
POR SELIMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia e participou de duas antologias - em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



A corda está bamba
já caíram muitos.
Nesta implacável existência
machucam-se tantos!

Amaciar amenizar
adocicar... diminuir a acidez...
Ou invisível se tornar...
E evitar as feridas dos tombos.



—•—  APRESENTAMOS  —•—

À BEIRA DA MORTE

POR PATRICK COSTA

Médico graduado em 1970, especialista em Clínica Médica e Bioética. Atualmente, divide seu tempo entre o trabalho voluntário na área de Clínica Médica e a leitura e escrita de textos literários.

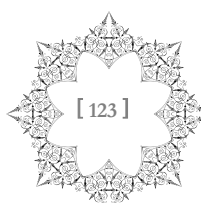


Sei que poucos dias talvez me restem.
Não me arrependo de ter chegado até aqui.
Se a morte vier, saberei que chegou a hora,
Que o tempo da finitude enfim me alcançou.

Quem está à beira da morte encara o desafio.
Talvez já tenha cruzado seu limiar e regressado.
Procura reconciliar-se com tudo
E com todos.

A morte, quando vem, vem para ficar.
Não há ameaça de morte: há apenas a morte.
É um instante que não admite desistência.
Por isso, quem diz estar à beira da morte
Continua vivo.

Há um único requisito para morrer: estar vivo.
Fora disso, tudo é simulacro literário,
Invenção de quem nada tem a fazer,
Ou crença de quem imagina estar à beira da morte,
Quando ainda lhe resta muito caminho
Antes do último instante.





QUEM SOU EU?

POR PATRICK COSTA

Médico graduado em 1970, especialista em Clínica Médica e Bioética. Atualmente, divide seu tempo entre o trabalho voluntário na área de Clínica Médica e a leitura e escrita de textos literários.



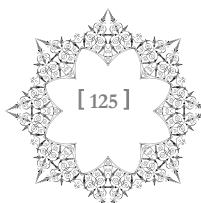
Quem sou eu?
Sou quem eu sou,
Não sou quem nunca fui,
E certamente jamais serei!

Quem sou eu?
Andei por aí,
Recolhi-me quando foi preciso,
Andarilho que já não anda por si.

Quem sou eu?
Matéria gestada por alguém,
Filho de um casal que me amava,
Pai de um filho amado.

Quem fui eu?
Pessoa espiritual,
Irmão dos meus irmãos,
Aprendiz de tudo quanto vivi.

Quem sou eu?
Talvez a soma dos caminhos,
Das perdas e dos reencontros;
Um homem ainda em construção.



—•—  APRESENTAMOS  —•—

CORONEL FRAGOSO: ANATOMIA DE UMA RUÍNA

POR PATRICK COSTA

Médico graduado em 1970, especialista em Clínica Médica e Bioética. Atualmente, divide seu tempo entre o trabalho voluntário na área de Clínica Médica e a leitura e escrita de textos literários.



O Coronel Fragoso, da Polícia Militar do Estado, era um personagem que parecia arrancado de um romance naturalista. Alto, corpulento, de rosto permanentemente ruborizado pelos excessos alcoólicos, ostentava um bigode tão espesso, que lhe cobria por completo a fenda labial, lembrando um velho espanador. Sua figura impunha, pela empáfia, mais temor do que respeito.

Durante o expediente, o uniforme ainda lhe conferia a aparência de autoridade; ao final do dia, porém, cedia lugar à imagem degradada de um homem inteiramente dominado pela bebida alcoólica. Não cultivava o respeito dos colegas de farda nem por eles era respeitado, mesmo aqueles de patentes inferiores. Sofria de crises prolongadas de soluços, que, frequentemente, o impediam de desempenhar funções protocolares, como a leitura da Ordem do Dia, nas solenidades militares. O alto-comando preferia reunir-se com apenas nove coronéis, dispensando discretamente a presença do Fragoso, pois seus espasmos diafragmáticos interrompiam, continuamente, as reuniões.

O episódio mais constrangedor ocorreu durante a solenidade de posse do Coronel Miranda — conhecido por todos como Mirandinha — no Comando Geral da corporação, cerimônia que contou com a presença do Secretário de Segurança do Estado. Enquanto o discurso transcorria, os estrondosos soluços de Fragoso passaram a disputar a atenção dos presentes. Desesperado para contê-los, resolveu comprimir as narinas com extrema força, prendendo a respiração por tempo excessivo. O resultado foi desastroso. Um espasmo violento obrigou-o a liberar o ar de forma explosiva, projetando, sobre o recém-empossado, uma abundante golfada de vômito bilioso, acompanhada, para espanto geral, pelo desprendimento da parte superior da sua dentadura. O vexame foi tamanho, que a cerimônia, composta por oficiais em uniforme de gala, precisou ser interrompida. O episódio ganhou as páginas da *Folha da Tarde* e transformou-se em anedota recorrente nos quartéis.

Seu ritual cotidiano era invariável. Ao deixar o quartel-geral, nas proximidades da Praça da República, seguia lentamente pela Rua da Ladeira até alcançar uma das primeiras casas da Travessa Almeida Castro. O trajeto, relativamente curto, convertia-se numa verdadeira peregrinação etílica. Não havia bar, botequim ou venda que escapasse de sua parada obrigatória para mais uma dose de aguardente.

Quando, finalmente, chegava à casa, trazia consigo o odor acre da cachaça e uma agressividade que espalhava o terror entre os familiares. Empunhando um pesado umbigo de boi, castigava quem primeiro encontrasse pela frente.

Os filhos aprenderam muito cedo a reconhecer os sinais da tempestade. Bastava veem-no cruzar o portão em estado de embriaguez para saltarem o muro da residência e refugiarem-se na casa vizinha. Não fugiam por travessura, mas por instinto de sobrevivência. As surras eram frequentes, desferidas sem qualquer motivo plausível, alimentadas apenas pelos delírios de um homem cuja razão havia sido afogada pelo álcool. Somente regressavam quando algum vizinho avisava que o Coronel “já tomara o caldo”. Era a expressão usada quando, depois de quebrar um prato contra o chão, desabar na rede e adormecer profundamente — sempre com o velho parabélum escondido sob ela —, o medo cedia lugar a uma breve trégua.

A violência, contudo, não se restringia ao ambiente doméstico. Embriagado, sacava a arma para enfrentar desafetos imaginários, efetuava disparos a esmo e promovia tumultos que, em mais de uma ocasião, resultaram em sua prisão por desacato. As detenções, entretanto, nunca perduravam. Bastava recuperar parte da sobriedade para ser colocado em liberdade, como se seus excessos fossem meras excentricidades toleráveis de um oficial superior.

Entre as inúmeras histórias que circulavam a seu respeito, uma adquiriu contornos de lenda. Numa noite em que o porre ultrapassou todos os limites, sequer conseguiu alcançar a porta de casa. Tombou na calçada, poucos metros antes da residência, onde permaneceu desacordado, completamente urinado, oferecendo, aos vizinhos, o espetáculo melancólico da ruína de um homem que um dia simbolizara a autoridade do Estado. Sua figura já inspirava menos piedade do que repulsa: era o retrato vivo da degradação moral produzida pelo alcoolismo, da autoridade convertida em tirania doméstica e da farda incapaz de ocultar a miséria humana.

Nem mesmo a arma, que tanto ostentava em momentos de bravata, escapou à degradação provocada pelo vício. Em um de seus incontáveis porres, percebeu que o velho parabélum havia desaparecido. Instalou-se verdadeiro alvoroço na corporação, pois um oficial não podia simplesmente extraviar sua arma de serviço sem prestar rigorosas explicações.

A realidade revelou-se ainda mais humilhante. Dias depois, a arma foi encontrada na gaveta de um botequim da Rua da Ladeira. O proprietário, cansado de anotar

consumos jamais quitados, recebera-a como garantia da dívida, numa espécie de penhor improvisado oferecido pelo próprio Coronel em troca de mais algumas doses de aguardente. Recuperado o armamento, a corporação determinou sua imediata suspensão do porte, reconhecimento tácito de que já não possuía condições de utilizá-lo.

O álcool, entretanto, continuou cobrando seu tributo. Espalhou-se pela vizinhança a notícia de que o velho militar sofria de “barriga-d’água”. Reformado por incapacidade, alternava seus dias entre a residência e as enfermarias da Santa Casa, onde era internado repetidas vezes para submeter-se a paracenteses destinadas a aliviar a ascite que lhe distendia ainda mais o abdome. Os vizinhos, com a crueza típica das conversas de calçada, resumiam o diagnóstico numa única frase: “Era a conta das incontáveis biritas.”

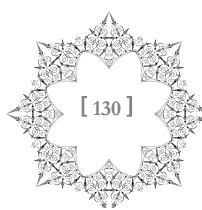
Aquele homem, que um dia aterrorizara a família, afrontara inimigos imaginários com um revólver em punho e transformara os botequins da Rua da Ladeira em estações obrigatórias de sua romaria etílica, terminava vencido não por qualquer adversário, mas por si mesmo.

Em uma manhã qualquer, ainda internado na Santa Casa, espalhou-se a notícia de sua morte. Não houve surpresa; apenas o desfecho inevitável de uma longa e lenta decadência. Comentava-se, com a ironia peculiar da vizinhança, que os mais inconsoláveis eram os donos dos bares da Ladeira, que perdiam um freguês assíduo — embora raramente um bom pagador.

Assim terminou o Coronel Frágoso: não como o oficial valente que imaginava ser, mas como um homem consumido pelo alcoolismo, cuja autoridade se dissolveu lentamente entre copos de cachaça, dívidas de botequim e lembranças pouco honrosas. A farda, que durante anos simbolizara poder e disciplina, revelou-se incapaz de ocultar a tragédia silenciosa de um homem derrotado pelos próprios vícios.

A morte apenas oficializou uma ausência que havia começado muitos anos antes. O Coronel não foi vencido numa batalha, nem tombou no cumprimento do dever. Morreu lentamente, gole após gole, enquanto a autoridade lhe escorria pelos dedos com a mesma facilidade com que a aguardente descia pela garganta. Restaram a velha farda, já sem prestígio; a lembrança dos filhos que aprenderam a fugir antes mesmo de compreender o medo; os botequins da Rua da Ladeira, onde seu nome sobrevivia mais nas cadernetas de fiado do que na memória da corporação; e algumas histórias que os antigos repetiam entre o riso e o constrangimento. Talvez esta seja a mais amarga das derrotas: quando um

homem deixa de ser lembrado pelo que realizou e passa a existir apenas como a crônica de sua própria ruína.





RETORNO

POR PATRICK COSTA

Médico graduado em 1970, especialista em Clínica Médica e Bioética. Atualmente, divide seu tempo entre o trabalho voluntário na área de Clínica Médica e a leitura e escrita de textos literários.



Fui deixado na zona rural de Parambola, aos 7 anos de idade. Não há justificativa para o esquecimento, uma vez que meu afastamento da família aconteceu quando fui levado pelo rio, à custa da correnteza, que me fez permanecer entre o riacho e a floresta, pelo lado mais raso, margeado por pedras. Creio que utilizava uma câmara de ar de tamanho médio, que me afastou rapidamente para onde eu não queria ir.

Depois de percorrer determinado trecho, cuja distância não saberia aferir, fui atropelado por um barco e levado até a margem. Disseram-me que eu já me encontrava em outro município, conhecido pela riqueza de suas plantações de arroz. Os canoieiros seguiram pelo rio, em direção que eu não saberia identificar. Permaneceram silenciosos e nem sequer perguntaram meu nome ou o de meus pais. Dois canoieiros se ofereceram para me levar ao engenho de uma propriedade que ficava nas proximidades de uma capela. Ao dar os primeiros passos em direção a ela, encontrei uma porta de madeira, apenas encostada, de grosso calibre, o que me dificultou abri-la.

Voltei ao adro da igreja e caminhei em linha reta até o altar. Por curiosidade, dei a volta por ele e identifiquei um púlpito, ao qual cheguei depois de subir todos os degraus. Deitado, identifiquei um gato que se espreguiçou e rapidamente desceu a escadaria. Passei a elevar a voz:

— Alguém na igreja?

Fiz a pergunta várias vezes, mas não obtive resposta. Ao subir, novamente, as escadas, percebi uma corda ligada a um pequeno sino. Resolvi puxá-la. Quem sabe alguém se aproximasse. Já era tarde, e a fome aumentava a dor que sentia no estômago.

Na terceira vez que toquei o sino, a porta se abriu e um pároco entrou. Perguntou quem eu era e de onde vinha. Disse-lhe que estava faminto. Meu pai chamava-se Miguel e eu havia me perdido durante um passeio em uma balsa. A cidade era Parambola. Dois canoieiros haviam me encontrado, mas não fizeram qualquer menção de me ajudar a retornar ao lugar onde me desgarrara da família.

O pároco levou-me a uma pequena casa de adobe, coberta de telhas, onde uma senhora aqueceu uma xícara de leite e me ofereceu um pedaço de pão.

Por volta das seis da tarde, antes da *Hora do Brasil*, o padre levou-me até o locutor da rádio do pequeno município. Foi então anunciado que uma criança de 7 anos havia se perdido. Chamava-se Miguel e era natural de Parambola. Depois da *Hora do Brasil*, como

o gerador da rádio seria desligado, o locutor fez novo anúncio, desta vez, descrevendo as cores das minhas roupas e uma cicatriz na coxa esquerda.

Dormi em uma cama de palha, antes que uma torrente de água invadissem a pequena casa. Eu não temia o desaparecimento. Sentia, porém, uma profunda saudade dos meus pais e dos meus dois irmãos.

Padre Ítalo não possuía transporte próprio, mas solicitou ajuda a um paroquiano. Pediu que o levasse até Parambola, com o propósito de procurar os meus pais. Acertaram sair na manhã seguinte e percorrer a estrada até alcançarem a cidade onde vivia a minha família. Eu não tinha a mínima orientação. Era como se tivessem me levado para outra cidade. Tinha, entretanto, um companheiro de viagem: o gato que encontrara no púlpito da igreja.

Resolveram parar a velha caminhonete na feira livre, na esperança de que eu reconhecesse alguém ou fosse reconhecido por algum familiar. O padre ia na frente, ao lado do gato, enquanto eu permanecia atrás, olhando para todos os lados. Quem sabe pudesse reconhecer algum habitante. Lamentei não ter levado comigo a câmara de ar cheia de remendos. Depois de algum tempo, dirigi-me ao Padre Ítalo:

— Estou com dor na batata da perna. Queria voltar.

Retornamos à cidade paroquial, à espera de alguma novidade. Meus pais não tiveram a iniciativa de procurar-me. Quem sabe somente o tempo pudesse me conduzir ao reencontro da minha família.

Passou-se a primeira semana. Depois, os meses. Os anos se aproximaram de uma dezena. Passei a trabalhar na sacristia e a ajudar Padre Ítalo nas celebrações dominicais. A todos que perguntavam sobre minha origem, respondia com perplexidade, pois eu também não compreendia como uma criança pudesse desaparecer daquela maneira.

Aos 14 anos, fui levado ao Seminário, na condição de noviço, para iniciar minha formação religiosa. Com o passar do tempo, já não me lembrava dos familiares com a mesma intensidade. Chegou, finalmente, o momento da ordenação sacerdotal. O menino perdido tornou-se o Padre Miguel. Vieram os primeiros sacramentos, as primeiras missas, as primeiras confissões.

Na festa da padroeira, em uma manhã de domingo anunciada para as confissões, uma senhora idosa ajoelhou-se diante do novo sacerdote. Queria confessar seus pecados. Falou longamente até chegar ao que parecia ser o mais doloroso deles:

— Quando eu tinha vinte e cinco anos, abandonei uma criança no rio. Fiquei em silêncio. Ela prosseguiu:

— Naquele tempo, eu devia ter cerca de 25 anos de idade. Dois fugitivos procuravam roubar nas proximidades do riacho. Mataram meu marido e meus três filhos. Somente eu escapei.

Senti algo estremecer dentro de mim. Perguntei:

— A senhora seria capaz de lembrar o nome dessa criança?

A idosa respondeu:

— Miguel.

O silêncio tomou conta da igreja. Perguntei:

— Como se deu o desaparecimento?

Ela explicou:

— Eu pensei que o menino tivesse morrido. Hoje, vivo na companhia de uma irmã. Ela acredita que Miguel ainda esteja vivo.

Perguntei:

— E a senhora acredita?

A mulher levantou os olhos.

— Sim. Creio que ele ainda esteja vivo, procurando os membros da família.

Respirei profundamente.

— Como a senhora pode ter essa certeza?

A idosa não respondeu. Então eu disse:

— Porque meu nome é Miguel.

Ela ficou imóvel.

— Entrei para o seminário, fui ordenado sacerdote e passei todos esses anos procurando justamente pela senhora.

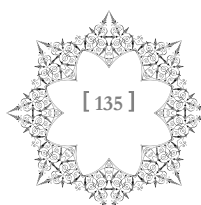
A mulher começou a chorar. Eu me aproximei. Ela me abraçou como quem abraçava o filho que julgara perdido para sempre. Entre lágrimas, repetiu:

— Eu jamais poderia imaginar que um dia teria um filho padre.

Eu, porém, ainda precisava saber toda a verdade. Foi então que ela revelou:

— Aqueles dois barqueiros que encontraram você eram fugitivos do presídio. Foram eles que mataram seu pai e seus irmãos.

Permaneci em silêncio. Compreendi, finalmente, que o rio que me havia levado para longe de casa também havia sido o caminho que me preservara a vida. O menino que desaparecera aos 7 anos retornara muitos anos depois. Não voltou à casa de onde havia partido. Voltou à sua própria história e descobriu que, às vezes, o caminho mais longo para casa é aquele que a vida escolhe para nos devolver a nós mesmos.





CONFLITO RELIGIOSO

POR PATRICK COSTA

Médico graduado em 1970, especialista em Clínica Médica e Bioética. Atualmente, divide seu tempo entre o trabalho voluntário na área de Clínica Médica e a leitura e escrita de textos literários.



Ilana era de Iporã. Aos 14 anos, os pais a matricularam em um colégio da Capital, a 560 km de casa. A razão era simples: melhor estudo, orgulho e, quem sabe, acesso ao ensino universitário. Eles mesmos tinham parado no segundo grau. Fizeram a vida na roça, na pecuária e, depois, no comércio, que expandiu a fortuna do casal, à custa de muito trabalho.

Ilana nasceu com dificuldade. A mãe teve hemorragia pós-parto e perdeu o útero, após se submeter a várias transfusões sanguíneas. A menina foi criada por amas de leite existentes nas fazendas dos pais. Cresceu esperta, mas o corpo era frágil: quedas, cortes, com ferimento maior próximo do seio, difíceis de cicatrização espontânea. Aos 12 anos, por recomendação de clientes de negócios, os pais a mandaram para um internato católico. Não perguntaram a ela sobre aceitação ou recusa.

No internato, conheceu Irmã Helena, a mais jovem da congregação e de uma beleza singular, certamente descendente de pais escandinavos. Era a responsável pelo recrutamento de noviças, após participarem de palestras de adesão aos dogmas religiosos. Ilana era atenta às suas palavras e, em especial, aos movimentos de suas mãos que a seduziam.

Ao preencher o formulário oferecido pela Irmã Helena, esta, com extrema delicadeza, tocou nas mãos da candidata para imprimir as digitais. Ao olhar para a face de Ilana, observou-lhe um rubor de perplexidade. Ilana a olhava admirada e rogava para que esse contato demorasse para que fosse possível indagá-la sobre sua rotina. Tomou a iniciativa de palpar-lhe na região cervical uma medalha presa a um colar e voltar a indagar-lhe se a imagem era de Santa Helena.

Uma sucessão de toques, por vezes propositais, determinavam rubor e palpitações de ambas. Certa vez, um lápis que caiu da escrivaninha fez com que Ilana rapidamente se agachasse e, antes de devolvê-lo, suavemente, passou a palma de sua mão no tornozelo macio de alguém que aceitou, sem qualquer gesto de repulsa.

Por ocasião de uma refeição, quando um garfo caiu das mãos de Ilana, foi a Irmã Helena quem a socorreu, percorrendo, com os dedos, a perna de Ilana até o joelho, enquanto segurava a peça do talher com a outra mão.

Em certa noite chuvosa, abrigaram-se em um depósito de lenha e, no caminho de volta ao convento, encharcadas, deram-se as mãos. Passaram a ser observadas por

vários contatos físicos, muitos propositais, outros ocasionais, e nem por isso, com pedidos de desculpas. Os momentos de maior aproximação aconteciam por ocasião das missas abertas ao público, onde o roçar de pele entre os membros passavam despercebidos, quando se posicionavam uma ao lado da outra.

Ilana decidiu entrar para a vida monástica. Falou com Madre Teresa sobre a decisão. Recebeu o Catecismo, a Bíblia e o livro de orações do dia. Nesta mesma ocasião, Madre Teresa teria afirmado que a Irmã Helena a entregaria os paramentos, ensinando-lhe a sequência do vestuário, a partir das peças mais íntimas.

Os pais de Ilana compareceram ao convento quando foram avisados sobre o discernimento da filha por abraçar a vida monástica. Nas despedidas, Ilana e o pai depararam-se com Irmã Helena na recepção do convento e este fez um comentário sobre a beleza da Irmã. A mãe vinha acompanhada por Madre Teresa, que revelou o prazo de seis meses para a próxima visita dos pais ao claustro, ocasião em que já encontrariam a filha noviça com os hábitos da congregação. Na saída, a mãe teria sussurrado à filha que seis meses seria um curto período para se reencontrarem.

Nesta ocasião, a ala do internato encontrava-se vazia no período de férias, enquanto a ala do claustro passava por uma reforma. Em uma noite fria, com os dormitórios em reforma, Helena e Ilana ficaram em camas vizinhas. No silêncio da madrugada, Helena, seguindo um impulso, levantou o lençol da cama de Ilana e deitou-se ao seu lado. Ali, de olhos fechados, esquecendo-se de onde se encontravam, entregaram-se à descoberta do mais inocente prazer. Na noite escura e silenciosa, o mínimo ranger da cama acordou Madre Teresa que, descalça e de lanterna na mão, as expulsou do leito, obrigando-as a dormir em lençóis dispostos no chão, ao seu lado.

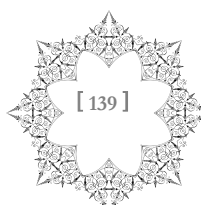
Na manhã seguinte, ambas permaneceram em jejum, e os pais foram chamados. A Congregação enviou Helena, táxi, até a estação rodoviária, sem qualquer explicação.

O pai de Ilana, ao chegar, olhou para ela e disse:

— Você seria nossa esperança de netos. Mas, se é por amor, continuará tendo a nossa estima.

Ilana e Helena aprenderam a lição da forma mais dura e cruel: não podiam revelar a todos o amor que as unia, sob pena de serem punidas pela sociedade. Contavam, no entanto, com o apoio dos pais de Ilana. E foi assim que, um ano depois dos acontecimentos narrados, fundaram um colégio, financiado pelos pais de Ilana, destinado a

crianças carentes e, até hoje, vivem com o amor de sempre, em uma localidade próxima a Iporã.





SER PASSAGEM

POR SORAYA GARCEZ UTSUMI

Soraya Utsumi é jornalista e redatora. Há algum tempo, flerta com a escrita literária, especialmente com a poesia, mas também escreve crônicas. Alguns de seus poemas já foram selecionados para integrar antologias. Acredita na palavra como espaço de reflexão, sensibilidade e encontro com diferentes experiências humanas.



eu percorria ruas desconhecidas
entrava em outonos
cruzava pontes
observava luzes acesas antes do anoitecer

acreditava conduzir meu corpo de um lugar a outro
como quem risca uma linha na areia
levada pela maré

troco a estação do rádio
às 21h dos domingos
eu ouvia o programa no divã
pessoas abriam suas feridas e abismos
queriam desvendar territórios

relatos que poderiam não ser cômicos
para quem discorria
embora os pudessem ser para quem os ouvia

já outros eram profundamente melancólicos
alguns nunca iriam me atingir

a estação mudou
semáforos mudavam de cor
ônibus desapareciam nas esquinas
vitrines devolviam ao meu rosto fragmentos

não sabia o que existia do outro lado
via fachadas cobertas de chuva
fios elétricos recortando o céu
pessoas apressadas sob marquises
bicicletas atravessando o silêncio

na estação
vi desconhecidos carregando malas
pequenos cansaços

todos pareciam passageiros de lugares
alguns passageiros do viver
como uma solidão sem endereço

carrego fragmentos que não existem
vozes suspensas
pessoas que partiram
com seus resquícios

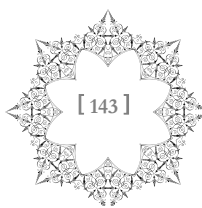
sou feita de intervalos
a rua passa por mim
entro em uma biblioteca
vou para o banco do lado fora
não encontro resposta
não teço fios de sentido

deixei a pergunta para trás
fui onde a cidade se desfazia
fiquei algum tempo diante do rio
observei a água levar folhas
pedaços de céu

nada permanece em superfície
não retenho a correnteza
vivo uma impermanência
sedimentos de paisagens

carrego uma estação de despedidas
volto ao trem para dissolvê-las
ao menos em pensamento
sem saber se fui eu quem partiu
ou se foi o universo que passou por mim

a noite cobre os trilhos
como quem descobre
inexoravelmente
um lugar sem saída
um corredor sem fim



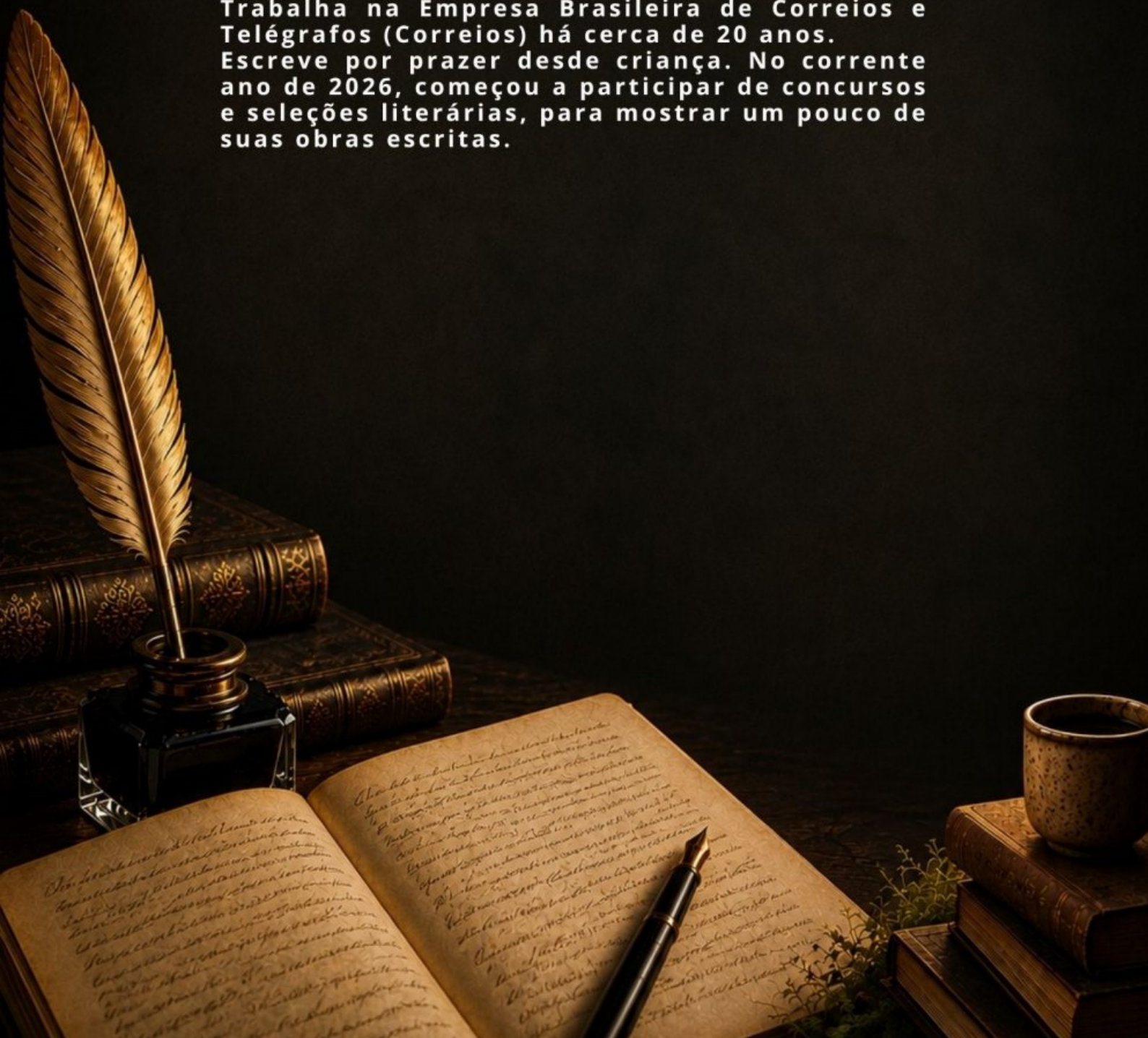
BAILARINA NO CERRADO

POR VINÍCIUS RIBAS MIRON

Vinícius Ribas Miron é gaúcho, natural de Porto Alegre. Tem 50 anos, é divorciado e pai da Lívia. Graduado em Administração de Empresas pela Universidade de Brasília (UnB) e em Farmácia Análises Clínicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde também fez e concluiu seu mestrado em Bioquímica Toxicológica.

Trabalha na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (Correios) há cerca de 20 anos.

Escreve por prazer desde criança. No corrente ano de 2026, começou a participar de concursos e seleções literárias, para mostrar um pouco de suas obras escritas.



De primaveras a outonos se contam histórias;
De verões a invernos se vive e se aprende.
Quantas maravilhas há no castelo das memórias?
Quantos desamores criam a corrente que não prende?

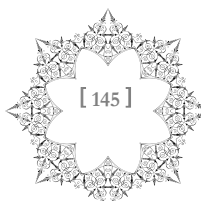
Conheço uma graciosa que talvez os saiba...
Moça de artes, bailarina de terras Coxipó.
Da forquilha dos rios, ao norte reina a beldade!
Moldada pelo rio? Não que eu saiba.
Admirada por muitos, almeja uma chama só:
De quem sorria, afinal, à sua inteira metade.

De infantes é mestra, conduzindo-lhes ao futuro.
Sagaz, sobre pedras afiadas desfila;
Ao redor, perfídia da inveja é consorte...
Mas o Coxipó em si torna altivez, alto muro
Que o tropel de rezes, à ignorância perfila
E aos lobos, se revela puro contraforte.

A bela é esguia, de tez e formas bem feitas.
É atração e dança em tantos espaços!
Muitos talentos revela, quando e onde quiser:
A leveza a conduz por alamedas estreitas
E seus olhos espertos cintilam aos passos
De “Dom Quixote”, “Coppelia” ou “Le Corsair”.

Pliés à la Petipa. Jetés: o simples encantar.
Tendus, Frappes, Fondus. En Dehors.
Todos manifestos por domínio de cor.
Na graça de saltar e, dentre brumas, voar...

A bailarina no Cerrado é "Edelweiss" do monte,
A ser colhida por quem, com espírito forte,
Desafiar alturas e saltos no horizonte,
Até o palco da estrela.
Nem ao sul, nem ao norte.





CONHEÇA OUTROS

TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO

CONEXÃO LITERATURA

// LITERATURA QUE
CONECTA, **EMOCIONA**
E **TRANSFORMA!**



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI!



HISTÓRIAS QUE
INSPIRAM



EMOÇÕES QUE
CONECTAM



PALAVRAS QUE
TRANSFORMAM



AUTORES QUE
ENCANTAM

FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO.

CLIQUE AQUI!